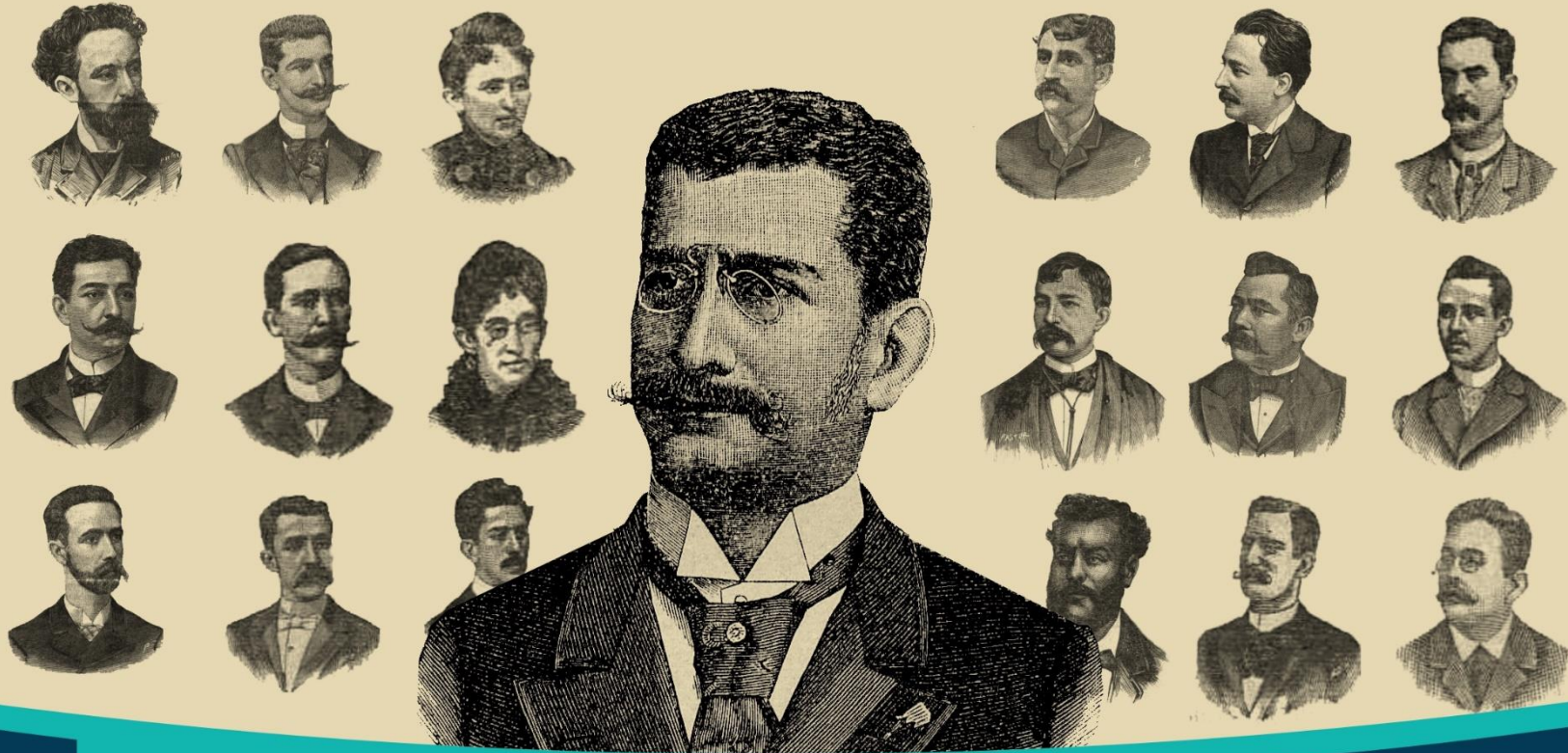





Coleção
Documentos
34

OSCAR LEAL:

RELATOS DE VIAGEM E INTERAÇÕES LITERÁRIAS

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

OSCAR LEAL: RELATOS DE VIAGEM E INTERAÇÕES LITERÁRIAS





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

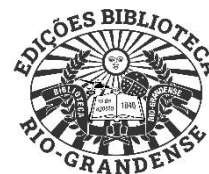
OSCAR LEAL: RELATOS DE VIAGEM E INTERAÇÕES LITERÁRIAS



- 34 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: Oscar Leal: relatos de viagem e interações literárias

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 34

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retrato de Oscar estampado no livro *Viagem a um país de selvagens* e retratos de vários escritores apresentados no periódico *A Madrugada*

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2020

ISBN – 978-65-87216-17-1

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Magníficas impressões tenho colhido durante as minhas últimas viagens através de todo o Brasil e em parte da América, da África e da Europa. Impressões que por muito tempo conservarei gravadas no meu espírito e que, quem sabe, talvez me levem a novas visitas para admirar mais demoradamente tantas maravilhas como aquelas que hei tido a fortuna de admirar até hoje.

Oscar Leal – *Através da Europa e da África*

APRESENTAÇÃO

Ao longo de seu percurso profissional vinculado à odontologia, Oscar Leal (1862-1910) desempenhou entusiasticamente uma carreira de escritor, com a qual viria a adquirir significativo reconhecimento intelectual no âmbito luso-brasileiro. Leal nasceu no Brasil, mas foi criado em Portugal, terra de sua família, onde recebeu as instruções iniciais. Sua formação educacional e o ensino universitário foram realizados no eixo Lisboa – Rio de Janeiro, uma vez que contou com o convívio familiar e fixação de residência em ambos os países. Sua maior paixão foram as viagens, tendo excursionado por vários países europeus, americanos e africanos. Mas sua maior preferência foi o Brasil, no qual realizou longas viagens que duraram vários anos, entre as décadas de 1880 e 1890, percorrendo grandes extensões de regiões interioranas brasileiras.

Para dar continuidade à sua vocação viageira, Oscar Leal adotou uma postura itinerante na execução de sua profissão, levando atendimento dentário às comunidades pelos rincões do Brasil, em suas diversas regiões. Desses tantos deslocamentos, Leal elaboraria uma série de relatos articulados com a literatura de viagem, os quais se somaram a outros gêneros nos quais o autor buscou atuar, como o conto, a crônica e a poesia. Nesse sentido, ele intentou articular em torno de suas atividades intelectuais múltiplas ações, mormente as de naturalista, literato e jornalista. Constituiu assim o que em sua época convencionou-se denominar de homem de letras, vindo a escrever vários livros,

além de colaborar com artigos editados em várias publicações periódicas. Dentre essas tantas atuações foi também editor, fundando e dirigindo vários jornais que circularam no contexto brasileiro e lusitano. Para atingir um certo nível de notoriedade em meio à intelectualidade, Oscar Leal não poupou esforços e empreendeu um verdadeiro projeto de vida, atingindo certo êxito, ainda mais por ter pertencido a entidades acadêmico-culturais no Brasil, em Portugal, na Espanha e nos Estados Unidos.

Este livro, concernente ao Estágio Pós-Doutoral realizado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior, apresenta quatro abordagens acerca da carreira intelectual de Oscar Leal. A primeira trata da incursão original do autor à literatura de viagem, com o livro *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*, mais especificamente do texto de abertura que mescla o real e o imaginário no sentido de desencadear a narrativa. O segundo aborda alguns dos capítulos do livro *Viagem a um país de selvagens*, mais detidamente em relação às experiências do viajante nos itinerários fluviais em mais uma de suas jornadas pelo Brasil. O terceiro detalha o projeto de Leal de estabelecer múltiplas conexões com escritores brasileiros por meio do periódico *A Madrugada*, que editou em Lisboa, em meados da década de 1890. Finalmente, o quarto traz o capítulo de encerramento do livro *Através da Europa e da África*, no qual o escritor fazia uma verdadeira ode a Portugal, terra que escolheria para fixar-se definitivamente.

ÍNDICE

Entre o real e o imaginário: um mote para a partida na primeira experiência com a literatura de viagem.....	15
De Lisboa às selvas equatoriais: aventuras no norte do Brasil.....	47
<i>A Madrugada</i> e uma rede de inter-relações com escritores brasileiros.....	121
O viajante encerrando sua jornada: a escolha da morada definitiva.....	179

**ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: UM
MOTE PARA A PARTIDA NA
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM A
LITERATURA DE VIAGEM**

O livro *Viagem ao centro do Brasil (impressões)* foi o primeiro que Oscar Leal escreveu a respeito de suas excursões por terras brasileiras. Editado em 1886, em Lisboa, pela Tipografia Largo do Pelourinho, o relato correspondia a uma viagem empreendida pelo escritor entre os anos de 1884 e 1885. O trajeto compreendia a saída do Rio de Janeiro, passando por várias localidades interioranas paulistas e mineiras até chegar ao “centro do Brasil”, em terras goianas e, encerrado o primeiro ciclo, retomava o mesmo caminho para empreender o retorno. Para a narrativa, o autor optou pela elaboração de uma espécie de diário, destacando as atividades promovidas dia a dia, mas também mesclou tal forma de abordagem com outros recursos.

Segundo o escritor, aquelas “impressões de viagem” de sua lavra, representavam “um pálido reflexo” de suas viagens ao Brasil, correspondendo a um esforço que chegou a pensar em não dar “à luz da publicidade”, mas que acabara por fazê-lo, atendendo indicação de amigos. Especificava que pretendia narrar “o que de mais importante” poderia relatar de sua “viagem desprestigiada e ligeira através do território brasileiro”, de modo a poder levá-la ao conhecimento dos “amigos de toda a parte”. Além disso, Leal explicava que não havia viajante que não se julgasse “com direito de apontar aos seus amigos e parentes os motivos de sua viagem”, surgindo “a mania de escrever impressões desta ordem”¹.

¹ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 13-14.

Iniciava-se assim o percurso de Leal na literatura de viagem, compreendendo seu livro a perspectiva que trazia consigo uma certa “conciliação entre uma assumida subjetividade do conhecimento e um nem sempre admitido exercício da imaginação, complementar e/ou contrastante”, como no tratamento da “dicotomia entre *expectativa* e *realidade encontrada*”, de modo a estabelecer “de forma crescente” uma estética “anelante do *literário*, muitas vezes, já bem inscrito no *jornalístico*, onde ocupa os ambíguos lugares da *correspondência*, da *crônica*, do *folhetim*, etc.”. *Viagem ao centro do Brasil* correspondia a uma época que consagraria uma “escrita convivial, efabulatória e esteticizada, radicada na convicção de que a interioridade humana é o território mais sedutor e inexplorado”, vindo a assumir “a viagem como pretexto e símbolo, tantas vezes só ficcional, de um processo de autoconhecimento que acaba por induzir no próprio leitor”².

A realização da literatura de viagem engloba o viajante em si e as condições de elaboração de seu relato, bem como suas intenções e estratégias de escrita. Como construção individual, tais narrativas envolvem abordagens objetivas e subjetivas que podem aparecer amalgamadas entre si, surgindo, inclusive espaço para as inter-relações entre o real e o imaginário. Nesse sentido, o estabelecimento de “alicerces do edifício ficcional” pode servir como um “modo de excitar a curiosidade do leitor”. Surge então a intenção de

² RITA, Annabela. De Sena Freitas... In: RITA, Annabela & ASSUNÇÃO, Paulo de. *Viagem a Istambul. O Padre Sena Freitas e o Itinerário de uma viagem à Constantinopla*. São Paulo: Arké, 2005. p. 43-44.

promover um “território comum ao autor e aos seus leitores”, levando a “opções retóricas que favoreçam essa socialização, que permitam tratar a diferença e torná-la compreensível aos outros”³.

Oscar Leal, com maior ou menor alcance buscou lançar mão desse tipo de estratégia. Seus livros de viagem eram bem pensados, desde o título, passando pelo conteúdo textual até as representações iconográficas, quando se fizeram presentes. O intento fundamental era atrair o público, vislumbrando um mercado de leitores ainda existente na Europa e pronto a consumir literatura de viagem. O título *Viagem ao centro do Brasil* tinha por inspiração o livro *Viagem ao centro da terra*, publicado mais de duas décadas antes, em 1864, por Júlio Verne, escritor que compunha a carga de leitura de Leal e com o qual chegou a trocar correspondência, da qual um breve trecho saudando “o amigo O. Leal” foi publicado em outro livro do autor denominado *Viagem a uma terra de selvagens*. Ainda que fossem obras e escritores totalmente diferenciados e com notoriedades amplamente díspares, o título similar, segundo a concepção de Leal, poderia ser um mote para a conquista do público leitor.

Ainda que Oscar Leal tenha intentado demonstrar um caráter de veracidade em suas narrativas, sem abertamente abrir mão de tal perspectiva, algumas vezes flertou com o ficcional e o imaginário ao entabular seus relatos de viagem. Isso ocorreu no texto que compreendia a abertura do livro *Viagem ao centro do Brasil* e que recebeu o título de “O segredo do suicida”. Ainda que

³ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [III] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 282-283.

buscasse dar um ar de um testemunho do real, fazendo uma localização temporal/espacial e visando a conectar tal texto de abertura com o todo da narrativa, havia uma discrepância dele para com o todo do livro. Nessa linha, “O segredo do suicida” se aproximava bem mais dos contos elaborados por Leal e publicados junto à imprensa periódica e em seu livro *Contos do meu tempo*, do que efetivamente em relação aos seus relatos de viagem.

Dessa maneira, “O segredo do suicida” tratava-se de uma estratégia empregada pelo autor para buscar atizar a curiosidade do leitor, partindo de uma representação do real que muito se aproximava com o imaginário e com o ficcional, para, a partir dela, desencadear a narrativa de viagem. O sucesso de tal intento acabou por ter amplas limitações, uma vez que o texto inicial aparecia de modo estanque, permanecendo isolado em relação ao restante do livro, sem que praticamente ocorressem interfaces do mesmo com o conjunto da obra. A intenção primordial de estimular a curiosidade dos leitores, poderia servir como uma estratégia inicial, mas sem qualquer tipo de confirmação ou continuidade, o que acabaria por trazer-lhe um papel praticamente inócuo, de modo que se “O segredo do suicida” fosse suprimido ou substituído por outra abordagem não teria feito nenhuma diferença no entendimento geral da narrativa.

Logo no início de “O segredo do suicida”, Oscar Leal já revelava seu grande encanto pelas viagens, especificando que realizava excursões desde a juventude e que, uma vez formado, passara a utilizar-se da prática de uma odontologia itinerante para prosseguir em sua vocação viageira. Revelando uma característica que marcaria a maior parte de seus escritos, Leal ressaltava os

encantos que tinha pelas regiões mais distantes do Brasil, mas, ao mesmo tempo, evidenciava os sacrifícios que demarcavam os caminhos daqueles que tencionavam executar tais itinerários. Em seguida ele passava a descrever a agitada vida na capital do Império, cheia de oportunidades de lazer e diversão, em clara oposição à realidade por vezes inóspita do interior brasileiro que seria a tônica de sua excursão e de quase a totalidade do livro.

Oscar Leal esclarecia que seu principal escopo naquele início de 1884 era o de partir em direção ao Brasil central e, em uma enorme carga de coincidência, em meio ao burburinho e milhares de possibilidades no Rio de Janeiro, ele foi encontrar exatamente um indivíduo cercado de mistérios e que tinha uma experiência pregressa em Goiás, identicamente ao destino de Leal. Desenvolvia-se então um longo diálogo entre o autor e o desconhecido, o qual empreendia uma narrativa que remontava ao ano de 1865, trazendo uma série de historietas que envolviam uma malograda caça ao tesouro. O enredo remetia à descoberta de cartas que remetiam ao passado, de modo que, entre testemunho e referências às missivas, o escritor intentava criar um certo efeito de um relato de viagem que remetia a outro e este, ainda a outro.

Ao longo desse texto inicial, o autor fazia referência a um dos elementos constitutivos fundamentais de seu pensamento, vinculado ao anticlericalismo, não medindo palavras para pejorar os clérigos, inclusive quanto à ruptura dos mesmos para com seus votos celibatários e a acusação de que eles se preocupavam muito mais com os interesses materiais do que com os espirituais. Outro ponto que chamava a atenção era a abordagem acerca dos

indígenas brasileiros, preferindo retratá-los como perigosos selvagens, bem de acordo com uma das tendências de literatura de viagem que vinha secularmente sendo traçada a respeito do Brasil. Nesse sentido, Leal se referia a uma tribo de índios, como “miseráveis inimigos da civilização” e “medonhos”, que poderiam até mesmo “ser antropófagos”, apelando para uma representação imaginária e imagética entabulada acerca dos nativos brasileiros desde o século XVI e repetida recorrentemente. Tal óptica do autor sobre os índios vinha a contrastar com outra tendência da literatura de viagem que observaria o índio brasileiro sob o prisma do “bom selvagem” e que, inclusive, viria a ser incorporada mais tarde pelo próprio Oscar Leal, notadamente em seu livro *Viagem a um país de selvagens*.

Após as idas e voltas no tempo, dos tantos personagens e da tragédia que recheavam a narrativa do desconhecido, a culminância da parte introdutória de *Viagem ao centro do Brasil* se dava com a ausência do mesmo em um novo encontro marcado com Oscar Leal, que viria a descobrir, por meio da imprensa e depois constatando pessoalmente, que aquele suicidara-se, daí o título “O segredo do suicida”. Já a parte do segredo ficava em aberto, pois o desconhecido passara a Leal uma espécie de mapa do tesouro, a ser encontrado em terras goianas. Nesse sentido, a vontade original de viajar para Goiás ficaria acrescida de uma possível busca por tal riqueza, despertando o interesse do leitor, o qual, acreditando nesse tipo de chamariz, inevitavelmente ficaria decepcionado, pois o conjunto da narrativa envolvia o trajeto de Leal em sua faina de dentista e sua ambição de naturalista, mas sem qualquer procura pelo tal tesouro.

Ao longo de *Viagem ao centro do Brasil*, ocorreria apenas uma referência a uma passagem de “O segredo do suicida”, no momento em que Leal se encontrava com um indígena que adquirira um “padre missionário”, como “o seu maior inimigo”. Diante de uma “vaga recordação”, o autor resolveu perguntar ao índio o nome de tal missionário, confirmando que se tratava de “Culbino”, o mesmo que fazia parte da história contada pelo desconhecido suicida. Diante disso, o escritor pensou “com os seus botões” que “Culbino” era o mesmo “célebre facínora evadido da África, o assassino, o sedutor, o covarde”, entretanto, ao refletir, lembrava-se “que essa criatura era morta”. Oscar Leal, dizia ter sentido “desejos de perguntar-lhe alguma coisa a respeito da célebre mina de ouro”, mas se conteve, porque sendo ele “senhor desse segredo”, o índio com quem conversava, não o era⁴.

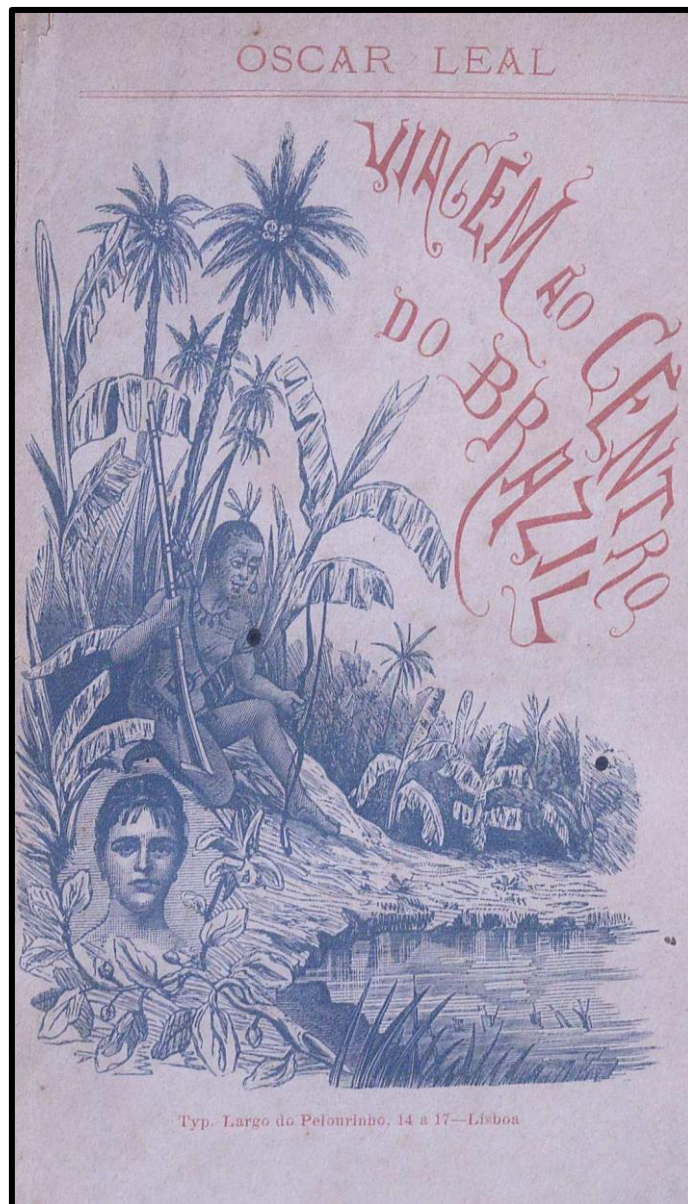
E se encerrava assim a única referência do conjunto da *Viagem ao centro do Brasil* ao segmento inicial do livro. Coincidência ou não, alguns anos mais tarde, Oscar Leal publicou *Contos do meu tempo* e, dentre os textos apresentados, aparecia o conto “A herança do Cubeto”, que também abordava a existência de um tesouro, este não em ouro, mas em diamantes, cujo segredo também chegou a estar na posse de um clérigo missionário e a historietta se passava na região do Brasil central. Nessa linha, “O segredo do suicida” não passou de uma estratégia narrativa, cujo fulcro não se confirmou, havendo apenas um indício inicial de um possível itinerário em busca de riquezas, que

⁴ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 114.

simplesmente se esvaeceria ao longo do desenrolar dos tantos relatos contidos no conteúdo geral da obra.

Entre a realidade e a ficção, entre o ocorrido e o imaginado, Oscar Leal deu ares de conto ao trecho inicial de seu livro, mas optou pela predominância da narrativa acerca de suas excursões na maior parte de *Viagem ao centro do Brasil*. Nesse contexto, o próprio autor ressaltava estar certo de que seus leitores haveriam de “compreender as dificuldades com que luta um mancebo, para levar a cabo uma ideia”, como aquela que dele se apoderara, ou seja, “conhecer um país viajando com os mais difíceis meios de transporte”, e enfrentado “inúmeras dificuldades a vencer, conseguindo cobrir as despesas com o trabalho que nobilita e engrandece a todos”. Diante disso, concluía que “muito pode a força de vontade de um homem” que, segundo sua concepção, dava “o mais nobre de todos os exemplos”⁵.

⁵ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 88-89.



O SEGREDO DO SUICIDA⁶

Depois de pequenas excursões pelo interior de várias províncias do sul, a ideia de viajar no Brasil cada vez mais se alimentava na minha mente.

Outro mandaria ao diabo tal gosto; mas o meu temperamento, meu caráter, a minha vocação finalmente, me encaminhavam para a contemplação e estudo de todas essas grandezas com que se orna a natureza sublime que devemos conhecer e admirar.

Foi por isso que aos dezoito anos de idade abraçando de uma vez os estudo de cirurgia dentária resolvi em seguida fazer uso da profissão para poder percorrer esse querido e rico Brasil. Dessa data até agora que são decorridos seis longos anos, quantas esperanças malogradas, quantas horas alegres, quantos dias de martírio e quantos de prazer tem-me feito cair em profunda e elevada reflexão.

Feliz porém daquele que, como nós, trabalha mas goza, sofre mas ama, padece mas vive! Tudo o mais é um completo engano como são todas as coisas mundanas.

.....

⁶ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 17-35.

A 20 de março de 1884 chegava eu ao Rio de Janeiro, após uma dessas excursões. Às 7 horas da tarde saltava na estação de D. Pedro II em frente do parque da Aclamação e tomando um carro de praça dirigi-me para a residência de minha família em Botafogo.

Uma vez ali, mudei apenas de trajos e como não encontrasse a família em casa, tomando um bonde, voltei à Rua do Ouvidor.

Eram nove horas da noite

Entrei num café, pedi um sorvete. Fazia um calor horrível e o pequeno salão estava coberto de fregueses. Os empregados não tinham mãos a medir, andavam num corrupio, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, num verdadeiro reboliço...

Aproveitei logo um lugar que se acabava de desocupar.

Num dos ângulos do estabelecimento uma rapariga italiana, acompanhada da guitarra e violino do companheiro, soltava triunfante entre aplausos a sua voz meiga e argentina.

Ao meu lado estava um sujeito trajado de preto, trazendo na cabeça um chapéu de abas largas.

Era baixo, de olhos grandes e oblíquos como os dos chins, o nariz um pouco arrebitado e os cabelos crescidos circulando-lhe o rosto oval.

Encarando-o por momentos julguei compreender alguma coisa de tristeza que tão sensivelmente o abatia.

Estava separado de mim pela mesa de mármore. Ofereci-lhe um cigarro que logo aceitou mirando-me paulatinamente. Depois de lançar lume ao mesmo, debruçou-se interrogando-me com delicadeza.

– O Sr. reside na Corte?

– Sim senhor, respondi. Tenho aqui a minha família, porém, viajo constantemente pelo interior das províncias.

A minha profissão assim exige, e para exercê-la com melhores resultados é preciso estar-se hoje aqui depois acolá. Ademais as praças de somenos importância trazem sempre a pouca demora. Extraio dentes a quem os tem, e coloco-os em quem não os tem.

– Bonita arte, exclamou ele.

– Bastante espinhosa, diga também

– Tem ganho provavelmente muito dinheiro, não é assim?

– Mais ou menos, podia até mesmo estar senhor de uma pequena fortuna, mas quando volto à Corte, esta vida alegre, os cafés, os bailes, os teatros, as mulheres, oh! as mulheres principalmente rapam-me num dia o que ganhei num mês. Mesmo assim julgo-me feliz porque desfruto o bom tempo.

Quanto porém gozo, mais a par ficam os sofrimentos. Não há alegrias sem ais.

A felicidade é uma mentira do coração, palavra do destino e um sonho que alimentamos sempre até o último momento.

Vacilo agora sobre que resolução tomarei acerca de uma grande viagem que tenho já projetada. Só tenho em mira conhecer o mais breve possível o coração do Brasil; este centro semi-habitado que se estende do Paranaíba ao Araguaia e Tocantins e onde está a capital de Goiás.

O desconhecido ao ouvir esta última palavra sentiu como um choque elétrico, produzindo-lhe como uma efervescência de espanto e admiração e parecendo jamais ter experimentado coisa comparável. Encontraria em mim talvez um digno sucessor de seus sigilos!

Este era de todos os acontecimentos recentes talvez o mais terrível que ele poderia ter jamais imaginado. O seu coração era talvez o alvo de alguma paixão que parecia dominá-lo constantemente.

Ainda bem não estava em si, quando levantando as abas do chapéu à altura dos olhos exclamou, com voz refletida.

– A Goiás? Por que o senhor diz que tenciona visitar Goiás?

Parece-me que cada vez que dizia Goiás, sentia qualquer coisa ofender-lhe o mais íntimo de seu coração e percebi duas lágrimas deslizarem-se-lhe sobre as faces retintas de angústia. O semblante tomara uma cor esquisita e passados alguns momentos tornou a perguntar-me como se não acreditasse na realidade da minha afirmativa.

– O senhor então não ignora os sofrimentos e incômodos por que vai passar?

– Não senhor, sou moço e nada temo. Não sou um D. Quixote, mas gosto de aventuras.

– E a que pontos da província tenciona ir?

– Ainda não tenho traçado o itinerário , mas devo infalivelmente passar pelas cidades da Formosa, Meia Ponte, capital, etc.

– A capital, sim vá à capital, e visto o senhor parecer-me um homem de bem, pois, que me falou também sobre sua vida peço-lhe licença para contar-lhe a minha história.

– Sou todo ouvidos, respondi-lhe.

E deitou de soslaio um olhar sobre a multidão que estava apinhada nas portas do café ouvindo a canção da italiana. Aquele sítio, porém, não era do seu agrado e por isso, levantando-se, fez-me sinal para sair.

Quando me achei ao largo, reconheci que uma febre bastante violenta me invadia o corpo todo.

Possuído de curiosidade por muitos motivos, cheguei a crer que tinha diante de mim um criminoso. Algum galé evadido. Amigo de aventuras deliberei escutá-lo atentamente.

Do café fomos em direção ao Rocio, entramos no jardim e buscamos um sítio menos frequentado pelos dândis daquelas horas.

Até ali não trocamos duas palavras. O homem refletia.

Poucos instantes depois passa pela nossa frente uma rapariga vestida esmeradamente com uma rosa ao peito.

Em seguida veio também um rapaz fazendo trejeitos com os braços, tendo numa das mãos gentil badine e na outra um leque chinês. Ia cantarolando baixinho só para moer:

“Amor tem fogo
Fogo de amor,
Amor ardente
Arrebatador.”

Quando perto de nós, parou e acendeu um cigarro. Um pálido reflexo bateu-lhe na face.

Oh santa pachorra!

Trazia o rosto completamente pintado com um sinal postiço vizinho ao nariz.

Logo depois continuou no seu passeio cantarolando ainda e eu exclamei com os meus botões:

– Eis o Rio de Janeiro na rua! Que será dentro de casa?!

Voltei então os olhos para o meu ilustre desconhecido que já se dispunha a principiar a sua história:

– Eu senhor...

– Oscar, o seu criado, completei-lhe a frase.

– Eu, senhor Oscar, residi em Goiás durante alguns anos e de lá saí há pouco tempo.

– O que me diz?! Abençoado acaso que me fez encontrá-lo porque o senhor sem dúvida vai informar-me que tal é isso por lá e se valerá a pena quando mais não seja ir ganhar muito dinheiro ao menos contemplar essa esplêndida natureza, essas paisagens que são de arrebatrar e a riqueza natural que deve ser extraordinária.

– Sim, senhor, mas primeiramente peço-lhe atenção.

– Exatamente. Queira principiar.

– Nascido de pais pobríssimos na cidade de Corumbá, província de Mato Grosso, lembrei-me aos quinze anos de correr o mundo e fugi da casa paterna.

Fiz várias viagens como tropeiro, camarada, etc. Estive em Miranda, Assunção, Nioaque, Piquiri e por fim em Cuiabá, de onde parti para Goiás ainda tropeiro.

A comitiva era bem regular. Constava de dezesseis pessoas, inclusive o patrão que ia em busca de melhor comércio.

Levávamos doze lotes de burros, ao todo de sela e de carga, cento e trinta e nove animais. Tínhamos que atravessar uma extensão de perto de duzentas léguas sem povoações por entre índios e feras.

Por isso como boa prevenção íamos sortidos de todo o necessário. Barracas, trens de cozinha, mantimentos, redes, armas de todas as espécies, etc.

Tínhamos já vinte e dois dias de marcha. Nos primeiros tudo foi bem, mas no vigésimo segundo a fatalidade veio ao nosso encontro.

Estávamos acampados num sítio algum tanto elevado e nas vizinhanças de uma aldeia indígena de cerca de mil arcos. Julgo que eram caiapós, esses medonhos caiapós que só lhes falta ser antropófagos, se é que por acaso o não são.

Quando demos por tal e reconhecemos o perigo que nos ameaçava era quase noite e resolvemos não abandonar o acampamento.

O patrão ordenou logo que se não acendesse lume a fim de não servir de guia aos selvagens que se achavam a boa distância.

E nós sem jantar e sem café, o que não era das melhores coisas!

Horas depois já todos nós estávamos imersos em profundo sono, quando um dos companheiros que estava de sentinela, avizinhandose de uma das barracas, exclamou:

– Patrão, patrão, aí estão os bugres! Vão atacar-nos.

Todos nós em sobressalto parecíamos adivinhar a iminência do perigo.

Urgia fugir, defender as vilas, e nem esperança de salvação nos animava.

Os nossos cães de fila não cessavam de ladrar.

Ao mesmo tempo ouviu-se um grito rouco, selvagem, rompendo o silêncio daquelas paragens. Era a ordem de ataque dada pelo chefe indígena.

Dezenas de flechas se cruzaram nos ares e vieram fincar-se nas cargas, arreios, em tudo finalmente que se achava formando uma barricada na nossa frente.

No meio de tudo isto imagine o senhor que desgraça! O patrão que estava já de pé, e preparando-se para a defesa é vítima de uma flecha dos malvados que se lhe veio cravar no peito.

– Miseráveis, exclamou o coitado caindo morto instantaneamente.

Depois foi uma cena horrível.

No meio da escuridão desenhavam-se a pequena distância formas extravagantes, vultos esquisitos, dando saltos ferozes em atitude de ataque.

A primeira arma que se descarregou foi a minha e do lado deles parece-me que fui eu também que fiz a primeira vítima.

Em seguida os camaradas fizeram fogo e em três minutos foram disparados vinte e oito tiros de espingardas, garruchas, revólveres, etc.

Houve um intervalo e a confusão foi enorme.

As flechas não diminuíram e logo em seguida caíram dois dos nossos.

Depois outro, mais outro, outro, ainda mais outro...

Dentro de um quarto de hora só eram vivos eu e um companheiro. Protegidos por uma barricada de couros e cargas, principiamos numa série contínua de fogo e mais fogo. Em dez minutos tinha dado grande número de tiros com a espingarda do patrão que era de carregar pela culatra.

As flechas diminuíram.

Ainda me restavam oitenta e tanto cartuchos com balas.

Parei vendo que os índios amedrontados sumiam-se em várias direções. Daí a uma hora o silêncio era enorme. Tudo estava terminado. De quatorze vítimas que jaziam estendidas no solo, nem uma só apresentava sinais de vida.

Até os cães não haviam logrado escapar.

Assim passamos essa tormentosa noite em terríveis colisões. Quando a aurora raiou no horizonte, principiamos a avistar ao longe num descampado um punhado enorme de cadáveres.

Eram os nossos animais que não conseguiram escapar à sanha dos miseráveis inimigos da civilização.

Quando chegamos ao campo só encontramos três vivos e que não haviam sido ofendidos. Havia ainda uma besta velha nos últimos paroxismos da agonia.

Fora ferida numa orelha, mas o fatal veneno não a pouparia de certo.

Quanto aos bugres apenas encontramos os cadáveres de sete e entre eles o de um que podia ter apenas doze anos de idade.

Os que escaparam haviam-se sumido nas sinuosidades daquelas terras ainda tão longe da civilização.

Eu e o meu companheiro combinamos sobre o que fazer quanto antes, a fim de abandonar tão melindrosa e crítica situação.

Abrimos em seguida uma vala onde demos sepultura aos corpos dos nossos companheiros e do infeliz patrão.

Partir foi o que fizemos em seguida. Felizmente ainda nos sobravam três animais.

Levava comigo todo o dinheiro que encontrei, apenas seis contos e tantos mil réis que divididos entre nós, coube trezentos e doze mil e quinhentos a cada um.

Mais prudente era voltar para trás a fim de evitar novo encontro com os indígenas e como o companheiro conhecia perfeitamente aqueles campos fomos em direção ao Coxim onde chegamos depois de mil lutas e sofrimentos.

Uma vez aí seguimos o caminho do Rio Verde de Goiás onde tencionei demorar-me alguns dias.

O meu companheiro obteve um emprego e eu parti para a capital.

Quando lá cheguei estava na pindaíba, sem um vintém no bolso e como não havia outro meio, sentei praça e fiquei logo um excelente soldado raso.

Dois anos depois o tenente do meu corpo viu-se bastante doente e como eu tinha sido para ele um amigo dedicado, disse-me:

Torilo, sei que vou morrer. Tu tens sido um bom soldado e além de tudo um bom amigo, e como eu não tenho parentes de qualquer espécie, deixo-te por meu único herdeiro. Sabes que sou pobre e que tudo o que possuo é uma migalha, mas em todo o caso, antes pouco do que nada.

Aqui estão quinhentos e poucos mil réis mais em dinheiro e esse diamante que vale pelo menos outros quinhentos. Guarda portanto isso antes que façam o inventário.

As lágrimas vieram-me aos olhos quando vi o meu tenente falar-me por aquela forma. Preferia-lhe a vida cem vezes, mas ele tinha as horas contadas.

Um suspiro subiu-lhe à garganta e exalou-se depois em um gemido.

Percebi então que ainda tinha alguma coisa a dizer-me, porém a voz extinguiu-se logo e pode apenas apontar-me para a gaveta de uma mesa onde existia um papel. Apenhei-o, e sem o ler compreendi que encerrava tudo quanto me tinha a dizer. Dois minutos depois o meu tenente era cadáver.

Abri as portas do aposento e deixando ali duas negras fazendo companhia ao finado retirei-me apressadamente. O tal papel tenho-o aqui e encerra um segredo que de hoje em diante pertencerá ao senhor. Ei-lo.

"Goiás, 20 de novembro de 1865

Meu querido Pelino:

A velhice e os sofrimentos porque tenho passado puseram-me num estado lastimoso. Triste sina a de um desgraçado que espera a morte a todos os momentos.

Sim, meu irmão, eu sou um miserável, a minha vida tem uma história negra; infâmia sobre infâmia, miséria sobre miséria! Contar-te é-me impossível, porque assim nos ordena a nossa santa irmandade.

Reconheço que já não sou deste mundo e por isso deliberei escrever-te estas linhas.

É provável que há muito tempo me julgasses morto, como todos por aí o devem crer também.

A mesma coisa podia julgar a teu respeito se não fosse uma notícia que vi num jornal português.

Faz quarenta anos que aí pratiquei os mais vis e horríveis crimes pelo que fui condenado ao desterro na costa da África. O que sofri durante dois anos, convivendo com selvagens e feras só eu o sei, e posso compreender.

Um dia julguei-me feliz quando o acaso ofereceu-me fácil meio de evasão. Para consegui-lo entrei num corsário, fiz-me uma espécie de pirata, vitimando o meu semelhante e conseguindo assim dar com o costado no Brasil.

Tinha então vinte e seis anos, estava em boa idade e a ambição bem depressa me orientou a respeito do caminho que devia trilhar.

Internei-me nos sertões a cata de ouro e pedras finas, e para melhor conseguir a estima de todos, fiz-me padre (a vapor) e juntamente com outros santos missionários parti para o centro, passando por várias localidades onde éramos recebidos sempre na maior boa fé. A nossa divina palavra era respeitada.

As velhas foram sempre as nossas alcoviteiras. Não nos faltaram raparigas bonitas que se tornaram nossas amantes disfarçadas pelo confessionário.

Muitos maridos se tornaram *coitadinhos*, e muitos deles vieram a ser pais de nossos filhos.

Mais tarde conseguimos penetrar nas grandes aldeias indígenas e só tínhamos dois fins; primeiro que outros descobrir os tesouros naturais e apossar-nos deles.

Descemos os grandes rios e percorremos uma extensão de perto de duas mil léguas. Há tempos dei comigo nesta terra abençoada, cujo santo povo me recebeu de braços abertos.

Entretanto reconheço que sou simplesmente uma ave de rapina coberta pelas vestes sacerdotais.

Foi ainda o ouro que aqui me trouxe. Ora imagina tu que depois de tantos trabalhos e quando depois de velho e nas vascas da morte consigo descobrir um verdadeiro e rico veio aurífero.

Este veio está.... terrenos já explorados a... léguas desta capital.

Este segredo eu te confio. A nossa santa irmandade acha-se bastante rica, para se dar a incômodos com mais esse punhado de ouro.

Faz a este respeito o que te aprouver; o segredo é teu, nada mais tenho a dizer-te.

Teu irmão

Culbino."

Ora devo-lhe dizer que esta carta estava junta a uma outra, creio que letra do tenente a qual continha mais ou menos estas palavras.

" A carta escrita pelo padre F... a seu irmão Pelino no dia 20 de novembro de 1865 foi encontrada por mim, depois da sua morte, dentro de um livro que lhe pertenceu. Creio que não teve tempo de mandá-la levar ao correio, ou ignoro se desistiu de seu intento para não sacrificar os bens da igreja."

Estava assinada pelo tenente.

Ora à vista ainda disto, compreendi o que devia fazer, que consistia em ir à procura do famoso veio.

Na cidade havia uma rapariga de dezoito anos que estava vivendo na minha companhia. Chamava-se Florina. Fui logo ter com ela, mostrei-lhe a pedra e as notas e perguntei se queria acompanhar-me numa pequena viagem com mudança de residência.

Mostrou-se algum tanto contrariada vendo que eu tinha de desertar e depois podia vir a ser preso, sofrendo a separação.

Expliquei-lhe o meu projeto em poucas palavras. Que iríamos ficar por algum tempo em certo sítio, onde trataria de descobrir um excelente tesouro que um amigo me confiara na hora da morte.

Resolveu-se sempre a acompanhar-me e nessa mesma noite partimos para o local designado onde chegamos quase ao romper do dia. Felizmente já era conhecedor do terreno.

Com o ouro tudo se arranjava, o principal era descobri-lo custasse o que custasse. Nos primeiros dias edificamos uma choupana e cuidamos de vários afazeres.

Decorrido assim um mês, veio-nos a falta de víveres e outras coisas perturbar o nosso bem estar. Fui ao único vizinho que havia ali a uma légua e que um ano antes obtivera baixa no mesmo corpo. Era portanto um amigo.

Depois de lhe falar não do segredo, mas sim do que ali me levava, pedi-lhe para vender e comprar-me qualquer coisa quanto necessitasse, e obtive tudo o que desejava.

Voltei ao meu retiro continuando no serviço de desobstrução do poço principal, onde devia estar oculto o famoso veio.

Um dia, dia infeliz que só me faz lembrar a morte como lenitivo a tantos males, às 8 horas da manhã, depois de muito trabalho, descobri o que procurava ansiosamente, conhecendo que um sonho podia tornar-se realidade.

O que não acreditava era que tal descoberta trouxesse consigo a maior de todas as desgraças.

Tinha na minha vista um veio riquíssimo, ouro de primeira sorte. Por momentos quanta felicidade, quanta esperança em via de realização!

Louco, transbordando de alegria, gritei então com toda a força dos meus pulmões, por aquela que só e única devia vir a conhecer o meu tesouro.

– Florina! Florina!

E ela acudiu ao chamado com o sorriso nos lábios, veio à borda do poço e com tanta infelicidade o fez e se debruçou que, perdendo o equilíbrio, caiu e sobre ela uma parte do terreno abateu, indo sepultá-la para sempre no fundo do abismo.

Para salvá-la precipito-me e em péssimo ponto fico sem poder retirá-la do sítio profundo onde se achava, nem meio ou pessoa que naquelas tristes emergências me ajudasse a dali sair.

Com muito custo, porém, consegui safar-me quatro horas depois de imenso trabalho, servindo-me as mãos de alavancas e as unhas de picaretas.

Quando me vi salvo quis preferir a morte.

Que restava fazer?

Partir e partir para sempre de tão lúgubre paragem. Encobri com piçarra o famoso veio e de lá parti no mesmo dia.

Numa estrada encontrei-me com o tal vizinho que me deu uma fatal notícia.

Disse-me ele que em Goiás correrá o boato depois que desertara, ter eu roubado o tenente e contribuído até mesmo para a sua morte.

– Que infames! exclamei no auge da desesperação.

Quando porém refleti, vi que não pensavam mal. Era o castigo da ambição!

Continuei pois a minha viagem, fugindo sempre dos olhares curiosos, caminhei sem novidade cerca de cento e sessenta e tantas léguas até a Província de São Paulo, onde tomando a estrada de ferro, vim dar comigo nesta grande capital.

Creio que não viverei muito tempo e, portanto, tenho depositado o meu segredo nas suas mãos. como homem de destino foi também o destino que me o enviou e é o destino ainda que o faz sabedor desta história.

O desconhecido havia terminado e consultando o relógio exclamei:

– São onze horas. É tempo de descansar.

Perguntei-lhe então se desejava passar a noite em nossa casa, o que não aceitou e como mostrasse desejos também de se afastar tornei-lhe com interesse.

– Encontrar-nos-emos amanhã no mesmo café, sim?

Ao que se dignou responder:

– Oxalá que sim, amigo.

Apenas trocadas as boas noites, cada um seguiu para seu lado.

Quando cheguei *chez moi* em Botafogo, passava da meia-noite.

Atirei-me sobre o leito de chapéu e botinas, sem mesmo me incomodar a acender uma vela. Tristes ideias sucederam no meu espírito e nenhum bálsamo refrigerante vinha circular em minhas veias.

Conhecia perfeitamente que o enfado, a melancolia e talvez mesmo uma estranha paixão agitavam o tal desgraçado viajante, devorando-o, e quase que o constituíam em um estado estranho à atmosfera de prazeres, de que se achava rodeado nesta grande cidade.

O meu cérebro povoa-se de terrores vagos e de vez em quando voltava-me de um para outro lado sem conseguir conciliar o sono. Só pela madrugada senti fecharem-se-me as pálpebras e horríveis sonhos vagaram na imaginação durante bom espaço de tempo.

Lembrei-me que sonhando julguei ter chegado à longínqua capital e que esta era cercada de muralhas por causa dos indígenas. Que ali havia onças e tigres em passeio pelas ruas. Que dai depois visitei o tal vizinho de Torilo e que cheguei ao célebre poço acompanhado por um menino.

Uma vez ali deixando este a distância, avizinhei-me do poço, quando vejo um esqueleto humano surgir daquelas profundidades apontando-me o caminho pelo qual viera.

Despertei então sobressaltado e levando as mãos à testa, percebi que estava banhado em frio suor. Abri os olhos e reconhecendo que era já dia, levantei-me e não saí de casa, entregando-me à leitura de jornais.

Ao anoitecer peguei do chapéu e badine e tomando lugar num bonde fui saltar no ponto da Rua de Gonçalves Dias. A do Ouvidor estava cheia de povo. Gente que ia e vinha dos seus afazeres diurnos, de passeantes noturnos e de janotas parados em frente à vitrines, bilontras, filantes, etc.

Um perfeito inferno em inegável paraíso.

Encontrei um amigo que me deteve e quando vi-me livre deste aparece outro, mais outro, aos quais cumprimento, rompendo por entre aquela chusma de *bons-vivants* até que entro no tal café da véspera e que faz esquina com o largo de São Francisco.

Durante dez minutos não afastei a vista das portas, mas nada do homem aparecer.

Eram decorridas uma, duas, três horas e nada, sempre nada. O desconhecido parecia-me ser já um fantasma que me aparecera na véspera.

Estava numa inquietação difícil de expressar, e a cada instante decorrido, aumentavam os meus receios. Refletindo cheguei a acreditar ser tudo uma

caraminhola. O sujeito quis divertir-se à minha custa, não havia que ver. Contara-me um romance e queria talvez fazer-me agora protagonista em outro.

Cada vez as minhas dúvidas e suspeitas se reanimavam com mais energia. Era então cruelmente devorado por elas e entregava-me a todo o frenesi da desesperação.

Para as dissipar, saí dali e voltei para casa, porém vacilava ainda a respeito do partido que havia de tomar, se porventura estivesse enganado. Entretanto essa noite dormi tranquilamente até às 8 horas da manhã seguinte.

Depois de levantar-me e vestido como tinha por costume tomei um cálice de conhaque com leite de Minas e entreguei-me à leitura dos jornais do dia.

Num deles havia uma notícia que devorei rapidamente. Voltara ao mesmo estado de inquietações e desespero.

A notícia era esta:

“Suicida – De bordo de uma das barcas *Ferry* que ia para Niterói a uma hora da noite passada, atirou-se ao mar um indivíduo de cor branca, cujo nome ignoramos.

Ontem, porém, apareceu boiando perto da praia do Boqueirão um cadáver que se supõe ser o do infeliz suicida e que foi recolhido ao necrotério. Nas algibeiras não foi encontrado papel ou escrito algum por onde se saiba qual o motivo de tal resolução. Somente no peito da camisa havia estas iniciais T. F.”

Li depois segunda, terceira e quarta vez e atirando a folha sobre uma mesa, mudei de trajo, saí à rua, tomei um carro de praça, gritando para o cocheiro:

– Ao necrotério.

Ele franziu as sobrancelhas e chicoteou a parelha.

Meia hora depois estava em frente do cadáver designado.

Pela roupa que existia a parte, reconheci ser o desconhecido que se suicidara.

– Desgraçado! exclamei comigo mesmo. que cena horrível! ante aquelas feições lívidas, a língua pendente e cor escura que lhe deu a água do mar!

Eis o fim da história de um infeliz. E saí imediatamente daquele lúgubre edifício.

**DE LISBOA ÀS SELVAS EQUATORIAIS:
AVENTURAS NO NORTE DO BRASIL**

O livro *Viagem a um país de selvagens* foi editado em Lisboa, pela Livraria de Antônio Maria Pereira, em 1895, e se referia a uma excursão realizada por Oscar Leal ao norte do Brasil entre os anos de 1886 e 1887. Ao contrário de outras viagens, cuja partida deu-se no Rio de Janeiro, dessa vez Leal saiu de Lisboa com destino direto ao Pará. O livro apresentava os elementos constitutivos comuns às narrativas de viagem empreendidas pelo autor, com descrições dos deslocamentos e caracterizações das localidades pelas quais passava, com destaque para Cametá, Mocajuba e Baião. Também abordava as potencialidades de exploração econômica dos lugares visitados, a admiração pela exuberância natural e um olhar civilizatório para com os habitantes, considerados muitas vezes como entregues à malemolência e à preguiça. Um dos pontos altos da obra foi exatamente o encontro com os “selvagens”, com a narrativa da presença de Leal em meio a uma tribo indígena.

Ao escrever *Viagem a um país de selvagens*, Oscar Leal dizia que não tinha “outra pretensão mais do que mostrar ao leitor que, viajando, todos os dias, todas as horas, todos os minutos são por mim aproveitados sob risonha concepção – a reunião do útil ao agradável”. O autor definia a si mesmo como “excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro”, que não se abarrotava “em estudos profundos”, nem se emocionava “nos meandros da paixão pela mania descritiva, a ponto de transmitir aos amigos” falsas informações e nem mesmo deixar-se “arrastar pela influência dos floreios literários ou dos adornos de elocução”. Ele pretendia tecer observações despreziosas que primariam “pela sua parte sincera e verídica”, escrevendo

páginas em um estilo “à *la diable*”, ou seja, “símile de ruidosa palestra de café entre boêmios, na mutação de impressões palpitantes onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias”⁷.

Quase uma década depois de iniciada sua jornada na literatura de viagem acerca do Brasil, com *Viagem a um país de selvagens*, Oscar Leal encerrava esse ciclo, vindo a publicar outros relatos de excursões, mas com itinerários diferentes em relação ao território brasileiro. Seguindo o modelo da literatura de viagem desenvolvida a respeito do Brasil durante quatro séculos, Leal deu maior ênfase em sua narrativa ao inusitado, ao diferente, tomando por padrão as sociedades europeias, local onde pretendia encontrar o fulcro dos consumidores de seus livros. Nessa linha, a escrita como “projeto inerente à viagem ou seu motivo, ou, então, consequência dela” leva em conta o “desejo de conhecimento e de aventura”, de modo que passa a ser “sempre seletiva”, falando “do ‘notável’, do ‘memorável’, do ‘pitoresco’, do diferente, do que se destaca pela sua própria natureza, impondo-se ao observador e exigindo ser registrado”. Além disso, “como escrita que se fundamenta no sujeito que alegadamente protagonizou a experiência da viagem, esses textos tendem a desenvolver-se de modo assumidamente controlado por ele”⁸.

⁷ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 11-12.

⁸ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 272 e 274.

Os tantos aspectos observados por Leal que redundaram na redação de *Viagem a um país de selvagens* traziam consigo a categorização do “pitoresco”, buscando levar a conhecer os lugares visitados por um público que poderia ficar maravilhado diante de um cenário tão diferenciado daquele com o qual estava acostumado. Ao contrário da maior parte das excursões empreendidas pelo escritor nos rincões brasileiros, que foram predominantemente por vias terrestres, a viagem pelo norte do Brasil foi em sua maior parte realizada através de cursos de água, ainda mais que um dos objetivos das investigações do vocacionado naturalista era efetivamente o conhecimento da bacia hidrográfica visitada. Esse ambiente dominado por grandes massas de água e florestas constituiu não só um campo de estudo díspar, como também um lugar cujas formas de exploração eram também peculiares.

Ainda que não gostasse do termo “aventureiro”, preferindo o de “naturalista”, Oscar Leal veio a empreender uma aventura no norte do Brasil, tanto que ao longo de sua narrativa praticamente não há referências à sua ação como dentista itinerante, o que constituía uma significativa diferença em relação a outras narrativas de viagem delineadas pelo escritor. *Viagem a um país de selvagens* era recheado dessas peripécias, mormente no contato com uma tribo indígena, ou mesmo nas visitas às comunidades locais, entretanto, alguns capítulos eram destinados a abordar especificamente as aventuras travadas no ambiente aquático, que tanta espécie causavam ao escritor. Tais segmentos do livro foram “A bordo do *Xingu*”, que se referia à partida de Lisboa, dando início ao relato das atividades no Pará; “Rio acima” e “A lanceada”, que

abordavam os preparativos e a execução de uma grande pescaria; “Caçada ao jacaré”, voltado a descrever uma incursão à floresta na perseguição a um troféu de caça, que seria obtido com a captura do citado réptil; “O igapó” e “Nos igarapés”, que traziam reflexões sobre as interações do visitante com o ambiente natural que o cercava.

Em seus relatos de viagem, Oscar Leal recorrentemente fez questão de apresentar-se como capaz de atos de bravura, ao enfrentar os mais difíceis obstáculos impostos pelas intempéries, pela natureza e mesmo pelo próprio homem. Nesse sentido, ele mostrou-se escalando montanhas íngremes e de grande altitude, flertando com a morte em tais empreitadas; defrontando-se com calores irresistíveis e tempestades inclementes; ou ainda, colocando-se frente a frente com feras que lhe ameaçavam a vida, como serpentes e onças. Idealizando a si mesmo como portador de indômita coragem, sem deixar de por vezes até mesmo heroicizar suas ações, Leal se descrevia como muito mais que um dentista ou naturalista, aparecendo como um esplêndido cavaleiro e caçador, imagem que construiu tanto textualmente, quanto em algumas representações iconográficas que idealizou e alocou em seus livros.

Entretanto, no ambiente amazônico relatado em *Viagem a um país de selvagens*, mais detidamente nos citados capítulos, haveria algumas diferenciações em relação a tal enfoque. Não que o Oscar Leal capaz de atos de coragem deixasse de aparecer, notadamente durante a visita aos indígenas, durante a qual ele não deixava de descrever suas propaladas proezas, ainda mais com o uso de sua espingarda, utensílio que ele mesmo qualificava como

inseparável e que se fez notar, por exemplo, em uma caçada a onças. Entretanto, em algumas das aventuras realizadas nas tantas vias fluviais que compunham o itinerário, Leal mostrou algumas das fragilidades concernentes ao ser humano normal, chegando a revelar momentos de manifestação de medo e até de pavor.

O medo constituiu um elemento fundamental “da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo”, de maneira que “não há homem acima do medo” e “todos os homens têm medo”. Nesse sentido, “aquele que não tem medo não é normal” e “isso nada tem a ver com a coragem”, pois “a necessidade de segurança é fundamental”, estando “na base da afetividade e da moral humanas”, tendo em vista que “a insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo da vida”. Ao ter certeza de sua finitude, o homem “é o único a conhecer o medo num grau tão temível e duradouro”. O medo “não é uno mas múltiplo, não é fixo mas perpetuamente cambiante”. Além disso, “o medo é ambíguo” e “inerente à natureza” humana, aparecendo como “uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte”⁹.

Apesar dessa naturalidade do medo, Oscar Leal em seus demais relatos de viagem optara por se mostrar quase que acima dele, ou seja, como um indivíduo valente e destemido, entretanto, o enfoque foi diferente ao enfrentar os “desertos de terra e água”, expressão que gostou tanto de utilizar para definir seus itinerários pela Amazônia, que a repetiu à extenuação ao longo de *Viagem a um*

⁹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23-24.

país de selvagens. Tais medos não afloraram no capítulo “A bordo do *Xingu*”, que descrevia o início da excursão, com referências aos primeiros lugares visitados e às condições da viagem fluvial. A princípio Leal reforçava seus intentos ao eleger aquele percurso, dando vazão ao seu “espírito investigador e alimentando cada vez mais o desejo do estudo sob a forma prática”, tendo assim, o “ensejo de conhecer desde logo as belezas naturais de tão opulenta região”. De acordo com seu pensamento cientificista, viu com jocosidade as credences populares quanto ao uso do binóculo, que, para os ribeirinhos teria a capacidade de revelar a nudez das pessoas. E, segundo sua proposta civilizatória, apontando tudo aquilo que considerava como atrasos do Brasil, como no caso de, a respeito da desorganização a bordo, falar de uma “negligência puramente nortista”. Tal itinerário foi acompanhado de ilustração idealizada pelo autor, de modo que, sob o título “O vapor continuava a tocar em vários pontos”, mostrava o *Xingu* ancorado em um pequeno atracadouro.

Já em “Rio acima”, começavam as aventuras propriamente ditas e alguns dos indícios de medo. Oscar Leal resolveu deslocar-se pelos cursos de água, de modo a travar maior conhecimento da região, especificando que era um passageiro que viajava “unicamente por diversão”. Mais uma vez, o escritor olhava com certo desprezo para com os moradores, referindo-se a localidades qualificadas como sem importância, e ao que denominou de “monotonia” reinante, com a presença de “corpos que se assemelham a cadáveres ambulantes, sem vida, sem ação, estátuas de papel, que só se agitam e balançam quando fustigadas pelos ciclones”. Em outro momento, os passageiros debatiam

sobre a falta de peixe no cardápio, o que seria impensável, tendo em vista a fartura de pescado que havia na região. Diante disso, o capitão, que era português, explanava sobre os locais, qualificando-os como pouco afeitos ao trabalho, em plena consonância com o pensamento de Leal. Segundo o comandante, aquela “gente” não pescava “porque é egoísta e pouco ambiciosa”, vivendo “bem sem dinheiro”. Foi por ocasião dessa carência de peixe na dieta que vários passageiros tiveram a ideia de lançar-se a uma grande pescaria, conhecida como “lanceada”, na qual os interessados tinham de afastar-se do *Xingu*, em uma pequena embarcação, cena idealizada pelo autor na gravura denominada “Rio acima”. Leal acabou por aceitar participar da “lanceada”, mas, desde o início, mostrou-se receoso, desde o ato de saltar à água, com o cuidado de não “pisar o fundo por causa das arraias e piranhas”. O escritor confessava que chegara a sentir “vontade de mandar ao diabo a tal lanceada”, dizendo que se conseguisse livrar-se daquela, não cairia em outra, sem que fosse possível safar-se “de tão melindrosa situação”.

Os temores viriam a confirmar-se no capítulo seguinte, que versava sobre “A lanceada” propriamente dita. Logo de início Leal mostrava-se incomodado diante daquele “espetáculo deveras curioso”, primeiro por ficar com as roupas ensopadas, diante do que confessava que “não estava nada a gostar da brincadeira”. Ele esclarecia que não era apenas “o susto e a inquietação” que lhe perseguiram, mas a enorme quantidade de mosquitos que lhe “atacavam cruelmente”, o que foi definido por ele como “um inferno”, estranhando que seus companheiros de aventura pareciam “afeitos ao martírio”. Havia outros motivos

para temores, como o “grande risco de ser devorado pelas piranhas”, chegando uma delas a abocanhar o calcanhar de um dos passageiros, perante o que, o autor definia que aquilo não era uma pescaria, ou coisa equivalente, tratando-se isto sim, de “um suplício”. Apesar do ótimo resultado, com a grande quantidade de peixes apanhada, Leal continuou mostrando-se intranquilo, ainda mais com a iminência da chegada de um temporal, que iria apanhá-los bem no caminho de volta ao *Xingu*. Diante disso, ele se mostrava “angustiado” e com dificuldades de “vencer a prostração nervosa que tomara conta” de si. Ao conseguir voltar à embarcação, Oscar apresentava-se como “desesperado” e definia o ato que se encerrava como “maldita pescaria”, voltando a utilizar a expressão “um inferno”, de maneira que, uma vez tendo escapado, estando seguro a bordo, julgou “ser um sonho”, diante do qual bradou “nunca mais”.

Outra aventura promovida por Oscar Leal na bacia hidrográfica nortista deu-se em “Caçada aos jacarés”, a qual, ao contrário da atividade anterior, foi promovida por iniciativa do próprio viajante. Ele saiu de um povoado exclusivamente com o intuito de dar cabo de pelo menos um daqueles répteis. Diante das dificuldades de encontrar os animais, os remadores revelavam seus receios de encontrarem piranhas ou “o próprio demônio”, proposição que Leal qualificou como “fanatismo”. Chegado definitivamente o encontro, diante da proposta de laçar o animal, Oscar impôs a sua vontade de abatê-lo com o uso de arma de fogo. Tal ato provocou não só a perda do jacaré atingido, que mergulhou nas águas, como a fuga dos demais, frustrando a intenção da caçada, chegando Leal a lamentar o fato de que tivera de voltar “sem um despojo da caçada que

mostrasse aos incrédulos” que ele havia se defrontado “com os terríveis anfíbios”. Ainda que tivesse errado a classe do animal em foco, Oscar Leal mostrou-se bem mais à vontade nessa aventura, por ele mesmo proposta e realizada em condições especiais que lhe davam vantagem, ainda mais com a possibilidade do uso de sua inseparável espingarda. No mesmo capítulo, o autor se referia às atividades mercantis locais, à prática da pesca e a outro dos riscos tão presentes, em referência às moléstias típicas da região, revelando que ele mesmo padecera por causa de uma delas.

“O igapó” trazia a narrativa da viagem empreendida após o contato com a tribo indígena dos apinajés, na qual contava com a companhia do guia da expedição, um índio chamado Mandú. A intenção de Leal era dar continuidade a seus estudos da hidrografia, mas ele fazia algumas digressões, mormente sobre Aygara, a índia com a qual ele estivera “casado”, quando na estada naquela tribo, sem lhe dar a devida atenção, diante do que se mostrava arrependido. A “frágil embarcação” em que viajavam acabaria por sofrer um sinistro, iniciando-se outro momento em que foram testados os temores do escritor. Logo de início, ao contato com “a frieza da água”, ele viu-se tomado por “um enervamento completo”. Com os companheiros tendo seguido caminho em busca de ajuda, Oscar viu-se em um igapó, ou seja, um “terreno alagado e imóvel”, no qual não conseguia permanecer em outra posição que não fosse trepado nas árvores. A solidão, a passagem do tempo, a posição torturante e a incerteza da obtenção de socorro começaram a despertar os medos do autor, que revelava ter ali passado “horrorosas horas, morto de fadiga” e sem outra presença que o “consolasse em

tão triste e pavorosa situação". A presença de uma embarcação nas proximidades despertou-lhe a esperança de conseguir um meio de salvação, chegando a representar tal cena em representação iconográfica intitulada "Acenei durante alguns minutos" em que, no alto de uma árvore tentou chamar a atenção dos possíveis salvadores, balançando sua camisa. Tal atitude revelou-se um insucesso e, passado um dia naquela posição, Leal via retomada a coragem, a partir da resignação e de lembranças de sua juventude. O calor piorava a situação e ele se via "isolado de tudo e de todos", até que finalmente os companheiros de viagem retornaram, promovendo o seu salvamento.

Finalmente, "Nos igarapés", Oscar Leal enfrentava outro inimigo, esse de ordem climática, com uma "terrível mormaceira e um sol abrasador", os quais levavam "ao desespero". Perante tal circunstância um "benéfico lenitivo" era a entrada num igarapé", definido como uma "gruta de verdura" e descrito textual e iconograficamente na gravura "O igarapé", dominada pela amplidão vegetal. Nesse local, Leal passaria por outra de suas aventuras, propondo-se a encantar uma cobra com o uso de uma flauta e por mais inverossímil que pudesse parecer, o escritor dizia ter obtido sucesso na empreitada, buscando comprovar que aquele não era um "episódio provindo da fantasia", e "sim um fato altamente científico". Por ocasião de uma enchente, Oscar viu-se forçado a participar de outra penosa aventura, ao ter de passar por uma pinguela formada por troncos, altamente insegura. Diante da nova ação, Leal reclamava que a mesma não seria simples para "um cidadão bem calçado e trajado", que teria de "aventurar-se a tal exercício sem dele ter livre prática". Conforme vislumbrava em seus

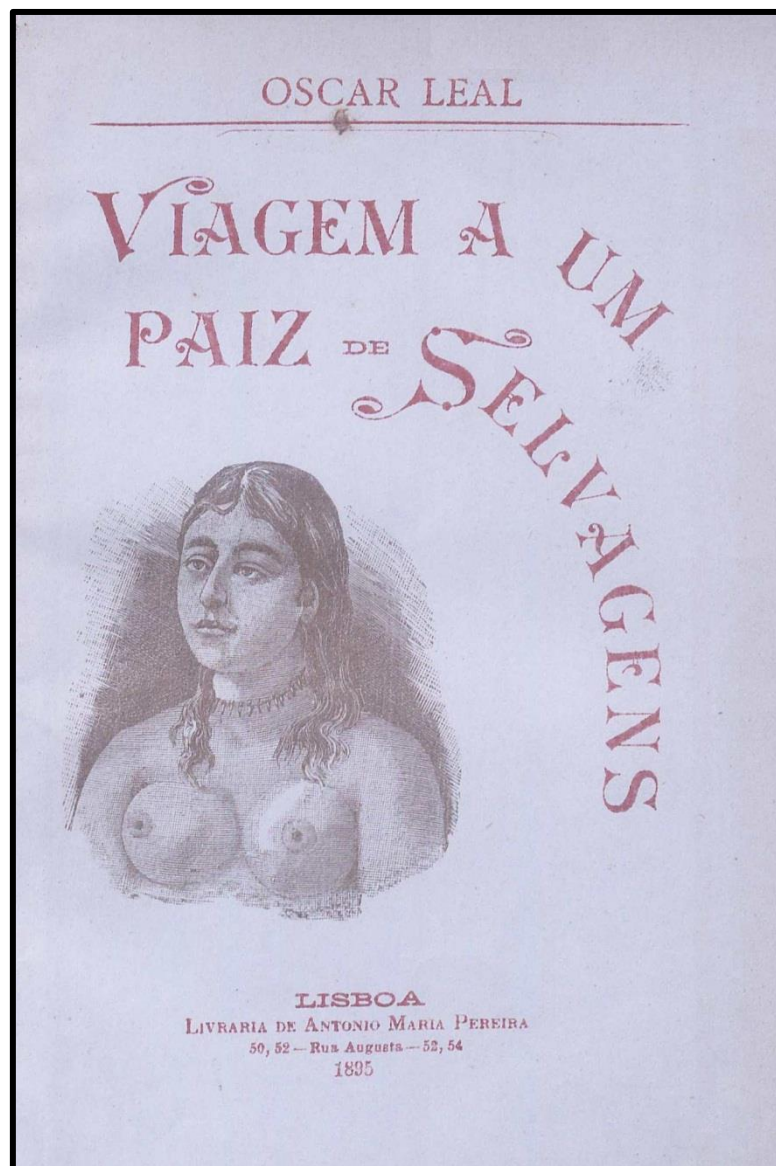
temores, o escritor acabou caindo na travessia, tendo de ser ajudado pelo demais. Em relação a tal acidente colocou a culpa na sua “vista curta”, chegando a conclusão de que “um míope só se deve aventurar em terra firme”. Ainda no mesmo capítulo chamaram a atenção do viajante as “Casas sobre estacas”, as quais foi dedicada uma gravura, uma descrição e uma análise sobre as suas incidências em outros locais e tempos históricos.

Estes capítulos ressaltados revelavam-se alguns dos mais notórios das tantas aventuras que Oscar Leal passara naqueles “desertos de terra e água”, para usar a sua repetitiva expressão. Em algumas delas, saiu-se bem, mormente aquelas por ele mesmo planejadas e executadas sobre condições de controle e segurança; em outras, entretanto, viu-se em vários apertos que trouxeram temores desde os mais brandos até os mais intensos. Os maiores medos de Leal estiveram vinculados aos riscos que envolviam as águas e o incontável temor de perder a vida, fosse pelo afogamento, fosse pelo ataque de animais. Desde os viajantes que desbravaram os oceanos a partir do século XVI, e cujos relatos faziam parte da carga de leituras de Oscar, houve um medo em relação aos mares. Embebido dessa espécie de medo coletivo, o escritor também se viu amedrontado diante daquelas enormes massas de água, ainda que fossem doces.

Nessa linha, ficavam demarcados racionalmente ou não, os “incontáveis males trazidos pela imensidão líquida”, de modo que “literatura de ficção e crônicas” reforçavam a “visão estereotipada” acerca dos males advindos da navegação, agravados ainda pelas tempestades, de onde adveio “a lição que

muitos tiram das viagens", pela qual "não se pode correr piores perigos do que aqueles que se enfrentam no mar"¹⁰. Oscar Leal sentiu na pele tais temores, embora navegasse pelos rios do norte do Brasil, nas tantas aventuras descritas em *Viagem a um país de selvagens*. A presença de tais revelações nas páginas do livro, em aberta discordância à postura do autor em outras obras da mesma natureza poderiam trazer consigo a intenção deliberada de chamar atenção para esses temores, tamanha a sua intensidade, e/ou para dar continuidade a uma prática muito comum nos escritos de Leal, ao entabular seus relatos de viagem, quer seja, enaltecer aquilo que ele considerava como enormes sacrifícios realizados no cumprimento de um propalado dever de prosseguir, a qualquer custo, a missão de viajante e o intento do naturalista, perseverando sempre na execução de seus estudos.

¹⁰ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 54, 57 e 59.



PRIMEIRA PARTE

I

A bordo do Xingú



M Agosto de 1886, deixando saudosamente o Tejo e a formosa Lisboa, partia com destino ao Pará, n'um dos vapores da Red Cross Line, que em carreira directa para alli seguem quinzenalmente.

Os primeiros dias de viagem foram máus e tormentosos. Na altura da Madeira, impetuoso temporal amedrontou os passageiros menos affeitos durante al-

gum tempo, e momentos houve em que a agua,

A BORDO DO XINGU¹¹

Em agosto de 1886, deixando saudosamente o Tejo e a formosa Lisboa, partia com destino ao Pará, num dos vapores da *Red Cross Line*, que em carreira direta para ali seguem quinzenalmente.

Os primeiros dias de viagem foram maus e tormentosos. Na altura da Madeira, impetuoso temporal amedrontou os passageiros menos afoitos durante algum tempo, e momentos houve em que a água, invadindo o convés, chegou a causar sustos e prejuízos.

Vencidos os maus efeitos originados pelos incômodos dos primeiros momentos, terminava felizmente a viagem alegremente e, treze dias após a nossa partida de Lisboa, o paquete ancorava em frente da rica e graciosa capital paraense na Baía de Guajará.

Recém-chegado e não desejando, a bem da saúde, aventurar-me durante os grandes calores, e permanecer por muito tempo nessa cidade, a conselho de várias pessoas, as quais fora recomendado, resolvi visitar algumas das localidades do próspero estado.

Para isso, tomando lugar a bordo do vapor *Xingu*, em um dos primeiros dias do mês de setembro, parti com passagem até Cametá.

Nada conhecia então dos usos e costumes do povo que habita as regiões amazônicas; mas, animado pelo meu espírito investigador e alimentando cada

¹¹ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 17-23.

vez mais o desejo do estudo sob a forma prática, seguia para o ponto do meu destino como sempre alegre e tranquilo.

A bordo logo encontrei entre os passageiros alguns cavalheiros amáveis, com os quais me foi fácil travar conhecimento, manifestando-se todos com franqueza, o que bastante me regozijou.

À meia-noite em ponto, o *Xingu*, já carregado, largava, sulcando vagorosamente as águas da formosa Guajará, que nesta ocasião refletiam a pureza da abóboda celeste. Senti como que um alívio no encontro de uma atmosfera mais confortável e oxigenada de que careciam os meus pulmões.

Dir-se-á que nesta zona equatorial o reino das trevas contém mais brilhantismo e limpidez que o reino da luz.

Aos dias escuros e chuvosos sucedem-se noites esplêndidas, de brilhante luar e imensa harmonia.

Pela madrugada, passamos em frente ao canal natural de Tagipuru, que forma o vasto arquipélago de Marajó, situado entre os grandes rios Amazonas e Tocantins.

Mais algumas horas decorridas e o ar delgado e sutil da manhã fresca, saturado das emanações perfumadas dos arvoredos, veio despertar-me.

O vapor acabava de parar em face da vila de Abaeté, no igarapé Marataura, cujos fundos das casas debruçados para o rio, tiram toda a vista que se possa desfrutar de bordo.

Esta vila é pequena e sem edificação alguma notável e o seu aspecto é triste e sombrio. Sentiu-se aí um tremor de terra a 4 de agosto de 1885.

Noutros tempos houve ali uma tipografia, onde era publicado o *Abaetense*.

A população da vila é de 700 habitantes.

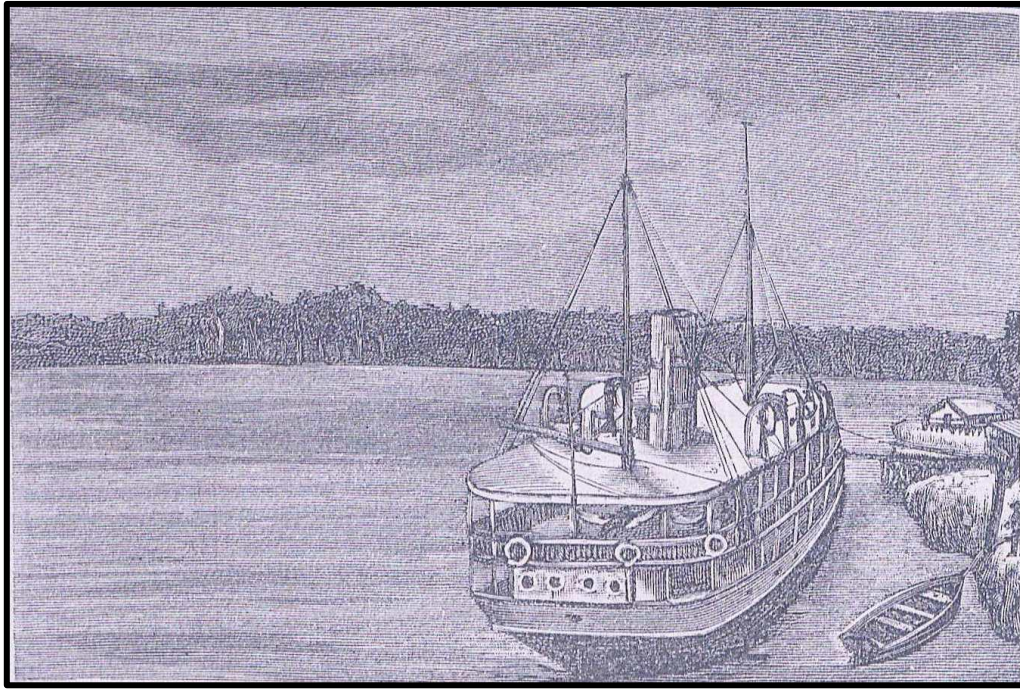
Nos termos reunidos de Abaeté e Igarapé-mirim há boas lavouras de cana, mandioca, milho e alguns engenhos de açúcar.

A palavra Abaeté significa pessoa notável.

Feita a respectiva descarga de mercadorias e desembarque de passageiros, partiu novamente o *Xingu* um pouco mais aliviado do peso que pouco antes suportava.

Daí em diante são incríveis as voltas que dá o vapor, atracando de hora a hora nos trapiches de quanto negociante é freguês da firma que representa a companhia ou empresa, pelo que é este essencialmente mercante, não oferecendo o mínimo conforto ou comodidade aos passageiros.

O passadio é mau e o serviço apresenta o cunho de uma negligência puramente nortista; os camarotes são invadidos por cargas e bagagens, sem adornos de espécie alguma e só deixando ver o desmantelamento que reina a bordo. As viagens são demoradas em virtude da má direção no serviço das descargas.



- O vapor continuava a tocar em vários pontos -

A popa da embarcação sob a tolda permanente apresenta interessante aspecto. Redes de várias cores acham-se suspensas de conveniente altura, nas quais se balouçam os passageiros, entregues às delícias do sono.

O espaço mais pequeno permanece quase sempre ocupado por cargas, bagagens e encomendas, máquinas de costura, gaiolas e muitos outros objetos. Ao centro acha-se a mesa, onde, durante o dia, são servidas as refeições e que de noite jaz completamente livre.

Foi justamente sobre ela que fiz colocar a minha cama portátil, e onde dormi algumas horas.

O vapor continuou durante o dia seguinte a tocar em vários pontos que me pareceram de nenhuma importância, mas, nestas voltas e passagens por igarapés e braços de rio, tive ensejo de conhecer desde logo as belezas naturais de tão opulenta região.

O termômetro marcava à uma hora da tarde 28 graus, sentindo-se excessivo calor a bordo.

De instante a instante, do parapeito da popa eu deitava o binóculo para alguma habitações que orlam com grandes intervalos as margens do rio, onde mulheres, homens e crianças acudiam a ver passar o vapor. Mais de uma vez notei que, ao assestar-lhes o binóculo, as mulheres tão somente corriam a esconder-se, ou caíam por terra aconchegando-se umas nas outras. Intrigado com isto, procurei saber o motivo, e foi com pasmo que ouvi um passageiro afirmar ser crença entre essa gente que o binóculo nos faz vê-las de pernas para o ar, descobrindo à vista todas as partes do corpo!

O riso que tal explicação me causou fez-me de novo entregar ao curioso passatempo, e, por causa da teima, vi-me dentro em pouco coberto de invectivas e insultos com que as mulheres de terra me mimoseavam, furiosas todas contra mim e, sobretudo, contra o uso de tal objeto, que, infelizmente, não possuía as famosas virtudes que lhe atribuíam.

Pelas duas horas da tarde, o *Xingu* efetuava vagarosamente uma travessia ao longo do rio, em cujas margens a monotonia da água era quebrada pela sombra desbotada das reboleiras e de exóticas gramíneas pendentes dos barrancos.

Refletia-se na limpidez do precioso líquido uma ou outra nuvem pardacenta, que se esgarçava sumindo-se nos ares. Ao longe, num horizonte cor de lume, ainda se divisava, como precursoras de embruscamento tardio, um montão de nuvens escuras.

Dentro em pouco, entrávamos num igarapé, onde o vapor parou, a fim de receber combustível.

Para quem, como eu, apreciava tudo o que a natureza sob vários matizes apresenta nestes desertos de terra e água, o dia inteiro foi pouco para dar por esgotada a minha curiosidade.

Só por volta das três horas da madrugada, ancorou o *Xingu* no ponto do meu destino.

Ao amanhecer, saltei em Cametá, hospedando-me no Hotel Tocantins, único que ali havia nessa ocasião.

IV

Rio acima



AIIS cedo do que esperava tive que deixar Cametá com alguns companheiros e partir rio acima em agradável excursão.

.....
Estavamos a bordo do *Xingú*, que sulcava as águas esverdeadas do Tocantins.

Tínhamos deixado poucas horas antes o porto da pequena villa do Bayão, de que me occuparei mais adeante.

Eram quatro horas de uma magnifica tarde. O calor diminuia sensivelmente e o espaço conservava uma côr de azul desmaiado. Entreviamos á nossa esquerda a terra firme, monotona, carregada de arbustos sombrios, enquanto que, para qualquer dos outros lados, um deserto d'agua semeado de ilhas cobertas de palmeiras, de matos espessos e impenetraveis.

RIO ACIMA¹²

Mais cedo do que esperava tive que deixar Cametá com alguns companheiros e partir rio acima em agradável excursão.

.....

Estávamos a bordo do *Xingu*, que sulcava as águas esverdeadas do Tocantins.

Tínhamos deixado poucas horas antes o porto da pequena Vila do Baião, de que me ocuparei mais adiante.

Eram quatro horas de uma magnífica tarde. O calor diminuía sensivelmente e o espaço conservava uma cor de azul desmaiado. Entrevíamos à nossa esquerda a terra firme, monótona, carregada de arbustos sombrios, enquanto que, para qualquer dos lados, um deserto de água semeado de ilhas cobertas de palmeiras, de matos espessos e impenetráveis.

Soprava uma brisa tibia de uma amenidade refrigerante.

Um bando de ciganas, aves de plumagem pardacenta e escura, passou pela proa do vapor em plácido voo sem descrever a mais pequena curva.

Neste momento, o tlin-tlin-tim da campainha de bordo despertava uns últimos passageiros, que ainda jaziam entregues à suave e descuidosa sesta,

¹² LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 41-48.

quebrando a paz contínua em que se envolve ainda hoje a natureza nessas alturas.

O comandante, um tipo marítimo e que não parecia ter queda para navegação fluvial, alto e vigoroso, fronte empinada, representando força e coragem, acabava de tomar alguns apontamentos e ao segundo sinal aparecia à ré.

A sua gravidade não era reparada senão por quem o não conhecia de perto.

Português acostumado desde tenra idade aos embates da vida, sabia perfeitamente tornar-se agradável sem a lisonja o inspirar.

A mesa estava posta e todos os passageiros iam chegando a ocupar os seus lugares.

Desta vez não eram poucos pelo motivo da viagem ser considerada quase extraordinária e ir-se muito além do Baião, o ponto final do costume. Além do Jataí, havia de realizar-se o embarque de uma boiada vinda do alto Tocantins (Boa Vista).

Alguns daqueles passageiros iam a negócio e outros unicamente por diversão.

Eu pertencia precisamente a este número. Entre os companheiros, citarei o Dr. Fernandes Belo, Visconde de Gerez, capitão Jacinto Moreira, José Paulino Martins, Alexandre de Castro e coronel Carlos Leitão, o invertebrado da Boa Vista*.

Todos ótimos companheiros de viagem, bem entendido.

Pareciam em geral apossados de bastante apetite.

A refeição ia a meio quando um dos passageiros, rompendo a mudez que nos cercava, disse:

– É deveras lamentável que não tenhamos peixe à mesa no decurso desta viagem, se tanto e tão saboroso existe neste rio. Desde o vulgar mapará até o delicioso curimatã.

– Sim senhor, acudiu logo o comandante, mas o que se torna necessário é que o pesquem e esta gente não o faz porque é egoísta e pouco ambiciosa. Vivem bem sem dinheiro.

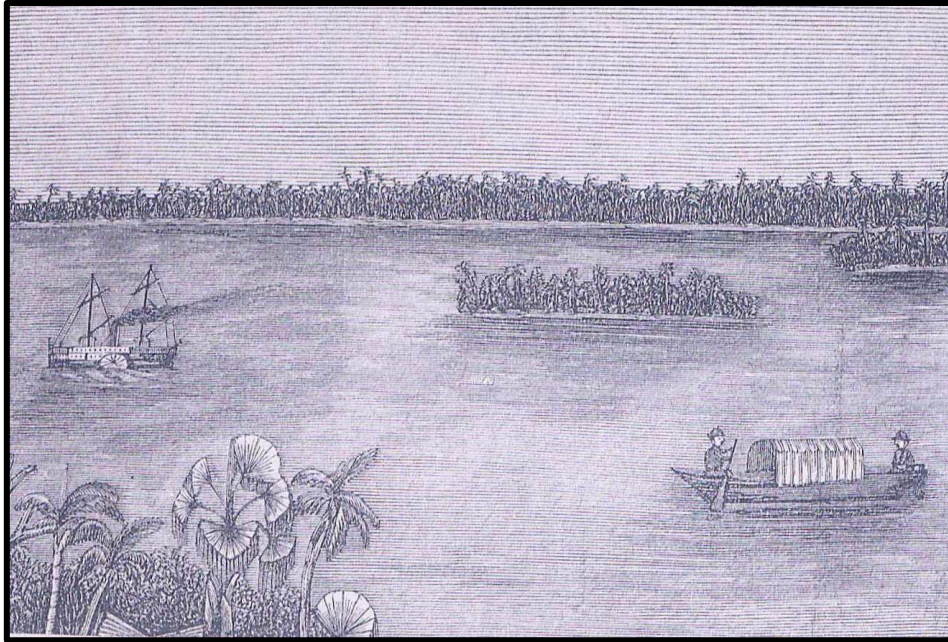
Os senhores sabem que o caboclo paraense passa a vida na rede, de cachimbo na boca e tocando viola.

– À lanceada! À lanceada! disse o visconde. Cearemos peixe assado, frito, de escabeche, ou como quiserem.

– Está dito, teremos a lanceada, repetiu José Paulino, que viera prevenido como todos os petrechos. Poderemos partir à boca da noite.

* Destes são falecidos o segundo e o quarto.

Um bravo ao autor desta proposta rompeu de todos os lados.



- Rio acima -

O vapor chegara a São Joaquim, atracando em seguida.

Cuidará o leitor que este São Joaquim é algum lugar ou ponto importante?

Nada disso. São Joaquim nestas alturas é uma ilha coberta de cacaueiros e seringueiras, onde apenas existe uma casinhola antiga, habitada por um preto

algun tanto expansivo, e que, por conhecer perfeitamente o rio até as cachoeiras, segue no vapor ocupando o lugar de prático. A ele deveremos pois não irmos a pique ou ficarmos encalhados como amiudadamente sucede às embarcações dirigidas por pessoas imprudentes.

Uma coisa digna de nota:

Havia um *crioulito* dos seus vinte anos, filho do mestre prático que tinha ares de afetado e presumido. Num momento vi-o saltar em terra sobraçando um pacote de jornais e perguntei-lhe curiosamente:

- Quem assina esses jornais por aqui meu rapaz?
- Eu, sim senhor, respondeu presunçosamente o gamenho.

Não podendo deixar de o experimentar melhor, acrescentei:

- E sabes tu quem morreu há pouco em Cametá?
- Não senhor.
- O Neves.

Como se vê, isto era uma redonda mentira mas o rapaz pareceu mostrar-se imensamente sentido e tão pronunciada a sua dor, que não pode deixar de manifestá-la.

- *Sinhô* Neves morreu, dizia ele, aquele homem tão bom...

O capitão Moreira, que ouvia a um lado, conteve um sorriso e dirigiu-lhe a palavra:

– Então, também conhecias o Neves, hein?

– Muito, muito. Era um bom homem, queria-me muito bem e todas as vezes que eu ia a Cametá a negociar e vender o nosso cacau, oferecia-me sempre a sua casa, os seus serviços...

– Está bem, voltei. Se não me engano és um dos herdeiros. Creio que o Neves não se esqueceu de ti.

– Qual! Isso era muita bondade.

E deixando-o, voltei para bordo mais o capitão exclamando:

– Que refinado patife!

Às seis da tarde, estava tudo pronto. A tripulação do vapor na maior parte havia obtido licença e seguia no escaler maior, onde José Paulino mandara acondicionar redes e cordas.

Eu, o capitão Moreira, o visconde e outros ocupamos uma igarité. E pusemo-nos ao largo.

Dentro em poucos minutos, ajudados em parte pela corrente, estávamos a algumas centenas de braças do *Xingu*.

A noite aproximava-se e a atmosfera tinha uma diafaneidade soberba...

Era completa a mudez que nos rodeava. Na imensidade dessas águas tudo se tornava a nossos olhos sereno e belo.

Ao viajante as impressões são sempre profundas e o nosso espírito perde-se na placidez destes páramos enormes, destes desertos de água, cuja majestade é sempre resplandecente.

Aqui, ali, além, muito longe ainda continua o aspecto selvagem destes recantos virgens, onde talvez estão ocultas riquezas de toda a espécie.

Tudo é misterioso, vasto, melancólico e sublime. E como imitando evidentemente a monotonia que aí reina, esta gente em vez de modular uma canção, ou entoar um canto, nada diz, nem canta, como se lhe faltasse sentimento.

Corpos que se assemelham a cadáveres ambulantes, sem vida, sem ação, estátuas de papel, que só se agitam e balançam quando fustigadas pelos ciclones.

Triste, muito triste.

Estávamos já num ponto cercado de ilhotas e areais, segundo me afirmaram, e a luz longínqua, que ainda pouco antes se descobria a bordo do *Xingu*, desaparecera de nossas vistas.

Neste momento, a lua surgia iluminando-nos com a sua fulgentíssima claridade e o ar continuava mais ou menos quente.

Repentinamente uma exclamação de susto rompeu o silêncio daquelas paragens.

– Que é isto, perguntei, erguendo-me com rapidez ao sentir o choque que abalava a frágil embarcação.

– Caímos num baixio. Estamos encalhados.

O escaler que levava os companheiros tinha feito a sua entrada naquele igarapé por um furo mais espaçoso e profundo.

Estava muito adiante de nós.

Tornava-se forçoso safar a caídaça igarité daquele acervo de areias ali reunidas.

– À água, ordenou o capitão Moreira, o mais rechonchudo de todos e o que portanto maior prazer devia sentir por ter de tomar mais um banho nessa noite, afora dois ou três que tomara durante o dia.

E saltamos todos na água não sem receio de pisar o fundo por causa das arraias e piranhas que aí abundam.

Confesso que neste momento senti vontade de mandar ao diabo a tal lanceada.

– Se me vejo livre desta, noutra não cairei tão cedo; dizia sem saber como safar-me de tão melindrosa situação.

O visconde ria despropositadamente.

Meia hora depois de imenso trabalho, conseguimos entrar no verdadeiro canal e a igarité sulcava mansamente aquela águas prateadas pelo esplêndido luar.

Um grito retumbou além.

Era a voz de José Paulino, que nos chamava de uma praia próxima.

A luz de um facho servia-nos de farol e em poucos momentos achamo-nos todos reunidos.

Os caboclos passavam de mão em mão o frasco de aguardente de cana e cada qual tomava um trago com o fim de não esmorecer, talvez mais do que de costume.

V

A lanceada



A-SE dar começo á grande pesca-
ria.

A enorme rede era lançada á
agua por vinte e tantas pessoas.

— Vamos, ordenou o chefe da
festaça.

Offerecia-se então a nossos
olhos um espectáculo de veras
curioso.

A lua argentea e linda innun-
dava aquelles dezertos de terra
e agua com uma luz fascinante
e a natureza inebriada pelo per-
fume de uma vegetação meia
aquatica, meia terrestre parecia
simplesmente sublime.

Duas ou tres creanças con-
duziam lanternas que illumina-
vam sufficientemente o espaço occupado pelos
lanceadores.

Por todos os lados se dilatava um painel bello
e magestoso.

Completamente nús os rapazes moviam-se n'uma
balburdia indiscriptivel. Entre elles havia tambem
uma cabocla velhota, que por ser amante d'estas

A LANCEADA¹³

Ia-se dar começo à grande pescaria.

A enorme rede era lançada à água por vinte e tantas pessoas.

– Vamos, ordenou o chefe da festança.

Oferecia-se então a nossos olhos um espetáculo deveras curioso.

A lua argêntea e linda inundava aqueles desertos de terra e água com uma luz fascinante e a natureza inebriada pelo perfume de uma vegetação meio aquática, meio terrestre parecia simplesmente sublime.

Duas ou três crianças conduziam lanternas que iluminavam suficientemente o espaço ocupado pelos *lanceadores*.

Por todos os lados se dilatava um painel belo e majestoso.

Completamente nus, os rapazes moviam-se numa balbúrdia indescritível. Entre eles havia também uma cabocla velhota, que por ser amante destas cenas não tinha querido deixar de os acompanhar e ajudar.

Todos os companheiros em fraldas de camisa e descalços esforçavam-se por lograr bom êxito.

¹³ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 49-55.

Eu infelizmente é que não estava nada a gostar da brincadeira. Calça, ceroulas, meias tudo a pingar. A própria camisa que conservava no corpo achava-se no mesmo estado.

Afinal não era só o susto e a inquietação que me perseguia, eram dezenas, centenas de mosquitos, de uma espécie microscópica, que me atacavam cruelmente os pés, as pernas, o rosto e as mãos. Terrível!

Não me deixavam tranquilo um segundo e vingava-me maldizendo a hora em que resolvera pisar fora de bordo.

Um inferno! Um inferno!

Os companheiros, esses afeitos ao martírio, nada diziam. Pareciam ter a pele curtida.

Recomendavam-me fricções com aguardente.

Repentinamente a minha atenção foi desviada pelo alarido mais forte que soara entre os companheiros. Uma gargalhada infernal.

– Mas que será, pensei por um instante. Apanhariam algum boto?

A caboclada voltava à praia.

O estrépito das vozes afigurava-se medonho.

Corri de um ponto para outro, esquecendo por um instante o enxame de mosquitos que me perseguia sem cessar e ao dar com a causa de todo esse motim, soltei também uma risada forçosa e prolongada.

Nada mais e nada menos que o capitão Moreira ter escorregado e caído na rede com grande risco de ser devorado pelas piranhas.

– Sim senhores, não está má a patuscada. Se fosse comigo, estou certo que sairia em mau estado.

– Qual, objetou o visconde. Deixe-se disso e venha ajudar-nos. Olhe que imensidade de peixe se apanhou de uma só vez. E que variedade?

– Antes de ir atrás dos siris ou dos caranguejos, que...

O visconde não me deixava terminar.

– Já provou este peixe ensopado?

– De forma alguma.

– Pois prove e...

E antes de acabar o que ia dizer, deixou um grito surdo partir-lhe da boca ao mesmo tempo que levantava apressadamente o pé esquerdo.

Uma piranha, horrível piranha, picara-o no calcanhar.

– Ora viva. Se tivesse sido o meu, com certeza teria ido calcanhar, pé e tudo. Ah meus amigos isto não é pescaria nem coisa que o valha, é simplesmente um suplício.

Vamo-nos daqui, senão...

E neste momento eu erguia o olhar para a abóboda celeste.

A lua escondia-se sorrateiramente através de um montão de nuvens pardacentas e ao longe relampejava repetidamente.

Uma tempestade em perspectiva desenhava-se no espaço.

– Safemo-nos com tempo.

Mas qual. Era malhar em ferro frio.

Nada os faria recuar ou distrair.

O visconde permanecia a um lado, firme, nu dos pés à cabeça e apenas com a ceroula envolta na cintura em atitude de contemplação.

Admirava-o assim como ao gorducho capitão, agoniado sempre com os malditos mosquitos.

Finalmente ouvi a voz de um dos companheiros ordenando a retirada.

A igarité estava próxima, entramos nela sem demora.

Dentro em pouco estávamos ao largo, porém José Paulino e os companheiros do escaler haviam desaparecido.

Mas como? Porventura não teria partido ao mesmo tempo que nós?!

– Helás! gritou um dos nossos.

Apenas o eco retumbava ao longe e nem uma voz respondia.

– Fugiram de nós e ocultam a luz a fim de não partirmos no seu encalço, disse o visconde sem temer que alguma catástrofe pudesse ter tido lugar.

José Paulino tivera razão de dividir a gente. Com tamanha balbúrdia nada era feito.

Em todo o caso já haviam apanhado peixe suficiente para todos a bordo. Parecia-me pois mal cabida temeridade arriscarem-se para mais longe e a horas tais contando com um tempo duvidoso.

Dois caboclos munidos de *tacumãs* remavam paulatinamente sem nunca se descuidarem de tomar de quando em quando um gole de aguardente e acenderem os cachimbos.

Inquieto com o estado atmosférico, não deixava de apressá-los.

Lufadas quentes que pareciam partir das águas sufocavam-nos. A água ondulava algum tanto encapelada e rajadas desiguais sucediam-se de instante a instante.

Das florestas vizinhas nas ilhas próximas, partia um ruído estranho e atemorizador.

Uma orquestra de batráquios acompanhava o ribombo do trovão.

Eu escutava, angustiado, prevendo a todo o momento sermos arrastados pelo temporal.

A corrente não se acelerava neste local e de espaço a espaço notei que pequenas ilhas flutuantes desciam o rio. Eram montões de ramos, troncos de plantas, folhas, etc., que se desprendiam dos barrancos rodando com a corrente.

O visconde não deixava a todo o momento de tranquilizar-me. Contudo era em vão tentar vencer a prostração nervosa que tomara conta de mim.

A escuridão parecia cada vez mais compacta e o vento soprando agora mansamente aliviava-me os pulmões extenuados.

De repente ouviu-se o estrondo formidável de um trovão que os ecos repetiam depois que imenso clarão iluminou por dois segundos aquelas águas.

A voz sinistra da tempestade estava impressa nas cóleras da natureza.

Era quase meia-noite.

Um novo ruído chegava a nossos ouvidos e desta vez felizmente não nos enganávamos. Eram os latidos de um cão de bordo, que dava pela nossa aproximação. Mais algumas remadas e alcançaríamos o vapor, livres de perigo.

Tínhamos sido felizes em acertar com o ponto de partida no meio de tão medonha escuridão. O vento apagara a luz do *Xingu*.

Chegados ao ponto final, saltamos da igarité para uma estiva, como lhe chamam, colocada horizontalmente durante a vazante entre a margem e o vapor.

Era um enorme tronco de buriti, podre, fraco e escorregadio.

– Maldita pescaria, exclamava mais uma vez desesperado.

É que se tornava forçoso ainda executar exercícios arriscados sobre aquele tronco de palmeira, sustentando o equilíbrio e com risco de cair no atoleiro.

Um inferno!

Contudo, fui o primeiro a passar.

Quando me vi a bordo escapo, julguei ser um sonho e bradei.

– Nunca mais.

O Dr. Belo que jogava o solo com o comandante e o Alexandre de Castro riu-se a valer.

Foram mais previdentes.

Saltando da popa o cão continuava a ladrar, quando em busca da coisa distingui uma luz que parecia aproximar-se.

Era José Paulino e seus companheiros que voltavam sãos e salvos, e ainda mais ufanos, pela bela pescaria que haviam feito.

O cozinheiro tomou logo conta de algumas cambadas de peixe escolhido e tratou de prepará-lo da melhor forma possível, reservando o restante.

Pouco depois a mesa estava posta e todos, incluindo eu próprio, se entregavam ao melhor da festa não sem ainda contarmos um novo acidente.

– Maldição! Exclamei ao levar à boca um pedaço de curimã assado. Este peixe está cru, acrescentei.

- Cru e bem cru, confirmaram todos.
- Que volte ao forno, ordenou o comandante.

Neste interim imitei os outros e provava uma pescada frita, fortificando o estômago com o conteúdo de meia botelha de vinho.

Estava satisfeito.

Os companheiros batiam às portas da gastronomia e discursavam a valer, relatando as peripécias da excursão.

A tempestade amainara completamente e a noite tornou-se lindíssima. O ar tornara-se mais fresco.

IX

Caçada aos jacarés



ARTINDO de Mocajuba emame-
na manhã, di-
rigia-me a no-
vos pontos do
Tocantins nos
quaes era es-
perado.

EEncostado a
amurada da
montaria pu-
nha os olhos
na esteira bri-
lhante que o
barco deixa,
mergulhado
em vagas me-
ditações e con-
templando a
variedade de
paizagens, na

aproximação das grandes ilhas em que grupos.

CAÇADA AOS JACARÉS¹⁴

Partindo de Mocajuba em amena manhã, dirigia-me a novos pontos do Tocantins nos quais era esperado.

Encostado à amurada da montaria punha os olhos na esteira brilhante que o barco deixa, mergulhado em vagas meditações e contemplando a variedade de paisagens, na aproximação das grandes ilhas em que grupos de floridas palmeiras sepultam em quieta placidez o solo úmido das mesmas.

A natureza cheia de vida, envolta em profundo mistério; morto só o espírito do homem, que ali domina, débil e francamente.

Depois de duas horas de viagem, entramos num soberbo igarapé.

– Aos jacarés, disse eu a um dos remeiros, com o qual havia falado na véspera sobre tal assunto.

– Vamos bem, seguindo esta direção. Em menos de uma hora lá estaremos.

Tratava-se de dar uma caçada aos jacarés.

Um dos companheiros conhecia bem o lugar onde eles costumam aparecer.

¹⁴ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 74-81.

O barco, sob o vigoroso impulso de quatro remeiros semi-indígenas, rompia a corrente do rio, seguindo a orla do esteiro, ao passarmos de um para outro igarapé.

O céu parecia puríssimo, e estava a manhã rodeada das belas cores tropicais.

Uma hora depois, penetramos num *furo*, para sairmos logo, num vasto espaço orlado de frondoso arvoredado a sair da água e nela refletindo, mergulhando as verdejantes ramagens.

A brisa quente e embalsamada, o vago murmúrio da folhagem, entre a qual raramente víamos pulular uma ou outra avezinha selvagem, o pio monótono do pavãozinho, que espreita o abiu na borda da água, a forma variada e atraente das planas enredanças formando túneis de verdura, tudo dava àquela paisagem tropical uma feição encantadora e deliciosa.

No entanto, cercado por tantas belezas naturais, sentia-me como apoderado de um receio, fraco talvez, ante a sim ou não existência de mil causas morbíficas, ocultas entre aquele emaranhado de cores e tons.

Os remeiros pararam um momento para tomarem um grogue, o que lhes agradava mais com toda a certeza do que o encontro com um bando de crocodilos.

Em todo o caso, certo era que eles não podiam estar longe, embora sinal algum distinguíssemos nas bordas da água.

– Façamos uma esmola ao diabo, que logo aparecerão, disse um dos remeiros.

– Vá lá, disse o outro, sacando uma moeda de vintém, que imediatamente atirou na água.

– Ora essa! exclamei. Deitem uma moeda de maior valor, disse a rir.

– Não caia nessa que teríamos perdida a viagem, replicou o primeiro. Demais iríamos ao fundo e dariam cabo de nós as piranhas e o próprio demônio. Nada, nada disso.

E o remeiro falava tão convictamente que eu suportei-lhe o fanatismo.

E continuaram os quatro a remar entoando a meia voz as canções plangentes da rapsódia indígena.

Quanto aos jacarés, nem sombra deles.

Passada uma meia hora, e quando menos esperávamos, um dos companheiros de proa gritou:

– Lá está um. Talvez haja mais detrás daquelas moitas. E apontava para elas.

– Silêncio, bradou outro.

Era com efeito um jacaré que estava à vista.

– Vou lançá-lo, disse um dos remeiros.

– Não, exclamei. O primeiro há de ser morto a tiro.

Apenas a canoa chegou a conveniente distância, eu apontei a carabina em direção à margem areenta, onde se achava o animal e fiz fogo.

A detonação ecoou fortemente no espaço, fazendo levantar desordenadamente um bando de ciganos que estava pousado.

O bicho parecia ferido, mas arrastou-se até a borda da água e nela sumiu-se lentamente – ao tempo em que eu e um remeiro o presenteávamos com mais duas balas.

– Rema, gritava um e a canoa voava sobre as águas em direção à margem.

Do jacaré apenas o rastro se percebia na lama da praia. Perdêramos o tempo.

Repentinamente percebemos ao longe um grande círculo que se formava na água e um rumor estranho feria-nos os ouvidos.

– Foram-se, disse então o primeiro remeiro.

Na expectativa, porém, de descobrirmos mais outro jacaré, ali permanecemos ainda cerca de meia hora até que afinal desapontadamente resolvemos retroceder.

– Ora adeus, dizia eu.

E voltamos sem um despojo da caçada que mostrasse aos incrédulos que nos tínhamos defrontado com os terríveis anfíbios que tão raros hoje são no baixo Tocantins.

Vencida respeitável distância, ordenei aos remeiros para aportarmos a uma habitação que estava à vista.

Costeada a margem e soltos os remos dos toletes, foi o barco preso sob as palmas de uns açazeiros que projetavam sobre as águas trêmula sombra.

Bem perto achava-se encostado um bote de “regatão” pertencente a dois judeus. Na popa do mesmo, resguardado por impermeável *tamacarica* (tolda), jaziam harmonicamente dispostos fardos de fazendas, gêneros de várias qualidades, artigos de perfumaria, de armarinho e quanta bugiganga e teteia pode despertar a curiosidade e a cobiça dos compradores. Uma verdadeira loja flutuante.

Ao fundo da proa, havia grande quantidade de sementes de cacau e alguns fardos de borracha provenientes da compra e troca de mercadorias.

Via-se ali desde o mais ordinário *poaçu* até o mais fino *amanajú*.

Este sistema de mascateação flutuante é muito conhecido e usado nos grandes rios e produz quase sempre bom êxito desde que o negociante conheça a maneira de se fazer afreguesar, adquirindo estima e simpatia.

Para matar o tempo por instantes preferira entregar-me à pesca, aproveitando a sombra dos açazeiros.

Apesar do sítio, que era excelente e rodeado por alta ervas, nada mais convidava a tal distração. O mau êxito era provável. A pesca do anzol é ali quase impossível e faz o mais paciente pescador encavacar seriamente.

Assim seria real o epigrama que diz: “A linha é um instrumento com duas pontas. Em uma delas há um anzol e na outra um imbecil”.

Abandonando, pois, tal lembrança, transpus o *ygathm* da montaria pulando para uma igarité e desta para cima da estiva escorregadia que levava à choupana. Enlevado pela amabilidade dos moradores, resolvi ali esperar a praia-mar a fim de efetuar a travessia.

Estava lá entre outras pessoas, ocupada em ligeiro serviço uma dessas criaturas que, apesar de jovens, parecem trazer na fronte estampado o selo da morte. Era um pobre rapaz, cujo estado doentio despertara-me atenção mais uma vez, entre tantos que conhecia nas mesmas condições.

Apesar de moço, apresentava o rosto pálido, o olhar amortecido, os lábios amarfinados e umas faces salientemente descoradas. A doença não era com certeza muito recente.

À primeira vista, parecia o resultado de uma dessas temíveis febres reinantes quase sempre acompanhadas de inflamações do fígado e do baço.

Tratava-se, no entanto, de uma anemia, embora ele acreditasse o contrário e se julgasse tísico como debalde me tentava convencer.

A anemia é uma das doenças mais comuns naquelas paragens, devida à sua aparição sem dúvida aos meios nos quais se desenvolve.

O empobrecimento do sangue apresenta-se evidentemente e muito teria a expor se tentasse definir as causas que originam a moléstia, talvez bem contemporaneamente.

A espanemia ou a clorose não são mais do que a própria anemia, que ainda é conhecida perante a ciência por outros nomes que me não acodem de momento.

Será o demasiado descanso e a descuidosa quietação em que passam aqueles habitantes os dias de vida fácil, uma das causas, a que possamos atribuir a anemia? É bem possível e em seguida a má alimentação, na qual falham os elementos nutritivos, o clima e as águas.

Quanto às febres, que abundam no Tocantins, atacam talvez com mais precisão os naturais e neles exercem maior ação que nos estrangeiros aclimados.

A experiência o demonstra.

Assim é que numa destas excursões eu voltava a Cametá, atacado por violenta febre, seguida de crescente inflamação do baço.

Debaixo de mil cuidados e tratado desveladamente pelo senhor Agostinho Godinho em sua própria casa, após cinco dias de rigoroso tratamento, saltava da cama restabelecido e pronto para outra como me expresso habitualmente. Ao

mesmo amigo assim como ao Dr. Philo Créon, e ao hábil farmacêutico Sequeira devia tão pronto restabelecimento.

Infelizmente ao partir na companhia de meu irmão Frederico Leal, a convalescer na capital do Estado, jamais calculei que na minha volta a Cameté fosse encontrar um daqueles três cavalheiros vítima da moléstia e justamente aquele que me pedia mais gratidão.

Maior e mais profunda tristeza sentia quando, um mês depois, ao partir definitivamente daquela cidade, deixava prostrado ainda pela mesma doença esse amigo, que durante cinco dias me servira de enfermeiro.

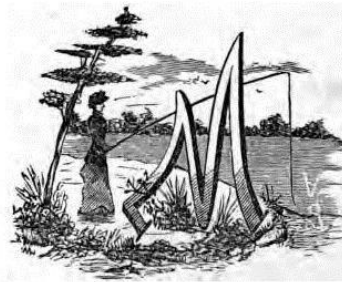
A aplicação do quinino e do arsênico, dois poderosos anti-febrífugos produz mais ou menos bons resultados para as febres simples. É ainda a experiência que me tem aconselhado o seu uso na dose de 1,0 gr. e um centigrama de ácido arsenioso para dez pílulas. Viajando seja em que circunstâncias for, jamais deixei de conduzir na minha maleta uma caixinha com as preciosas pílulas.

Escapo daquela moléstia, nunca acreditei salvar-me das consequências de um desastre que me sucedeu no Tocantins. Os transe por que passei, as dores que sofri resultado de uma imprudência que me pôs em risco os dias de vida jamais deixar-me-ão de servir de exemplo, ante os atos irrefletidos da mocidade.

Hospedado em casa do amável senhor J. Costeira, teve ele a satisfação de me ver livre de perigo, devendo-lhe assim como à sua gentil esposa todas as atenções e cuidados de que me rodearam.

XVII

O Ygapó



EDITANDO, tarde
me apercebi de
que a hora ha-
bitual do des-
canço era che-
gada, e de que
Mandú dirigira

a embarcação para dentro de um estreito ygara-
pé coberto de verdura, e onde aquellas horas do
dia, por serem já as de maior calma, alli iam os
encontrar magnífica sombra.

A minha attenção foi despertada pela côr es-
cura da agua, que me dava a perceber provir de
uma nascente estranha, e tratar-se de um pe-
queno affluente do Tocantins. A falta de uma
carta perfeita d'esta região, que infelizmente não
existe, fazia-me immensa falta como deve fazer
a todo o viajante que percorre uma zona já co-
nhecida, mas pouco estudada em muitas das
suas partes.

O IGAPÓ¹⁵

Meditando, tarde me apercebi de que a hora habitual do descanso era chegada, e de que Mandú dirigira a embarcação para dentro de um estreito igarapé coberto de verdura, e onde aquelas horas do dia, por serem já as de maior calma, ali íamos encontrar magnífica sombra.

A minha atenção foi despertada pela cor escura da água, que me dava a perceber provir de uma nascente estranha, e tratar-se de um pequeno afluente do Tocantins. A falta de uma carta perfeita desta região, que infelizmente não existe, fazia-me imensa falta como deve fazer a todo o viajante que percorre uma zona já conhecida, mas pouco estudada, em muitas das suas partes.

O mapa de Veloso Barreto, impresso em Lisboa, em 1877, para servir de auxílio à navegação deste rio do Pará, até perto da aldeia dos índios continua na mesma linha.

Anambês está cheio de inexatidões, como o de Amazonas e de outros rios do Brasil. No entanto, não deixa de nos ser útil na falta de outro melhor.

Subindo na igarité o estreito rio, notei sempre que a cor da água era a mesma e só se perdia ao confundir-se em sua foz com a da grande artéria.

Lembrei-me então de Humboldt, que deu, a respeito da cor das águas de alguns afluentes do Orenoco e do Amazonas, numerosas informações, sem contudo explicar a causa da coloração.

¹⁵ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 167-178.

Na verdade, a água vista em grande volume, afigurava-se-nos escura-esverdeada, mas ao tomá-la num vaso de cristal, notei que era a mais pura e cristalina que encontrara nestas excursões pelo Tocantins e seus tributários. Era igualmente agradabilíssima ao paladar.

Isto me fez crer que a coloração deve ser atribuída à matéria orgânica e a fenômenos de reflexão.

Muntz e Marçano, em nota dirigida mais tarde à Academia de Ciências de Paris declararam ter achado a explicação de tais propriedades das águas negras, quando em exploração no alto Orenoco, bem como a causa da coloração na sua composição química.

Estas águas são encontradas geralmente em região de formação granítica coberta de luxuriante vegetação.

Frequentemente são isentas de cal e faltam-lhe completamente os nitratos.

Partindo-se dali com a fresca da tarde, continuamos a nossa viagem navegando ao largo e parando de quando em quando nas praias de pequenas ilhotas, onde abicávamos para caçar ou em descanso à sombra dos palmares, cuja frescura encanta o viajante entre aquele clima abrasador ao meio do dia.

Bandos de aves, librando-se nos ares, formavam alegres coros, despertando a placidez daqueles desertos de terra e água.

Às vezes tudo me parecia convidar à demora em tais sítios, e então saudosas recordações eu sentia da convivência no mundo estranho em que tenho vivido, longe da família e da terra que me viu nascer, na pátria do cosmopolitismo; ao mesmo tempo que uma saudade conscienciosa me fazia recordar da pobre Aygara e do seu amor selvagem mas puro, do seu corpo bruto, mas belo, das suas palavras meigas e sem a maldade que jamais conheceu.

Oh Aygara, Aygara! Só agora eu compreendia a pureza da sua alma.

E eu mofara dela tantas vezes, quando só me merecia gratidão.

Nunca mais a havia de ver! Nunca.

Oh, eu pensava que nunca mais também teria de encontrar uma mulher tão delicada, tão fiel e tão boa como Aygara, no seio das sociedades civilizadas, mas corrompidas deste século.

E pedia a Deus que a minha profecia se não realizasse, porque sentiria nascer em mim instintos de fera caprichosa e cruel.

.....

Tínhamos já descido as cachoeiras, quando uma tarde procurávamos dirigir a embarcação para uma ilha que parecia estar à vista, a fim de aí fazermos o nosso pouso.

Eu havia passado para a igarité com os dois remeiros a explorar o litoral da ilha, que estava próxima e que se apresentava coberta de luxuriante vegetação, oferecendo-nos talvez magnífico pouso.

Mandú tomara sozinho ao leme conta da direção do barco, que descia lentamente impelido pela corrente.

A umas dez braças na sua dianteira íamos nós três na igarité que mal sustentava tal peso cortando veloz aquelas águas agitadas por uma viração constante e impertinente.

Apesar do perigo a que estávamos expostos, eu, afeito às vozes das vagas e do vento, contemplava distraído a linha das águas de um extenso horizonte, quando senti em mim um estremecimento horrível e o som de um grito unânime em que tomara parte ao sentir a causa.

A frágil embarcação acabava de ir a pique e a frieza da água produzia-me um enervamento completo.

Ao volver à superfície quase tonto pela impressão recebida, ouvi a voz de Mandú, e vi apenas a certa distância, o casco enegrecido da igarité, que se afastava rapidamente.

O instinto de salvação acabava de vir em meu socorro, mas ainda hesitante, tornei a mergulhar. Ao voltar à superfície, abri desmedidamente os olhos e nadei seguindo um dos remeiros, que, ajudado também pela corrente, tentava ver se alcançava terra.

Já nas suas proximidades, estendi a vista para os lados e verifiquei que Mandú nadava também. O fiel índio, abandonando o barco à mercê da corrente, atirava-se à água para me salvar.

Depois de alguns momentos de descanso, estendido de costas sobre as águas, notei que a igarité se aproximava de terra, ao passo que o barco abandonado descia ao largo serenamente.

E cada um por sua vez alcançava enfim os galhos de uma árvore pendida para o rio e cujas águas lhe lambiam o tronco.

Estávamos salvos por assim dizer, mas neste momento uma exclamação de surpresa e de mágoa pareceu partir dos nossos peitos.

Um dos companheiros desaparecera!

Estava morto com toda a certeza, porque o infeliz muitas vezes nos havia dito que não sabia nadar.

Dois minutos de ansiedade e reflexão foram passados.

A nossa situação tornava-se desesperadora.

Esta *ilha* não era mais que um medonho *igapó* ou terreno alagado e móvel, onde não podíamos permanecer senão trepados nas árvores.

A igarité havia encalhado à pequena distância e estava envolvida de ramos e de despojos vegetais.

Mandú compreendeu que não havia tempo a perder e, prevenindo-me de que o esperasse, afoitamente nadou em sua direção seguido do companheiro.

Era preciso salvar o barco.

Uma vez dentro da pequena canoa, partiram contornando o *igapó* e desaparecendo de minhas vistas ciosas de um socorro, que desde logo principiou a tardar-me.

Escoaram-se as horas na ampulheta do tempo e a minha posição cada vez mais me torturava.

E afinal a noite aproximava-se e nada dos companheiros chegarem.

Examinei então bem o sítio e com pesar e desolação percebi que o *igapó* devia ser grande e quase impenetrável.

Dispus-me a alcançar pelo menos uma árvore onde encontrasse melhor abrigo, até que depois de mil exercícios perigosos, alcancei o que desejava a dezoito metros de altura sobe o nível do rio.

As minhas vestes compunham-se de uma camisa, ceroula e calça apenas, e qual como me achava a bordo da *igarité* na ocasião do sinistro. Por casualidade uma faca de mato, que costumava trazer comigo, escapara do naufrágio, e servindo-me dela, principiei com dificuldade a cortar alguns ramos da árvore que me impediam de descortinar folgadoamente o rio.

Já havia quase conseguido o que desejava, quando, ao partir-se um galho podre e ocado, notei que existia nele excelente colmeia de uma abelha escura e pequena, que logo se pôs em movimento formando uma nuvem ao redor de mim.

As importunas abelhas, maldizendo a inesperada visita, introduziam-se-me nos cabelos e nos ouvidos, mordendo-me ferozmente e sem que delas me pudesse livrar.

Só pela noite serenaram, deixando-me em paz naquele tosco abrigo onde forçosamente tinha de aguardar os companheiros, que nem de longe me anunciavam a sua chegada.

Ao contemplar as estrelas e a lua no seu quarto minguante, ali passei horrorosas horas morto de fadiga e sem ter quem me consolasse em tão triste e pavorosa situação.

Cansado de tanto olhar para o negrume que invadia o horizonte, notei afinal, depois de muito tempo decorrido, que este se coloria pouco a pouco.

Um alívio e uma esperança surgiram então em mim, ao ver romper a aurora, como se com a sua luz, que ia gradualmente aumentando, eu visse chegar um meio de salvação.

Dentro em pouco era dia claro e não tinha desgraçadamente ainda diante de mim, senão o espelho brilhante das águas, sobre cuja superfície divisava às vezes alguns *mururés*, ou ilhas flutuantes, que desciam com a corrente.

A natureza permanecia muda, sepultada sempre em profundo e inquebrantável letargo.

As árvores, vergando sobre o espelhado aquoso, remirando suas ramagens e algumas saturando de eflúvios balsâmicos a fragrância local;

palmeiras, seringueiras e outras plantas realçadas em suas comas por uma infinidade de pequenas flores a esconderem-se nos entrelaçados de liames, de orquídeas e de cicas!

Embaixo os troncos das frondosas plantas, submersos pelas águas, por onde via claramente de vez em quando passarem cardumes de peixes e saltitando de galho em galho um casal de *maguaris*, aves próprias destas regiões.

Apesar do meu estado de meio torpor, produzido pela fadiga e pela insônia, percebia não sei que encanto enervante e difícil de definir.

Os tépidos perfumes da brisa, as esquivas carícias dos pássaros reunidos entre a espessa folhagem, a graciosa indolência da flora, tendiam a mergulhar-me a alma em enganador êxtase.

De repente o meu olhar ávido de tal sensação, percebeu ao longe, uma pequena embarcação que descia o rio.

A distância era, contudo, grande e não permitia que me avistassem. Cruel era o meu desengano.

Na falta de um lenço ou de uma toalha, tirei a camisa do corpo e com ela acenei durante alguns minutos, gritando com toda a força dos pulmões.

Tempo perdido.



- Acenei durante alguns minutos -

Sumiu-se, finalmente, a embarcação, que me pareceu ser uma *ubá*, e sumiu-se também a esperança, que chegara a acalantar, de ser visto e socorrido.

O sol erguia-se já bem acima do horizonte, inundando de luz e fogo o azul profundo que revestia aqueles desertos de terra e água.

E nada de Mandú aparecer. Todavia, ele tivera tempo suficiente de estar de volta.

Na minha mente, enfraquecida pelo cansaço, cruzavam-se conjeturas de toda a sorte.

Havia vinte e quatro horas que estava sem tomar alimento, mas, apesar de tudo isto, sentia coragem e sangue frio, sempre resignado e disposto a esperar que, de um momento para outro, terminasse tamanho martírio.

Profunda nostalgia se ia apoderando de mim, nostalgia que me fazia acudir à mente as mais saudosas recordações de outros tempos, de outras épocas. E lembrava-me daquele rochedo, coberto com uma fértil camada de terra, sentido a palpação do oceano no mais profundo dos seus recantos, onde Roberto Machin encontrou guarida e pode dar sepultura à sua Arfet, e que Zargo e Teixeira ousaram descobrir, para glória do nome português. Uma nostalgia que me fazia encher de saudades da ténua onde passei a quadra infantil da minha vida, como a nostalgia da andaluza, que revê constantemente a sua formosa Sevilha; a do parisiense, que não esquece os bulevares, e, sobretudo, os seus Campos Elísios; a do chinês, os seus rabichos, os seus mandarins, o templo de Confúcio e as grandes muralhas de Pequim; a do japonês, os seus samurais, as gueixas e a festa de *Asakusa*; a do madrileno, o seu *Alcalá* e a *Puerta del Sol*, e, finalmente, a do lisboeta, outrora o seu *Chiado* e hoje a Avenida.

No igapó, dentro da floresta, reinava uma quietação, só perturbada pelo brando marulho das águas, torando-o insípido e horroroso.

Para o cúmulo da desgraça, o calor aumentava intensamente.

Nestes comenos, vi adejar um belo pássaro azul, de forma graciosa, que, chegando próximo do sítio em que me achava, fechou as asas, desceu

perpendicularmente e foi pousar-se sobre um dos ramos de uma árvore baixa, alguns palmos acima da água.

Era uma avezinha encantadora.

Depois de alguns momentos de descanso, principiou a saltitar de ramo em ramo e a distanciar-se.

Tive vontade de segui-la. Mas como?

No entanto, a ave revolteava, parecendo indicar-me a direção que devia seguir.

Talvez estivesse próxima à terra firme.

Tentei passar de uma árvore para outra. Faltavam-me forças.

O pássaro sumiu-se afinal no fundo da floresta, como ainda há pouco tinha visto sumir-se ao longe a vela alvadia da ligeira *ubá*.

E nesta ocasião lembrei-me ainda de Aygara. Ah! se ela soubesse da minha triste situação, com que fúria e prazer não correria a salvar-me...

Mas eu estava isolado de tudo... e de todos.

.....

Chegou, finalmente, a hora que tão ansiosamente aguardava desde a véspera. Acabava de ouvir a voz de Mandú, do lado esquerdo do igapó. Ele aí vinha e dentro em pouco ei-lo próximo do sítio em que me achava.

Notei, porém, que a canoa que tripulava mais o companheiro, era estranha.

Perder-se-ia o barco onde conduzia os meus haveres?! Mais um momento de tortura, mas convenci-me de que antes preferível era que se fossem os anéis e ficassem os dedos.

Apesar de me faltarem as forças, desci nervosamente da árvore onde encontrara guarida, até que alcancei a canoa.

Soube então por Mandú que só muito distante dali haviam alcançado o barco, que rodara na véspera rio abaixo, e que, por ser tarde, foram obrigados a pedir agasalho a um habitante daquelas paragens, depois de terem vagado, perdidos durante quase toda a noite nos igarapés e igapós.

Emprestara-lhes ele essa canoa para mais ligeiramente virem ao meu encontro, de lá partindo ao romper do dia.

Fosse como fosse, estava salva a situação.

Dentro em poucas horas, aportava ao sítio habitado pelo tal indivíduo que me disse chamar-se Francisco Ycarè, tipo mestiço, espécie de cafuz. Mostrava-se desejoso de nos servir e consolar, mas eram tão mesquinhos os seus bens, tão pobre e miserável a sua habitação, que apenas pode arrancar da lama os sentimentos de comiseração.

A cinco pés do solo turfoso e molhado entre dois açazeiros, armei a minha maca e deitei-me em paz.

Era forçoso recuperar as forças perdidas, ficar ali até o dia imediato.

Não havia outra coisa a fazer.

Agora só tinha que lamentar a ausência e a morte do infeliz companheiro, desaparecido no torvelinho das águas.

XVIII

Nos ygarapés



ouco antes do romper do dia seguinte, já o nosso barco deslisa-va sobre as aguas rio abaixo.

O espelho do precioso liquido reflectia a pureza do espaço ce-leste e uma briza meiga e refri-gerante, rompendo as correntes aéreas de maiores alturas, che-gava até nós como doce allivio enviado por uma aurora que não tardava a surgir.

Sob a tolda semi-espherica, havia um chão es-tivado, onde se estendera a minha esteira de *obim*.

Foi ahi que encontrei o meu commodo esten-dendo-me entre uma chusma de pequenos obje-ctos que occupavam as extremidades.

O remar pouco facilitava a descida e assim, entre um socego de ouro e uma paz magnifica, o barco deslisava-se airoso ao largo «rodando de borbulho» impellido pela corrente.

NOS IGARAPÉS¹⁶

Pouco antes do romper do dia seguinte, já o nosso barco deslizava sobre as águas rio abaixo.

O espelho do precioso líquido refletia a pureza do espaço celeste e uma brisa meiga e refrigerante, rompendo as correntes aéreas de maiores alturas, chegava até nós como doce alívio enviado por uma aurora que não tardava a surgir.

Sob a tolda semiesférica, havia um chão estivado, onde se estendera a minha esteira de *obim*.

Foi aí que encontrei o meu cômodo, estendendo-me entre uma chusma de pequenos objetos que ocupavam as extremidades.

O remar pouco facilitava a descida e assim, entre um sossego de ouro e uma paz magnífica, o barco deslizava-se airoso ao largo “rodando de borbulho” impelido pela corrente.

Os últimos reflexos da lua, que se sumia no horizonte, batiam em cheio na outra margem e a natureza, sepulta em letárgico silêncio, enviava-me um ar impregnado de mil deliciosos aromas.

Minha alma, ferida pelos recentes sucessos, sentia contudo motivos de expansão.

¹⁶ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 179-186.

Quanto mais prazer se encontra nestas viagens durante as noites ou com a fresca da manhã e da tarde, tanto mais penosas e insuportáveis elas são, quando se é obrigado a fazê-las em pleno dia, sob terrível mormaceira e um sol abrasador.

Encerram um cúmulo e levam-nos ao desespero.

Há, porém, um recurso – a sombra.

Buscando-a como benéfico lenitivo, depois de termos vencido boa distância até adiantada hora do dia, entramos num igarapé como se entrássemos numa gruta de verdura.

Renques de palmeiras nasciam bem à beira da água e daquela abóboda formada pela espessura das ramadas desprendiam-se, como satélites, inúmeras parasitas, que, à menor aragem, fazia balouçar, atirando-se umas às outras.

Da cúpula emaranhada, na qual as trepadeiras se dependuravam em arcos entrelaçados, caíam numerosas florzinhas que alastravam o lume da água, sobre o qual pequeninos insetos zumbiam esvoaçando doidamente.

E como numa das longas noites de inverno, àquela hora de fogo, a natureza parecia entregue a preguiçoso espasmo, os dois elementos, terra e água, uniam-se numa igualdade pletórica, brotando deles aos cardumes insetos de todas as espécies.

O igarapé encerra mil delícias, que só as sabe fruir o viajante.

Igarapé significa propriamente passagem de canoa. É uma espécie de canal natural, formando duas grandes sebes, fechadas quase sempre por uma arcada verdejante de plantas tropicais.

Sem largura uniforme, o igarapé, ora é estreito, sinuoso e sombrio, ora, alargando-se e oferecendo dificuldades para ser atravessado, toma o nome de *igapó* ou *gapo*, apresentando-nos florestas submersas pelas suas águas.

Os igarapés cortam e subdividem as ilhas, formando às vezes inextrincáveis labirintos.



- O igarapé -

Preso o barco, a fim de não ficar à mercê da corrente, saltamos sobre aquele solo úmido e coberto inteiramente por espesso arvoredado.

Deixando esfriar o corpo para tomar o banho do costume, apanhei ao acaso algumas frutas de cacau, que eram deliciosas ao paladar pela acidez.

Durante esta paragem, deu-se um fato que não devo deixar passar despercebido como tenho feito a tantos outros.

Embrenhando-me pela floresta, notei a presença de uma cobra enroscada junto ao tronco de um açazeiro.

Lembrei-me de aproveitar a ocasião para por em prática uma ideia que há muito alimentava. Seria uma experiência.

Desejava conhecer o efeito da música na serpente, e, buscando uma flauta, que se achava numa das minhas malas, volvi ao mesmo sítio.

Nunca fui, na arte de Verdi, mais do que um mau amador, e, portanto, não julgue o leitor que cito o fato como reclame.

Levando a flauta aos lábios, entoei uma ária, cujo título não vem ao caso dizer, e, negaceando a serpente, vi-a com pasmo erguer a cabeça, virá-la como a escutar e, depois de se desenrolar, deslizar em minha direção.

Erguendo-me, segui em ziguezagues, acompanhado sempre pela cobra e parando finalmente, veio o ofídio até aos meus pés e só me deixou, quando, retirando o instrumento dos lábios, a afugentei com um pequeno movimento.

Assim, a história do canadense e da serpente de Chateaubriand não é um episódio provindo da fantasia, mas sim um fato altamente científico.

.....

Passada a maior força do calor, tratei de ocupar de novo o meu lugar no barco e continuamos a viagem, felizmente desta vez tão agradavelmente interrompida.

Um dos canoieiros, com o fim de procurar atalhos, fez-nos passar por um “furo” em cuja passagem foi necessário usarem das zingas, dirigindo eu ao leme a embarcação.

Dentro em poucos minutos estávamos ao largo e, de vela içada, o barco fendia as águas, voando sobre elas.

A corrente foi aproveitada com a fresca da tarde, não sem algum receio do tempo mal seguro que felizmente nada produziu.

Tunantemente artificiosa é a construção das habitações nestes pontos, onde diariamente tínhamos de pousar, agradecendo sempre reconhecidamente o agrado de seus moradores.

Uma tarde, tínhamos nós ao largo e deixado de vista o Baião à nossa direita, quando, para fugirmos a uma tempestade, penetramos num igarapé pouco adiante do sítio denominado Marariá.

O nosso barco acabava de encalhar numa praia de lama, bastante distante da vivenda que tínhamos à vista, porque a maré estava baixa..

Verdade é que, uma vez cheia, a água, invadindo quase toda a superfície da ilha, penetraria nos baixos da habitação e a canoa, impelida pelos varejões, iria facilmente encostar na escada que lhe dá acesso.

Para isto era forçoso esperar a enchente, o que seria intolerável, mormente ao aproximar-se a noite.

Para suprir tamanha falta, que é a da construção de um cais estivado como possuem os mais abastados, colocam uns atrás de outros, troncos de enormes palmeiras, formando uma espécie de pinguela mais ou menos flutuante, pela qual o bom equilibrista ganha num momento a habitação.

O transpor o espaço de um ponto a outro parece, à primeira vista, coisa fácil, mas vá um cidadão bem calçado e trajado aventurar-se a tal exercício sem dele ter livre prática.

Não há ponto de apoio. Alguns empunham uma zinga e logram passar; porém, até que a vara seja suficientemente enterrada em tão abundante camada de lama e ganhe mais duro terreno, o tempo que decorre no enterrá-la e desenterrá-la repetidas vezes, esgota uma pessoa paciência e forças, até que, num momento infeliz, escorrega e, zás trás, atola-se até a cintura.

Ora foi justamente o que me sucedeu, quando me achava apenas a uma dúzia de passos da choupana.

Felizmente veio logo em meu auxílio, nestas emergências, um dos camaradas que me levou em seus ombros até ali.

A culpada era a minha vista curta e este fato capacitou-me ainda uma vez de que um míope só se deve aventurar em terra firme.

Isto, porém, nada era, e uma vez recebido em paz naquela hospitaleira casinha, depois de haver trocado a roupa enlameada por outra enxuta, caí na minha rede, mergulhado em considerações relativas aos usos e costumes daquela gente esparsa nestes desertos de terra e água.

Este sistema de habitações semi-aéreas e semiflutuantes encerra certa curiosidade, e nos faz lembrar as vivendas lacustres da Suíça, construídas como estas sobre estacas cravadas no solo.

Nelas há duas, três ou quatro divisões incluindo a varanda que ocupa uma grande parte da sua circunferência; são amparadas como disse, sendo as estacas substituídas por outras de anos a anos, em consequência de apodrecerem com a umidade contínua.

Todas estas casas, até mesmo as mais ricas e maiores, contam um único pavimento.

O teto é coberto de palhas secas de Meriti ou Buriti e de obim, as paredes compõem-se de simples ripas de palmeira, armadas em barrotes, as quais ajustam muitas vezes leves esteiras a fim de ocultar o interior.

Composto ainda com ripas escolhidas, geralmente o chão assemelha-se ao fundo de uma gaiola.

Nos mais velhos e arruinados destes casebres é coisa fácil ficar-se com uma perna entalada.

Rodeados de água por todos os lados de igarapés e canais que se comunicam com o rio, fazem os habitantes constante uso de suas igarités, nas pequenas excursões ou dos botes e ubás nas longas viagens.

Este sistema de habitações é conhecido desde a época de Heródoto e ainda hoje se estende por várias partes do globo. Assim é que, embora datem dos tempos ante-históricos, existem na presente época, segundo as notícias de célebres viajantes, nas Ilhas Carolinas, em Mindanau, na Venezuela, em Nova Guiné, etc.

Eretas sobre vastas esplanadas, as casas das pessoas mais abastadas do Tocantins estão rodeadas de largas varandas, onde a ventilação se dá perfeitamente, penetrando nos aposentos interiores.

O leitor não conhecedor desta região, e especialmente para quem escrevo com mais proveito a auferir da minha intenção, há de, forçoso é de crer, indagar do motivo que origina estas disseminadas populações habitarem de preferência as ilhas do Tocantins, em vez de estabelecerem seus penates em terra firme.

O fato, porém, é accidental e fácil de elucidar. Nas ilhas é que se reúnem todos os fatores do progresso do baixo Tocantins. É nestas ilhas que estão plantados grandes cacauais e onde os produtos nativos alcançam pronta saída. A indústria extrativa tem aí vasto campo de ação.



- Casas sobre estacas -

***A MADRUGADA* E UMA REDE DE
INTER-RELAÇÕES COM ESCRITORES
BRASILEIROS**

Ao longo de suas tantas jornadas, Oscar Leal promoveu a execução de um projeto bem estruturado em torno da obtenção de certa notoriedade intelectual e de seu reconhecimento como homem de letras. As atividades jornalísticas desempenharam um papel fundamental na realização de tal plano, tanto que o escritor manteve durante toda a sua carreira uma proximidade intrínseca com os jornais e os jornalistas. Ele tomou um cuidado extremo em promover a distribuição de suas obras em meio às redações de periódicos portugueses e de várias regiões brasileiras, no intento de divulgá-las e difundir a sua ação. Além disso, em suas viagens, tomava o cuidado de localizar os escritórios das folhas locais, para demarcar sua chegada à comunidade visitada, em geral, apresentando-se aos jornalistas como um colega. Outra interseção de Leal com o jornalismo ocorreu com a atuação como correspondente, mais uma das ações somadas às suas múltiplas atitudes, as quais eram facilitadas pelos seus tantos deslocamentos, ou ainda, quando definitivamente se fixou em Lisboa, servia como ponta de lança para o envio de informações para vários jornais brasileiros. Ainda havia outra interface do escritor com o periodismo, uma vez que ele ofereceu inúmeras colaborações que foram publicadas em folhas dos mais variados lugares brasileiros e em algumas lusitanas.

Por outro lado, o próprio Oscar Leal se alçou ao papel de editor, promovendo a publicação de vários periódicos, alguns deles itinerantes, acompanhando as suas excursões. De acordo com tal perspectiva, Oscar Leal fundou, administrou e redigiu o *Dentista*, editado em Goiás e Uberaba; a *Tesoura*, na Bahia; o *Bragantino*, no Pará; o *Boêmio*, em São Paulo; o *Correio dos Clubes* e

o *Popular*, no Rio de Janeiro; a *Antessala*, em Lisboa; o *Viajante*, em Corumbá; e o *Tributo às Letras*, em Cuiabá¹⁷. O ápice da carreira de Leal como editor deu-se em Lisboa, onde ele publicou *A Madrugada*, de 1894 a 1896, e a *Revista de Lisboa*, de 1901 a 1908. Tais periódicos também exerceram significativo papel no projeto do escritor na busca por reconhecimento, fundamentalmente pela distribuição e intercâmbio promovido, o qual atendia várias partes do mundo e, fundamentalmente, todas as regiões do Brasil.

Ao lado de tais atividades de cunho jornalístico e mesmo concatenadas com elas, Oscar Leal intentou estabelecer uma intensa rede de inter-relações com escritores brasileiros, incluindo entre eles literatos, jornalistas, historiadores, geógrafos e naturalistas, não é para menos que pertenceu a várias instituições que congregavam homens de letras e estudiosos. Nessa linha, ele vinha ao encontro “da estratégia de grupos literários” voltada a “conferir legitimidade entre si, destacando-se a autocultuação e a atitude cordial entre seus membros”, com a “formação de uma espécie de rede de mútuo apoio aos escritores que gravitam em torno” de entidades ou da redação de periódicos. Ocorria então a “legitimação das atividades literárias de determinados autores, por meio das relações estabelecidas entre os grupos de letrados, de modo a favorecer o seu reconhecimento como escritores”¹⁸. Nesse contexto, ocorreu “a existência de uma comunidade cultural que envolvia brasileiros e portugueses

¹⁷ TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 1.

¹⁸ PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Buqui, 2017. p. 130.

no final do século XIX”¹⁹. Leal buscou sempre evidenciar tais conexões, as quais também poderiam colaborar decisivamente com o seu projeto por busca por notoriedade.

Um exemplo dessas interfaces foi exposto no livro *Contos do meu tempo*, em cujos textos, o autor traçou várias dedicatórias, muitas delas voltadas a homenagear escritores, jornalistas, homens públicos e outros ativistas vinculados à vida artística e cultural brasileira, com ampla abrangência geográfica em termos das tantas regiões que compunham o país. Entre eles estiveram a baiana Ana Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt; o maranhense Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo; o carioca Francisco de Paula Ney; o capixaba Virgílio Rodrigues da Costa Vidigal; o goiano Alfredo Augusto Curado Fleury; o piauiense João Lustosa da Cunha Paranaguá; o alagoano Sebastião Cícero dos Guimarães Passos; o carioca Ernesto Senna; o mineiro João Barbosa Rodrigues; o pernambucano Manoel Arão de Oliveira Campos; o mineiro Tobias Antônio Rosa; o goiano Félix Jaime; o pernambucano Demóstenes de Olinda de Almeida Cavalcanti; e o carioca Antônio Valentim da Costa Magalhães.

A fundação de *A Madrugada* foi um dos pontos altos desse projeto de Oscar Leal. A revista passou a ser editada em um momento decisivo na vida do escritor, pois, após viajar por todo o Brasil, entre os anos 1880 e 1890, resolveu fixar residência na cidade do Recife, montando consultório e casando-se.

¹⁹ PAREDES, Marçal de Menezes. A assunção escalar da nação: historicidade e fronteiras culturais no percurso luso-brasileiro. In: PAREDES, Marçal de Menezes (org.). *Portugal, Brasil, África: história, identidades e fronteiras*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 161.

Entretanto, corria o ano de 1894, marcado por profundas crises no Brasil, com a continuidade da guerra civil no Rio Grande do Sul e da Revolta da Armada no Rio de Janeiro. Foi uma época também de avanço de um movimento republicano radical conhecido como jacobinismo, nacionalista e xenófobo, com ampla ojeriza aos portugueses, vindo a sofrer as várias colônias lusas no Brasil ferrenhas perseguições. Ainda que Leal fosse brasileiro de nascimento e por diversas vezes tenha buscado em seus escritos reforçar tal nacionalidade, ele tinha fortes raízes em Portugal, de modo que, frente à agitação que dominava o país, não seria difícil associá-lo à imagem do português, vindo a também ser alvo da lusofobia. Para complicar ainda mais o quadro, um desentendimento diplomático levou à ruptura nas relações entre Brasil e Portugal, agravando os radicalismo nativista e xenofóbico. Nesse mesmo período, prevalecia uma prática governamental fortemente embasada no autoritarismo, com acentuada repressão e praticamente a supressão da liberdade de expressão, com pesada ação coercitiva sobre o jornalismo. Perante tantas condições adversas, Oscar decidiu-se por retornar a Portugal e definitivamente fixar residência em Lisboa.

Ainda que afastado do Brasil, Leal não desistiu de manter suas conexões entabuladas à custa de muitos esforços e promovidas ao longo do último decênio com intelectuais de várias regiões brasileiras. Para tanto, criou *A Madrugada*, uma “revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica”, que atingiu excelente nível de feição gráfica e, além do conteúdo textual, constituía uma publicação ilustrada, a qual trazia um atrativo suplementar na busca pela conquista dos leitores, o uso da imagem, com todo o seu apelo visual.

Tal periódico constituiu um ponto alto do projeto cultural de Oscar Leal, uma vez que circulou nas principais cidades portuguesas, mas também foi intercambiado com cidades brasileiras de quase todos os estados, mormente com as redações dos periódicos, levando à divulgação de *A Madrugada*, a qual inevitavelmente era associada à figura de seu editor.

Ainda que anunciasse em seu frontispício uma “redação composta dos melhores escritores portugueses”, *A Madrugada* deu amplo espaço para literatos brasileiros, desde os mais conhecidos, aos mais noviços. A divulgação das obras da lavra de brasileiros era um compromisso editorial do periódico, que visava à difusão de seus nomes e de seus escritos em Portugal, onde eram “completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brasileiros, e é por isto que imparcialmente vamos sucessivamente apresentando alguns aos leitores portugueses”²⁰. Na mesma linha, a direção da folha ilustrada e literária dizia estar impelida “muito principalmente pelo vivo desejo de popularizar na bela pátria de Camões os nomes dos mais distintos literatos brasileiros, de tornar conhecida uma literatura na sua expressão mais clara e sublime”, além “de apresentar ao leitor por muito exigente um jornal moderno, variado nos assuntos e ameno na forma”²¹.

A planificação de Leal no sentido de manter ativa a rede de interfaces com os escritores brasileiros ficava expressa também no estabelecimento de um quadro de “colaboradores–correspondentes no Brasil”, espalhados por todo o

²⁰ A MADRUGADA. Lisboa, 27 jun. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

²¹ A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

DIRECTOR-OSCAR LEAL

ANNO III

ASSIGNATURA.—ILHAS E ULTRAMAR

RECEIVED - JUNE 2 1964

Anno 1450.

EXPEDIENTE

A Madrugada, aparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

Toda a correspondência que não trazer a direcção acima não chega às nossas mãos.



ABRILAM-SE de par em par as portas do Pantheon nacional dos Jeronymos, para darem entrada ao novo incumbido de João de Deus.

Um pedoso e enorme cortejo, em que se fizeram representar todos os elementos componentes da sociedade portuguesa, conduziu-o até ali, como que em funebre triunfo. Homagem única, glorificação sem exemplo nos annos da historia patria, a que a nação fez ao genio do poeta morto, mas inteiramente justa porque a sua superioridade intellectual e moral era incontestavel.

O direito de João de Deus à apoteose, completada pelo descanso eterno sob as abobadas monumentais do Pantheon nacional, não admite a menor duvida; e a posteridade, de certo, não fará senão confirmar o julgamento unanime das gerações contemporaneas do poeta.

Se não existisse, como felizmente existe para gloria do lyric inextinguível do *Campe de Flores*, a conformidade nacional da opinião sobre os seus excepcionaes merecimentos, dever-se-hia aguardar o *credendum* de duas ou tres gerações posteriores, pelo menos, para, se elle fosse accordado com o juizo da maioria ou de uma parte dos contemporaneos, serem então trasladados com solemnidade os seus restos mortaes e depositados definitivamente no Pantheon.

João de Deus, porém, que a nação inteira proclama como o seu melhor e maior poeta depois do grande épico, não carecia — exceção única — do *veredictum* da posteridade.

Assombroso, sem duvida, o consenso unanime que se fez sobre a grandeza intellectual e moral de João de Deus!

Para que se desse esse phenomeno singular, no meio de uma sociedade agitada pela diversidade de ideias, pelo conflicto de doutrinas e pelo choque de opiniões, era indispensavel que aquelle homem fosse, como realmente era, a synthese do que ha de melhor na alma e no coração do povo a que pertencia. Na verdade, João de Deus, espontanea e inconscientemente

Por isso todos, sem distinção de idade, de sexo ou de condição social, desde os mais ignorantes até aos mais ilustrados, todos sem exceção adoram as poesias de João de Deus. As crianças, cujo cérebro está ainda em desenvolvimento, e os adultos, a quem falta a luz da instrução, gostam dos versos do grande lyrico, porque a sua linguagem simples fal-lhes ao coração. As pessoas inteligentes e instruídas sabem-nos igualmente com entusiasmo, porque encontram n'elles, com perfeição expressos, estados de alma que por si próprios não saberiam traduzir.

Sendo pela sua organização psychica o melhor representante da alma portugueza, João de Deus era, como não podia deixar de ser, um patriota; amava entranhadamente Portugal.



ALUIZIO DE AZEVEDO

Longe da política, confinado na pacificação dulcíssima do bar, onde se entregava aos seus devaneios de artista espontâneo e ao fervoroso apostolado do ensino popular, acompanhava, porém, com pungente amargura a marcha desconcertada do país à beira do abismo, e nos últimos anos a sua veloz descida pelo desfiladeiro.

Quando em 11 de janeiro de 1890 Portugal recebeu o injurioso *ultimatum* da Inglaterra, o poeta sentiu-se atingido pelo brutal golpe no mais ínfimo do seu peito, e soube interpretar admiravelmente o sentir nacional na sua fábula do *Leão moribundo*. Bem intensa foi a dor de João de Deus. Ainda há tres dias, na presença do cadáver, nos contava um dos mais dedicados amigos do grande lyrico:

«Ao espalhar-se a notícia do *ultimatum*, corri a casa de João de Deus. Ele nem me deixou falar; compreendi logo o que lhe ia na alma. Abraçou-se a mim, e, conduzindo-me para o interior da casa, leu-me alguns trechos brilhantes do celebre discurso patriótico do barão da Ribeira de Saboras. Ao terminar a leitura chorou. Foi a única vez que eu vi João de Deus chorar.»

Esta scena, que nos foi narrada pelo sr. Liliario Ferreira e que merece ser conhecida, porque na sua simplicidade mostra como João de Deus se chocou com a affronta da Inglaterra, revela sincero e ardente patriotismo.

O poeta, em algumas das suas sátiras e epigramas, deixou indelévelmente gravado o seu desgosto pela decadência a que a má governação do estado arrastou o nosso paiz; magoava-o sobretudo, o desprezo systemático dos poderes constituídos pela instrução popular.

A poesia servia-lhe n'este caso de desabafo, e sor-
rindo com a bondade ingenua que o caracterisava, cas-
tigava nos seus versos, quando era mais rudo a des-
illusão recebida, os erros ou as injustiças, que se
praticavam.

O desaleito em que cahira o povo portuguez no decurso da grande crise começada com o ultimato, vindo succederem-se os ministerios e accumularem-se os desastres, reflectia-se intensamente no espirito do poeta. João de Deus soffria com os males da patria, cuja ruina via appressurar-se. Não se quer a glori-ficação, não maniere e não commovente, que recebeu em 8 de março do anno passado, conseguiu desfazer-lhe essa preoccupação sombria.

Por isso n'uns versos recentemente escriptos para um numero extraordinario do jornal — *O Paiz* — do Rio de Janeiro, exprimindo o sentimento pessoal, traduzido religiosamente aquelle desalento popular. Deu-lhes a epigraphe de *Patria*:

Patria... é a bonança
Depois do temporal;
É onde se descansa
No leito sepulcral.

Nem há maior conforto...
Que a todo o que viveu
Em busca d'esse porto...
A pátria é no céu.

Espiritualista e deísta, João de Deus, tendo perdido a esperança na revivescência nacional, desejava acolher-se ao sepulcro, buscar o conforto da... pátria celeste.

João de Deus foi n'esses versos, como em tantos outros, o interprete do sentir nacional. No actual momento historico reina entre nós o desalento

Mas que não está ainda todo perdido, que a pátria portuguesa tem em si elementos para resurgir do seu abatimento, demonstra-o à evidência a consoladora apothose que a nação, espontânea e unanimemente, fez ao genio, que é, depois de Camões, a maior e indiscutível gloria da litteratura portugueza.

Um povo que se agita entusiasmadamente para lutar
do exército e a armada pelo feliz êxito da cam-
panha de Lourenço Marques e que sente uma commoção
dolorosa perante a morte do seu melhor poeta da
dolência, unindo-se para receber aquelles com ma-
nifestações festivas e para conduzir este solennemente
ao Pantheon nacional, não está morto, apesar do seu
profundo abatimento; tem ainda muita vida e pôde
querendo, levantar-se da sua ruína e retomar o seu lu-
gar no conjunto das nações civilizadas.

Bom será que o faça. Pena é, porém, que João de Deus, prematuramente morto, não possa já repercutir em seus admiráveis versos esse futuro estado da alma popular.

TEIXEIRA RASTOS

país, com os nomes de Estevam de Mendonça – Mato Grosso; Alberto Rodrigues – Rio Grande do Sul; Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafaiete Toledo, Furtado Filho e Alberto Veiga – São Paulo; Luiz Monteiro – Goiás; Salazar Pessoa e Alfredo Fleury – Minas; Augusto Cardoso e João Barbosa – Rio de Janeiro; Arthur de Albuquerque – Pernambuco; Sérvulo Juaçaba e Aurélio Lavor – Ceará; Luiz Pinheiro e Oscar Galvão – Maranhão; e Ulisses Pennafort – Pará. Tal ação envolvia ainda os distribuidores da revista, que também se faziam presentes nas várias regiões brasileiras, com representantes em: Manaus – na livraria de Silva Gomes; Pará – Gomes & Sousa; Maranhão – Ramos de Almeida & Cia.; Ceará – Joaquim José de Oliveira; Pernambuco – Ramiro Costa & Cia.; Maceió – Francino & Filho; Bahia – Catilina & Cia.; Rio de Janeiro – Lopes do Couto & Cia. Rua da Quitanda, 24; Rio Grande do Sul – Carlos Pinto & Cia.; Uberaba – Tobias Rosa; e Santos – A. Devesa & Cia²².

Além das colaborações em prosa e verso de escritores brasileiros contidas nas páginas de *A Madrugada*, uma das mais marcantes presenças do mesmo ocorreu na forma de biografias, uma das especialidades da revista, com a inclusão de matéria textual acompanhada da representação iconográfica, sendo estampado o retrato do biografado, com ilustração de F. Pastor, um tradicional colaborador de Leal. Não foram só os literatos brasileiros os protagonistas da seção biográfica do periódico, havendo ampla atenção para escritores portugueses, assim como alguns homens públicos do contexto luso-brasileiro. As biografias de escritores brasileiros foram na maioria da lavra do próprio

²² A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1 e 4.

Oscar Leal. Embora não chegasse a haver expressa a sua assinatura, a não ser as iniciais no texto sobre o Cônego Ulisses Pennafort²³, *A Madrugada* constituiu uma obra essencialmente unipessoal, na qual Leal desempenhou não só o papel de editor, como também de redator. Já Arthur Goulart foi o autor de duas destas biografias, ou seja, exatamente um escritor fortemente vinculado à rede de inter-relações de Leal, compondo o rol de “colaboradores-correspondentes” da revista, e atuando como contista, romancista, biógrafo, teatrólogo, jornalista e professor, pertencendo a entidades culturais brasileiras. As interações com Oscar ficaram ainda mais evidenciadas pelo fato de Goulart ter elaborado alguns traços biográficos sobre o diretor de *A Madrugada*, os quais foram publicados no *Almanaque Histórico-Literário do Estado de S. Paulo*.

Os textos de natureza biográfica apresentados nas páginas de *A Madrugada* buscavam privilegiar a satisfação de um desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que poderiam ter-se distinguido da massa da humanidade²⁴. Destinavam-se assim, a uma antiga concentração plutarquizada, às tumbas, aos panteões e aos personagens principais²⁵. Tais textos carregavam consigo a intenção de querer fazer do personagem uma revelação da essência da humanidade²⁶, a partir de uma superfície factual do passado e de seus

²³ Ver o número 30 desta Coleção.

²⁴ LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. p. 7.

²⁵ MADELENAT, Daniel. La biographie aujourd'hui : frontières et resistances. In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*. Paris, v. 52, n. 1, 2000, p. 158.

²⁶ BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

supostos feitos²⁷. Neles, o homem ocupava uma posição ético-moral, a serviço da realização de uma ideia, da qual é o portador, vinculando-se à definição do patrimônio e da memória nacionais²⁸. Além disso, as biografias apresentadas na folha literária e ilustrada vinham ao encontro da ideia de que a arte poderia ser melhor definida como a expressão de uma grande e muito especial personalidade, de maneira que as qualidades pessoais do artista deveriam ser de profundo e constante interesse²⁹.

Os biografados brasileiros de *A Madrugada* eram os denominados homens de letras, cuja carreira se concentrava na ação como literatos e/ou jornalistas. Em relação a muitos deles, Oscar Leal fazia questão de dizer que os conhecia pessoalmente. Na sua grande maioria eram republicanos históricos, alguns deles próceres da campanha antimonárquica, e outros ao menos militantes do republicanismo, em clara sintonia com o pensamento do editor da revista. Eles eram oriundos de vários estados brasileiros, muitos dos quais atuantes em cidades que foram visitadas por Leal. Havia também a presença de indivíduos que pertenciam à entidades acadêmico-científicas e culturais nas quais o proprietário de *A Madrugada* também participava. Além disso, vários deles tinham vínculos com a imprensa periódica e, portanto, poderiam auxiliar na promoção dos intercâmbios entre os jornais, colaborando decisivamente

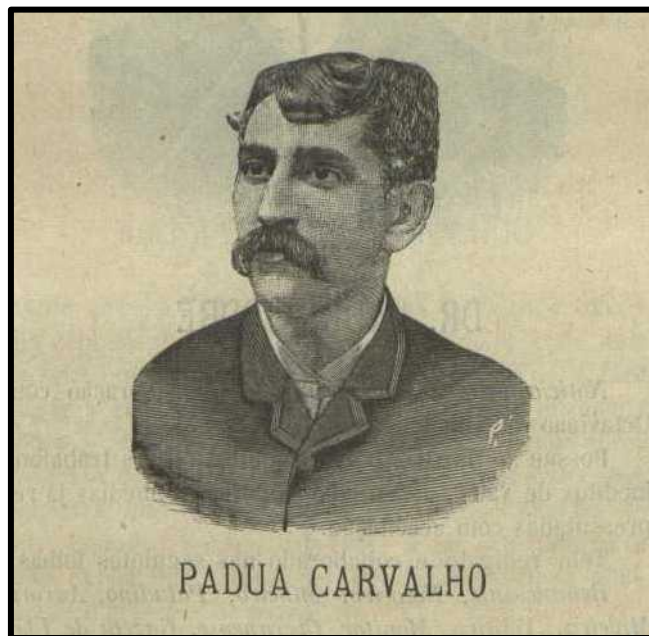
²⁷ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 220.

²⁸ MUSIEDLAK, Didier. Biografia e história. Reflexões metodológicas. In: *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 15, 2006, p. 104.

²⁹ DANZIGER, Marlies K. & JOHNSON, W. Stacy. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p. 185.

para a continuidade da rede de inter-relações pessoais/intelectuais promovidas por Oscar Leal.

PÁDUA CARVALHO³⁰



Antônio de Pádua Carvalho foi um dos poetas mais distintos e inspirados do Pará.

Pertencia a uma brilhante plêiade de jovens bardos paraenses como Paulino de Brito, Eustáquio de Azevedo, Marques de Carvalho, Luiz Tavares, Frederico Rhossard, Múcio Javrot, João do Rego, Júlio Cezar e outros.

³⁰ A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 1-2.

Pádua Carvalho foi sempre considerado o príncipe dos poetas deste elegante grupo.

Nasceu o distinto bardo na capital do Pará no ano de 1860. Depois de ter recebido alguma instrução, matriculou-se na Escola Normal daquele Estado, onde fez um curso invejável e brilhantíssimo. Mesmo como estudante, Pádua Carvalho já se salientava como mavioso poeta e emérito jornalista.

Pádua Carvalho foi um dos literatos mais apreciados do Pará. Como conteur foi inimitável. Com que naturalidade e elegância de estilo ele descrevia os panoramas mais belos da natureza! Seus versos são corretos, belos e inspirados.

Dizem que o ilustre moço muito sofreu com os zoilos perversos e invejosos. Mas isto dá-se em toda a parte. No Brasil não há crítica, há somente despeito.

Um seu amigo e colega disse o seguinte sobre a crítica, de que foi o poeta um mártir: "Pádua Carvalho não deixou contudo de sofrer o agulhão dos críticos protervos, dos pretenciosos literatos de encomenda, que ofuscar quiseram por vezes o brilho do seu talento. Foi um mártir. Ouvia as frases mórbidas do pessimismo caturra sem ligar-lhes importância. Sabia que os seus adversários eram os bem-aventurados poetastros incongruentes e reles, que, por serem pretenciosos, se julgam os corifeus da literatura Amazônica".

Na verdade, no Brasil poucos são os que criticam com imparcialidade e com mérito. Um deles infelizmente já não existe, este era o sol da crítica

brasileira. Foi Tito Lívio de Castro, falecido há poucos anos no Rio de Janeiro com 25 anos de idade.

Outro é o Dr. Silvio Romero, crítico severo, mas justo. Os mais são zoilos, que não tendo assunto para rabiscarem, procuram, não digo criticar, porque não sabem, mas ridicularizar as obras de outrem. Pádua de Carvalho foi um exímio poeta e digno de ser lido.

Leiam leitores este mimoso soneto:

Cromo

Com o olhar embaciado
Ao pé de um crucificado
Fazia chorar o esposo
E o filhinho tão formoso.

Vendo-lhe o corpo gelado
Diz o pai desventurado
Ao filhinho lacrimoso
"Tua mãe está em repouso,

A mãezinha já morreu!"
E o filhinho pensativo
Muito a custo adormeceu.

De manhã por entre ais
Não a vendo, ao pai pergunta

“Minha mãe não volta mais?”

Não poderá haver um soneto tão natural e inspirado como este. É uma joia.

Por ele, o leitor poderá fazer um juízo perfeito do mérito do bardo paraense.

Pádua Carvalho faleceu em sua própria terra no dia 6 de abril de 1889, contando somente 29 anos de idade.

Morreu quase esquecido.

Diz o seu amigo e também poeta Eustáquio de Azevedo que o próprio *Diário de Notícias*, jornal que o poeta levantou e deu vida, não passou do enfadonho *falecimento*, ao dar a funesta notícia de sua morte!

Ingrato! diz ele “que assim pagavam os sacrifícios que por ele passou”.

As obras do inditoso moço dão para formar um grosso volume e o Pará as publicando não fará mais do que render uma homenagem ao mais distinto dos seus filhos.

Arthur Goulart

LAFAIETE DE TOLEDO³¹



Lafaiete de Toledo, filho legítimo do capitão Antônio Augusto de Toledo e D. Thomásia de Toledo, nasceu na cidade de Araxá, em Minas Gerais, a 12 de novembro de 1865.

Em 1878, tendo concluído os seus estudos de escrituração mercantil, partiu para Uberaba, onde se empregou como guarda livros de uma casa comercial.

³¹ A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 2-3.

Em dezembro de 1885, levado pelo desejo de estudar e desenvolver-se em um meio mais adiantado, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde viu perderem-se todas as suas esperanças e partiu para Casa Branca, cidade do oeste do Estado de São Paulo, onde até pouco residia exercendo a sua antiga profissão. Ali se casou com D. Maria Farani, de cujo enlace conta já três filhos.

Nunca pode matricular-se em academias, tendo apenas frequentado escolas noturnas e preparatórios. Chegou a matricular-se ou ter o lugar reservado na Escola Militar do Rio, não conseguindo frequentá-la por motivos opostos por sua família. O que sabe deve a si mesmo e ao seu esforço incessante.

Houve tempo em que se dedicou ao estudo da filosofia positiva, sob que modelou sempre os seus trabalhos, tendo traduzido alguns trechos de escritores daquela escola. Estuda hoje também a ciência jurídica e deve bacharelar-se ainda na Faculdade de São Paulo. Sua feição característica é o estudo das línguas, história e geografia do país.

Tem escrito várias obras e na imprensa representado papel saliente, principalmente na propaganda das ideias abolicionista e republicana, em cujas fileiras alistou-se quando tinha 15 anos de idade.

Foi sócio fundador de várias associações e é membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob proposta do ilustre general Visconde Beaurepaire Rohan e proclamado na sessão de 17 de junho de 1892.

Conquanto viva modestamente em uma cidade de província, entregue aos afazeres, à família e aos livros, Lafaiete de Toledo mantém relações com muitos escritores nacionais e estrangeiros que muito o distinguem.

Eis a relação das obras que tem publicado, algumas das quais lhe valeram ótimos elogios da imprensa paulistana, do país e do estrangeiro.

Santistas ilustres (opúsculo sob o pseudônimo de Tancredo Lucas, Campinas), 1888 e 1889.

Almanaque de Casa Branca (de colaboração com Wenceslau de Almeida), 1887.

Pela pátria (panfleto republicano sob o pseudônimo de Lafite Júnior), 1888.

Positivismo e catolicismo (tradução).

Silva Jardim (biografia).

Monografia da Casa Branca.

Poetas mineiros (estudo histórico).

Ensaaios lexiológicos (publicados no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro).

Notícia histórica de Araxá (de colaboração com Octaviano de Toledo).

Possui o ilustre mineiro muitos outros trabalhos inéditos de valor, assim como algumas comédias já representadas com aceitação.

Tem redigido e colaborado nas seguintes folhas:

Denunciante, Nevoeiro, Mineiro, Paladino, Aurora Mineira, Volitivo, Monitor Uberabense, Gazeta de Uberaba, Tiradentes, Caipira, Paranaíba, Gazetinha de Passos, Município, Bem Público, Diário do Povo, Correio e Diário de Campinas, Diário Popular, Diário Mercantil e Correio Paulistano de São Paulo, *Diário da Manhã* de Santos, *Semana, Jornal do Comércio, Gazeta Nacional* do Rio e muitas outras folhas que seria longo enumerar.

O nome do nosso biografado é já bastante conhecido no Brasil, apesar da vida isolada e monótona que frui no doce conchego do lar, no interior do Estado de São Paulo.

Lafaiete de Toledo tem uma coisa contra si que muito o honra. É como o autor destas linhas, homem de poucos amigos ou por outra prefere ter poucos mas escolhidos. Embora pobre é soberbo, mas sabe manter ileso o seu caráter.

O principal na vida dos artistas, assim como na dos escritores, não é ter muitos por si – o número não vale tanto como a qualidade – e nada há mais invejável do que, como o caso sujeito, a fama alcançada entre os verdadeiros apreciadores, por uma série de trabalhos, num gênero que não suporta a mediocridade; sustentada pela franqueza e hombridade do caráter, que comunica ao talento o tom altivo e livre, de quem se compraz no trabalho e na diligência de atingir ao sonhado ponto de perfeição, aspiração permanente das naturezas privilegiadas, para quem o gosto é tudo.

FURTADO FILHO³²



O jovem escritor brasileiro, cujo retrato abrilhanta as páginas de *A Madrugada*, é um dos mais distintos representantes da imprensa de São Paulo. Moço modesto e cheio de talento, tem muitos admiradores em nossa mais seleta sociedade.

Nasceu o Dr. Raimundo Furtado Filho no dia 1º de março de 1872, contando portanto atualmente 23 anos de idade apenas.

³² A MADRUGADA. Lisboa, 8 maio 1895, a. 2, série 2, p. p. 2.

Completo o Curso de Humanidades em 1888, matriculando-se no ano seguinte no Curso de Direito da Faculdade de São Paulo.

Desde estudante de preparatórios já o simpático jovem dedicava-se com amor às lides da imprensa, colaborando e redigindo apreciáveis periódicos acadêmicos. Começou a sua carreira jornalística como repórter do *Diário Popular*, excelente e popularíssima folha que se publica em São Paulo sob a abalizada direção do Sr. José Maria Lisboa, português de nascimento, mas brasileiro de coração.

Depois o Dr. Furtado Filho passou a auxiliar da redação do *Correio Paulistano* onde escrevia primorosos artigos sob o pseudônimo de Melo Dias.

Igual cargo ocupou mais tarde na redação do *Estado de São Paulo*, merecendo sempre a estima sincera não só dos diretores desses conceituados órgãos, como dos respectivos corpos tipográficos. Distinguiu-se sempre como um jovem talentoso, honesto e trabalhador.

Em 1891, o Dr. Furtado Filho esteve na Europa em tratamento de saúde, aproveitando o tempo de sua estada em Paris, para frequentar a Escola de Direito e cursos de literatura clássica de Ferdinand Brunetière e Francisque Sarcey. E estudou com grande aproveitamento durante sua estada no Velho Mundo, pois angariou notáveis conhecimentos literários, tornando-se um jornalista moderno e apreciável.

Regressou a São Paulo em janeiro de 1892, e em novembro desse mesmo ano prestava ato do quinto ano de Direito, sendo plenamente aprovado, recebendo dias depois o grau de bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas.

Assim que chegou da Europa o ilustre escritor passou de novo a fazer parte da redação do *Diário Popular*.

É atualmente redator literário da importante folha paulista, onde escreve contos belíssimos, crônicas modernas e outros artigos de assunto literário.

Em 1894 deu à luz da publicidade um encantador livro – *Contos e impressões*, obra que mereceu gerais encômios de ilustres críticos brasileiros.

O Dr. Furtado Filho é enfim um rapaz de maneiras distintas, delicadíssimo; e, dedicando-lhe estas linhas, temos em vista prestar homenagem ao mérito e tornar conhecido o incansável cultor das letras, o jornalista cintilante, que se já bastante se elevou pela inteligência, muito há dele ainda a esperar.

São Paulo.

Arthur Goulart

QUINTINO BOCAIÚVA³³



Quintino Bocaiúva é o diretor político do *País*, do Rio de Janeiro.

Este nome tem-se imposto ao apreço público, porque é o de um jornalista distinto e de um político *enragé*, que defende com o prestígio da sua palavra convicta a causa que defende.

³³ A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 2.

Por ocasião da implantação da República no Brasil, Quintino Bocaiúva tornou-se bastante notável e ocupou o lugar de ministro dos negócios estrangeiros, tendo contribuído poderosamente como republicano histórico para o triunfo da causa que sempre defendeu com inteligência e valor.

O nosso colega Xavier de Carvalho, biografando-o, disse "... pela sua poderosa individualidade como homem político, como escritor, como força ativa e dirigente no meio social em que vive, como caráter superior, como espírito de tão rara cultura intelectual pertence a essa *elite* humana a que o sábio Letourneau, no estudo crítico da escritora russa Nikitine, chama: *le petit bataillon sacré* e a que nós chamaremos a gloriosa ala de enamorados do direito e da justiça, um punhado de almas de ouro, aureoladas pelas bênçãos dos que sofreram e dos que lutam!".

O distinto brasileiro, cujo retrato ilumina hoje uma página da nossa revista iniciou a sua carreira política como redator do *Diário do Rio de Janeiro* e conta hoje cinquenta e nove anos de idade.

JOSÉ DO PATROCÍNIO³⁴



É um dos jornalistas mais apreciados no Brasil pela infatigável faina que desenvolve, sendo os seus escritos lidos sempre com verdadeira sofreguidão porque neles se assiná-la perfeitamente a convicção das suas crenças e o ardor das causas que defende.

Para aqueles que desfrutam a sua amizade é um encanto ouvir-lhe a conversação doce e insinuante, graciosa e mordaz, como são os seus escritos cheios de verdade, de espírito e sensatez.

³⁴ A MADRUGADA. Lisboa, 18 set. 1895, a. 2, série 2, p. 2.

O autor destas linhas conhece José do Patrocínio há cerca de 17 anos, e conquanto uma criança nessa época, afastado da família e sofrendo durante curto prazo injustamente as represálias da sorte sem soltar um queixume, teve ocasião de apreciar de perto e como vizinho, os altos merecimentos desse grande apóstolo da liberdade.

José do Patrocínio, um dos mais ousados e destemidos campeões da causa abolicionista, é também um notável literato e sobretudo um desses oradores populares, cuja palavra desperta sempre o maior entusiasmo nos que correm a ouvi-lo.

Publicou várias obras, entre as quais *A pena de morte* e *Os retirantes*, quando redator da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Foi também redator da *Gazeta da Tarde* e de muitas outras folhas até fundar a *Cidade do Rio*, que continua a dirigir ao lado de distintos companheiros.

José do Patrocínio nasceu no Estado do Rio de Janeiro (creio que em Campos) e deve contar quarenta e tantos anos de idade.

A publicação destas linhas e do seu retrato bastam para provar a admiração e respeito que lhe tributamos.

AFONSO CELSO JÚNIOR³⁵



Bem poucos escritores têm conquistado tantas simpatias no Brasil como o autor dos *Vultos e fatos*.

³⁵ A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 2.

Afonso Celso nasceu na capital de Minas Gerais, é filho do ilustre Visconde de Ouro Preto e conta 34 anos. Em 1880 bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, tirando o título de doutor no ano seguinte.

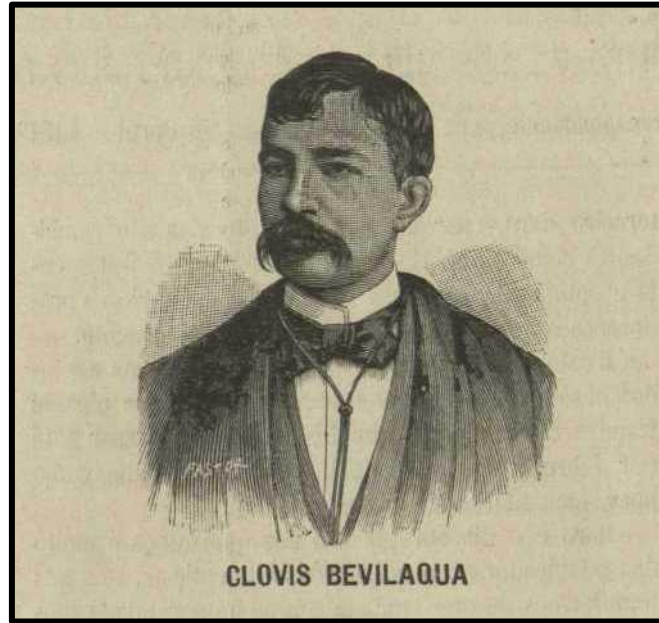
Embora o nosso credo político, de hoje, divirja, o seu talento enche-nos de admiração. *De hoje*, dissemos porque embora Afonso Celso tivesse sido eleito pelo antigo partido liberal, a sua estreia na Câmara foi quase a de um convicto republicano.

Talvez impelido por um nobre sentimento filial é que ultimamente pôs de parte as suas antigas crenças e quase afastado das lutas políticas vemo-lo dia a dia enriquecer a literatura pátria, a qual tem prestado muito bons serviços.

São estas as suas obras publicadas, algumas das quais têm alcançado notável voga: *Devaneios, Poemetos, Telas sonantes, Camões, Vultos e fatos, Minha filha, Imperador no exílio, Lupe, Rimas de outrora, Notas e ficções e um invejado*.

O Dr. Afonso Celso Júnior, que é um cavalheiro muito afável e delicado, é lente da Faculdade Livre de Direito, oficial da Legião de Honra da França, e S. Tiago de Portugal, membro da Sociedade de Geografia e Instituto Histórico e Geográfico, do Rio de Janeiro, e da Academia de Ciências, de Lisboa, etc.

CLÓVIS BEVILAQUA³⁶



É um nome que se impõe à estima e consideração de todos pela sua brilhante e esclarecida inteligência.

Clóvis Bevilacqua nasceu no Ceará, berço de tantos outros homens ilustres.

Notável como lente, apreciado como poeta e prosador distintíssimo, a sua obra encerra lances assombrosamente geniais que maravilham.

³⁶ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 2.

É um dos escritores mais apreciados do Brasil principalmente no norte do país, sendo os seus livros procurados e lidos por todos quantos se dedicam ao cultivo das letras e sabem ver nele um dos mais distintos lentes da Escola de Direito de Pernambuco, onde há muitos anos reside.

Pode julgar-se um preguiçoso como ele próprio modestamente nos informou, certamente para evitar comprometimentos, que o podiam trazer ainda mais atarefado do que ordinariamente anda, todavia a sua obra grande e de valor, prova-nos o contrário. que o diga a mocidade estudiosa que sabe aquilatar os seus altos méritos.

Conhecedor em extremo do meio em que vive, meio escabroso para aqueles que se queiram distinguir pondo em prática os inúmeros recursos ao seu dispor, o Dr. Clóvis Bevilaqua aparece aos seus amigos e admiradores quando é absolutamente precisa a sua presença, levando a maior parte do tempo entregue aos estudos e ao doce conchego do lar doméstico. Criterioso e honrado nunca tem para os seus confrades senão o elogio ou palavras de animação que muito o enobrecem e o tornam estimado de todos.

A sua individualidade há de sem dúvida destacar-se na tela da história pátria brilhantemente como tem direito pelas belas faculdades que possui e o vão notabilizando.

São notáveis, sobretudo, os seus trabalhos jurídicos, entre os quais podemos citar como importantes peças as suas *Breves lições sobre legislação comparada*, os seus excelentes *Ensaios jurídicos sobre economia política*.

Há pouco publicou um belo volume com o título *Frase e fantasias* e a livraria de José Magalhães, na Bahia, acaba de editar-lhe uma importante obra sobre Direito.

Faltam-nos dados e informações para sermos mais longos nas nossas apreciações, como desejávamos, mas não importa porque para os leitores de quem o ilustre biografado era desconhecido há um recurso – o conhecimento que devem tomar de seus trabalhos.

JOÃO BARRETO – MANOEL ARÃO – ERNESTO SANTOS³⁷



Que deliciosa trempe!

Três rapazes de talento esses de quem vamos tratar ligeiramente nestas linhas e que compõem a redação da *Vanguarda*, simpática revista literária que se publica em Pernambuco.

João Barreto de Menezes – É filho do ilustre homem de letras Tobias Barreto, de saudosa memória.

Nasceu no Recife, onde fez os primeiros estudos. Publicou já dois ou três volumes de versos que foram bem recebidos pela imprensa e confirma atualmente os seus estudos na Escola Militar do Ceará, de que é distinto aluno.

³⁷ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 3.

É poeta por temperamento e ninguém como ele recita ou improvisa melhor numa reunião, numa festa artística ou literária, num teatro em honra à arte ou por ocasião de uma solenidade qualquer.

Diante do gênio a sua organização agita-se, estremece. Então João Barreto entusiasma-se e todo ele se curva em nervoso preito.

Dele temos muito a esperar.

Manoel Arão – Muitas vezes tristonho e melancólico, mas ato contínuo alegre, expansivo e eloquente.

Nasceu em Ingazeira, no interior do Estado do Pernambuco, a 11 de janeiro de 1873. Aos 13 anos já fazia versos que publicava nos jornais da sua aldeia.

Rapaz de talento, faltava-lhe apenas o cultivo, mas como a fortuna até hoje não lhe quis dar um ar da sua graça, tem como os seus dois companheiros lutado e trabalhado, ao mesmo tempo que estuda e adquire bons conhecimentos.

Abandonando um dia a sua terra, partiu Arão para o Recife, e, como filho dileto e extremoso, teve a ventura de conservar-se ao lado da sua mãe, que o ama e estremece.

Confiado talvez na sua estrela, esperou que o trabalho lhe aparecesse e a felicidade lhe fizesse um aceno gentil, no novo meio em que acabava de entrar. E logo encontrou um benfeitor na pessoa do nosso saudoso amigo Dr. Filipe Figueiroa, então redator principal do *Diário de Pernambuco* (a principal e mais antiga folha que se publica no norte do Brasil) que o chamou para seu lado.

Assim, bem depressa o temos visto, pelas colunas desse jornal, por em evidência a sua inteligência clara e viva. É um talento que desabrocha, ávido de saber e desejoso de luz.

Tendo arrostado sem dar o mínimo cavaco com a crítica violenta, obra dos seus comprovincianos maus e invejosos, segue dignamente a carreira que encetou, em busca de louros que não tardará a colher.

Publicou um mimoso livro de versos, *Íntimas*, um outro trabalho em prosa e tem prontas para dar ao prelo duas obras – *Mártir e anjo* e *A adúltera*.

Manoel Arão continua ao lado do virtuoso e distinto Dr. Antônio Witruvio, a desenvolver uma faina infatigável, como um dos primeiros redatores do antigo *Diário*.

Nos momentos que tem livres trabalha e estuda.

Vivesse Arão em meio menos egoísta e talvez tivesse já encontrado uma alma generosa, que lhe estabelecesse uma pensão para estudar que é do que mais necessita. Todavia, confiado mesmo no vigor do talento próprio, sua única riqueza, há de conquistar palmo a palmo uma bela posição e um bonito nome.

Que lhe sirvam os nossos merecidos louvores de proveitoso estímulo são os nossos bons desejos.

Ernesto Santos – Poeta por nascimento. Como os outros dois, uma criança ainda. A sua brandura, o seu olhar meigo e toda a sua simplicidade, assemelha-se a um véu que encobre sorrateiramente uma luz fulgurante e viva.

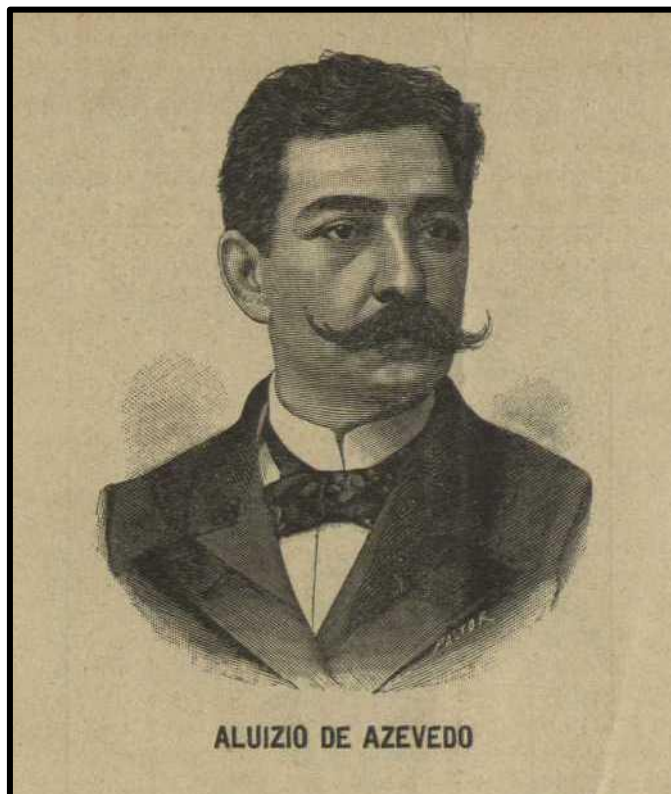
Os seus versos estão sendo reproduzidos nas principais folhas do Brasil. Dele é um belo e chistoso soneto que hoje publicamos na respectiva seção literária.

Ernesto de Paulo Santos é natural de Pernambuco e exerce atualmente um cargo qualquer na administração da cadeia do Recife, por isso não deverá causar admiração se um dia nos der uma prova analítica do seus conhecimentos acerca das misérias humanas, mesmo sem as ter experimentado.

Este simpático e modesto rapaz tem publicado já em folheto vários escorços literários e trata agora de colecionar as suas mimosas produções poéticas, para entregá-las à publicidade reunidas em volume. Santos é presidente do Grêmio Literário Tobias Barreto.

A redação e a direção de *Madrugada* publicando os retratos destes três jovens amantes do saber e das letras, sente prazer por esta forma em provar, que tanto elogia e aplaude os grandes mestres, como os grandes discípulos.

ALUÍZIO AZEVEDO³⁸



É muito grato e agradável podermos contemplar estes homens de talento já reconhecido e comprovado dia a dia por novas provas, que no meio das abnegações mais extremas e sacrifícios de toda a espécie, conseguem elevar-se

³⁸ A MADRUGADA. Lisboa, jan. 1896, a. 3, série 3, p. 1-2.

fazendo brasão do trabalho e apontando-nos a sorrir entre inúmeras provações como triunfa a força de vontade guiada pela razão e pela constância.

Ninguém que não esteja a par do passado de Aluizio de Azevedo pode imaginar o capital de sofrimentos acrisolados preciso para produzir-lhe o primeiro dia feliz da sua existência.

Aluizio lutou muito durante longo tempo, foi muitas vezes fulminado pela crítica mordaz, anônima e mesquinha, mas lutou e... venceu.

Hoje é considerado justamente como um dos mais distintos e festejados escritores brasileiros e irmão de outro igualmente distinto e bastante apreciado – Arthur de Azevedo.

Os seus livros, verdadeiros escrínios de beleza de estilo, são lidos com sofreguidão e poucos como ele têm conquistado tantas e merecidas simpatias na sua pátria.

Aluizio de Azevedo nasceu no Maranhão e é filho do antigo cônsul português naquela cidade.

Aos 17 anos escreveu um romance *Lágrimas de mulher* e mais tarde publicou outro *O mulato*, trabalho este que lhe serviu para popularizar o seu nome.

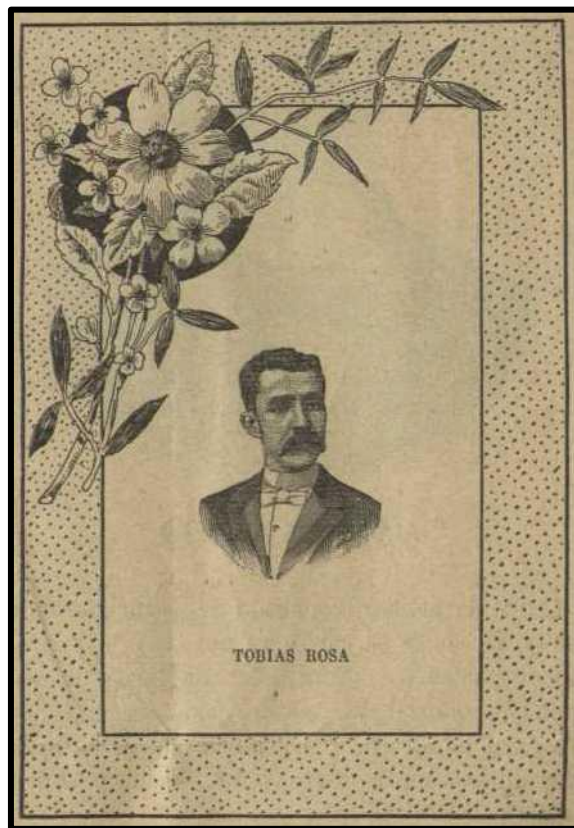
O seu belo e fecundo talento tem-se manifestado claramente em sucessivas publicações, muitas delas filiadas à florescente e apreciada escola naturalista.

Assim podemos citar – *A casa de pensão, O cortiço, O homem, O Coruja, Filomena Borges, Mortalha de Alzira, Livro de uma sogra* e muitos outros.

Em todas as suas obras afirma-se o valente escritor com incontestável brilho e relevo artístico, exercendo assim poderosa influência na orientação e gosto literário da hodierna geração.

Como amigo sempre ouvimos dizer que deixa de ser simpático para ser adorável.

TOBIAS ROSA³⁹



Também hoje honra uma das páginas desta folha mais um desses obreiros do progresso, que à força de uma constância pertinaz e de um labor

³⁹ A MADRUGADA. Lisboa, jan. 1896, a. 3, série 3, p. 2.

persistente de longos anos conseguiu ascender a um lugar elevado entre os mais distintos jornalistas provincianos do Brasil.

Tobias Rosa, segundo cremos, nasceu em Uberaba, Estado de Minas Gerais, e pertence a uma dessas famílias que têm o patrimônio do trabalho suave e honrado e se devotam sinceramente ao bem estar da sua terra.

Uberaba deve muito a Tobias Rosa o seu atual engrandecimento como proprietário e redator da *Gazeta*, importante jornal que ele ali manteve durante 17 anos. E não só Uberaba, mas também toda a zona do Triângulo Mineiro e o sul de Goiás muito lhe devem, porque, durante esse largo período, Rosa tornou-se o defensor de seus direitos.

A mocidade estudiosa daquelas paragens não pode deixar de um dia repartir com ele os louros conquistados, porque nunca Tobias Rosa lhes vedou as colunas do seu jornal, onde melhor principiaram muitos novos a evidenciar as suas qualidades de espírito, estimulando-os e fazendo-os galgar os primeiros degraus do templo majestoso da literatura pátria.

Podemos citar muitos nomes de alguns mancebos estudiosos e que bem poderão atestar o que levamos dito. São eles, por exemplo, Higino Rodrigues, Arthur Goulart, Arthur Costa, Teófilo Braga, Arthur Lobo e muitos outros, sem falar daqueles que ao lado de Rosa, como eméritos e completos periodistas, contribuíram para a difusão das mais belas ideias, cuja consequência se tornou forçosamente útil a todos.

Atualmente Tobias Rosa, talvez cansado de sofrer ingratidões e sem obter a justa e quando muito mesquinha recompensa do seu labor honesto e da sua atividade metódica, deixou Uberaba e partiu em busca, não de melhores ares, mas sim, como somos informados, de um meio menos egoísta, onde melhor possa encontrar o justo prêmio dos seus esforços. E ei-lo a caminho de São Paulo, o grande e rico estado cujo adiantamento é devido em grande parte ao elemento estrangeiro que lá predomina e à alta sabedoria de seus filhos.

Chegando a Ribeirão Preto, cidade importante e cabeça do município, onde se encontram terras soberbas que produzem o melhor café do mundo, parou Tobias Rosa, desencanaixotou as suas armas de combate e ei-lo, qual ousado paladino, manejando-as à frente de uma nova empresa jornalística, contribuindo não só para o maior desenvolvimento daquela localidade, mas de toda uma bela e próspera região sem esquecer mesmo de longe, velar pelo adiantamento da outra que acabava de deixar.

Uberaba, porém, tem de si para si, em bem curto prazo, reconhecido a falta do valente e imparcial jornalista, embora haja ali não menos dignos representantes da imprensa, que igualmente pugnam pelo seu desenvolvimento.

Mas esse povo, sem dúvida, não se demorará em pedir a volta de Tobias Rosa ao seu seio e com ele o reaparecimento da saudosa *Gazeta de Uberaba*.

Temos fé que assim há de suceder, e aos filhos da *Princesa do Sertão* compete ver realizado tal acontecimento.

REVOCATA DE MELO – JULIETA DE MELO⁴⁰



⁴⁰ A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 1.

Revocata de Melo

A nossa modesta folha, que tem prestado devida homenagem aos mais notáveis vultos das letras, procede agora com toda a justiça para com duas distintas literatas brasileiras.

Revocata de Melo, cujo retrato em miniatura fulge na primeira página da *Madrugada* é uma senhora distintíssima, que muito tem trabalhado para a elevação do nível intelectual da mulher no Brasil. Desde muito jovem principiou a cultivar as musas com brilhantismo. Os seus primeiros versos foram publicados em 1874 na *Grinalda* e depois fez parte da redação literária do *Diário de Pelotas*, folha hoje extinta.

Nascida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, descende a nossa ilustre patrícia de uma família conhecida no mundo das letras. Sua mãe, já falecida foi também uma distinta poetisa.

Há tempos publicou um livro em prosa intitulado *Folhas errantes*, prefaciado pelo escritor Múcio Teixeira e durante 12 anos redigiu o *Corimbo*, interessante revista em cujas colunas conseguiu firmar a reputação de que hoje goza.

Tem colaborado em muitos jornais brasileiros, assim como na *Pátria ilustrada* que em tempo se publicou em Buenos Aires e de colaboração com a sua distinta irmã, D. Julieta Monteiro, escreve o *Coração de mãe*, drama em 2 atos, e outro intitulado *Mário*.

Júlio Ribeiro, o saudoso filólogo paulista e autor da *Carne*, escreveu no *Correio de Santos*, a 23 de janeiro de 1886, em número especial a ela dedicado:

“Espírito superior, Revocata de Melo soube quebrar as prisões estreitas com que nós procuramos abafar as aspirações feminis, e fez voar o seu nome dos pampas do Rio Grande às florestas do Amazonas”.

Julieta Monteiro

Como sua irmã é uma distinta poetisa e digna da mesma simpatia.

Publicou um belo volume de poesias intitulado *Prelúdios*, que mereceu a honra de um prefácio traçado por Augusto E. Zaluar, e as *Oscilantes*, outra notável obra poética, com uma belíssima carta de apresentação firmada pelo simpático poeta Luiz Guimarães.

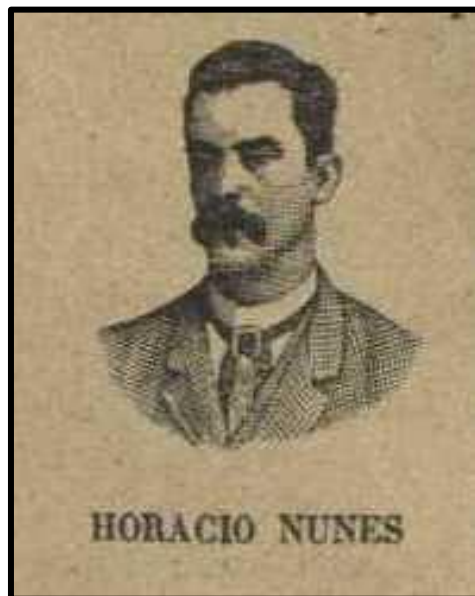
Ao lado de Revocata redigiu o *Corimbo* e tem colaborado em muitas revistas literárias da sua pátria e principalmente do seu estado natal.

A serem dados à luz da publicidade tem pronto um livro em prosa *Alma e coração* e também um novo volume de versos sob o título *Tabernáculo*.

D. Julieta de Melo tem a vantagem de reunir aos seus belos dotes uma inteligência superior.

À distinta rio-grandense enviamos as nossas mais vivas felicitações.

HORÁCIO NUNES⁴¹



Nasceu no Rio de Janeiro (hoje capital federal do Brasil) a 3 de março de 1855. É filho de Anfilóquio Nunes Pires, antigo diretor do Liceu Provincial, deputado, oficial maior da secretaria de governo e em 89, pouco antes do advento da república, diretor geral da instrução pública.

Horácio Nunes, de quem ligeiramente nos vamos ocupar, como escritor distinto que é, ocupa atualmente o cargo de diretor da seção de contabilidade do Tesouro do Estado de Santa Catarina, onde vive desde 1870 pelo menos e onde

⁴¹ A MADRUGADA. Lisboa, mar. 1896, a. 3, série 3, p. 3.

tem exercido vários cargos de confiança e que requerem talento para o bom desempenho.

Desde essa época até agora tem colaborado em inúmeras folhas não só daquela capital como de todo o país.

Mais do que ao romance e à poesia, tem-se dedicado à literatura dramática, de que é apaixonadíssimo. Os seus trabalhos, porém, estão quase todos inéditos, porque, como é sabido, são caríssimas no Brasil as impressões tipográficas e raros os editores.

Em romances tem *Juriti*, *Marieta*, *A orgulhosa* e *A leprosa*, sendo o melhor o primeiro. Em verso – *Saudades* e *Nebulosas*. Dramas com mais de um ato – *Rosas e goivos*, *Dolores*, *O bem e o mal*, *Coração de mulher*, *Helena*, *O Anjo do lar* e muitas comédias.

Além desses trabalhos tem alguns romances e diversos dramas e comédias traduzidas do francês e uma grande quantidade de contos e artigos publicados nos jornais de Santa Catarina.

Horácio Nunes é pois um homem que por seu valor e seu talento, tem prestado já bastantes serviços às letras brasileiras e digno portanto de figurar nas colunas da nossa modesta mas escrupulosa folha.

SILVIO ROMERO⁴²



Um dos retratos que ornarn o presente número da nossa modesta folha representa um dos vultos mais prestigiosos da literatura brasileira.

⁴² A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 1.

O Dr. Silvio Romero nasceu no Estado do Sergipe e é filho de pais portugueses.

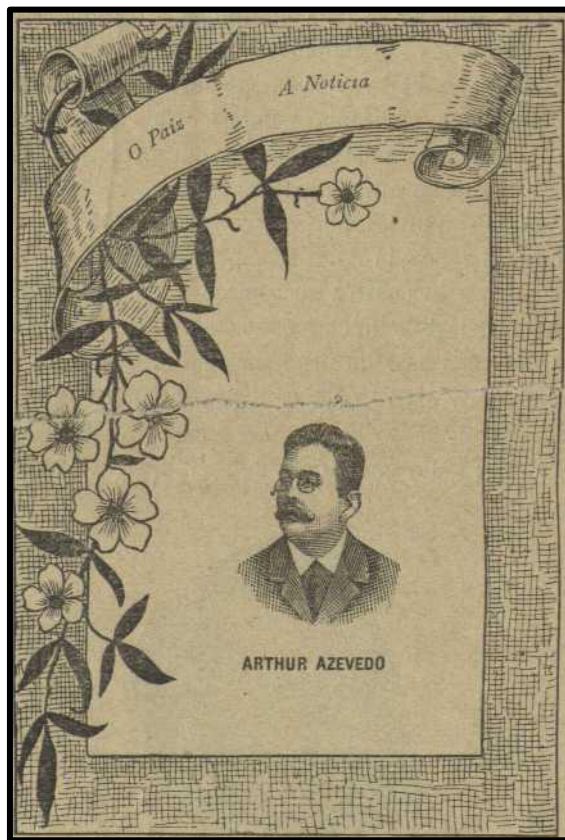
É um verdadeiro homem de ciência. Possui um temperamento excessivamente ardente e uma imaginação entusiástica, própria dos grandes pensadores.

Os seus escritos são sempre lidos com avidez e as suas obras muito procuradas.

Como crítico, dizem ser um tanto apaixonado e agressivo, consequência sem dúvida da sua firme e terminante maneira de pensar e de obrar.

Silvio Romero é lente do Ginásio Nacional, da Academia Livre de Direito do Rio de Janeiro e sócio de importantes associações científicas.

ARTHUR AZEVEDO⁴³



É de todos os escritores brasileiros o que mais horas consome no trabalho mental.

⁴³ A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 1-2.

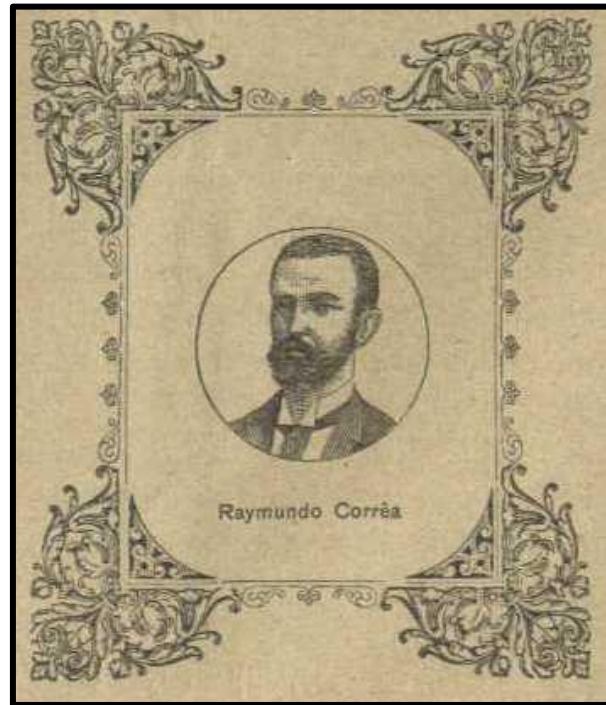
Dramaturgo, poeta, jornalista, conteur, e em todos os ramos da literatura que brilhantemente cultivava, o seu talento e fertilidade estão sempre em contínua evidência.

Atualmente ocupa um cargo público qualquer no Rio de Janeiro, onde vive há longo anos e é redator e colaborador do *País* e da *Notícia*.

Copiosíssima é a sua obra e notável por muitos títulos, compreendendo prosa e verso. A sua folha de serviços destaca-se de longa data nas fileiras do jornalismo fluminense, pelos extremos de uma dedicação viva e inteligente.

Arthur de Azevedo nasceu no Maranhão e é irmão do nosso ilustre amigo e grande romancista *Aluizio de Azevedo*, que atualmente se acha em Vigo como cônsul do Brasil

RAIMUNDO CORREIA⁴⁴



O poeta das *Aleluias* nasceu em 1860 a bordo do vapor São Luís em águas brasileiras.

Valentim Magalhães, há pouco, em uma das suas conferências no Rio de Janeiro, tendo em vista a vulgarização ou a propaganda da literatura, fez um retrato da fisionomia moral, intelectual e física do insigne poeta, e disse que ele

⁴⁴ A MADRUGADA. Lisboa, set. 1896, a. 3, série 4, p. 2.

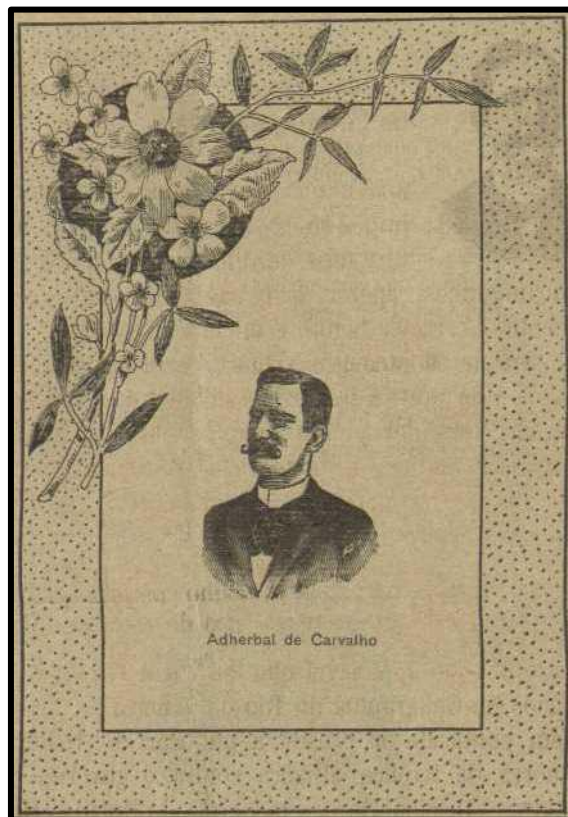
é um nervoso, magro, de estatura regular e musculatura medíocre; que parecendo ingênuo à primeira vista, é, pelo contrário, um espírito observador e atilado.

Raimundo Correia é um poeta original e sem escola, autor de muitos sonetos belíssimos, que por aí andam reproduzidos em muitas folhas de Portugal e Brasil.

Além das *Aleluias*, já publicou outros volumes – *Primeiros sonhos*, *Sinfonias* e *Versos e versões*.

É um poeta na mais perfeita acepção do termo. No último dos seus livros o seu talento manifesta-se brilhantemente. A poesia *Job* desse volume é um verdadeiro primor, como já eram considerados os seus sonetos *As pombas* e a *Missa da ressurreição*.

ADERBAL DE CARVALHO⁴⁵



De entre os escritores brasileiros contemporâneos destaca-se Adherbal de Carvalho, como um dos mais notáveis e dos mais fecundos.

⁴⁵ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 2.

Tendo perdido seu pai, o nosso ilustre e saudoso amigo Dr. José Alves Pereira de Carvalho, ainda bem novo, principiou Aderbal a dividir o tempo entre os seus estudos e as lucubrações literárias, que constituem a sua irresistível vocação, para o que não lhe falta talento, a par do seu belo temperamento artístico.

Aderbal de Carvalho nasceu em Niterói (Estado do Rio de Janeiro) em 3 de maio de 1868. Publicou aos 18 anos um romance naturalista – *A noiva*, que produziu um ruído escandaloso; e depois várias obras, entre outras, o *Naturalismo no Brasil*, *Efêmeras*, poesias.

Fundou com Silvio Romero o periódico literário *O Tempo*, de pouca duração, e é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Academia do Recife, obtendo logo em seguida à terminação do seu curso, o doce prêmio do desterro, indo parar em Santa Luzia de Carangola, no interior do Estado de Minas, como promotor público, aonde é provável continue a estas horas.

O Dr. Aderbal, além do *Brasil literário em 1897*, tem para publicar dois volumes de crítica, *Psicologia literária*, *A lei da razão no teatro*, etc.

NELSON DE SENNA⁴⁶

Nelson Coelho de Senna, filho legítimo do major-cirurgião-mor, Cândido José de Senna, e nascido a 11 de outubro de 1876, na cidade de Serro (Minas Gerais, é graduado pela Escola Normal de Diamantina, cujo curso terminou com distinção, em 1893. Ocupa atualmente o cargo de lente substituto no Externato do Ginásio Mineiro, em Ouro Preto (a velha capital do Estado), estuda Direito na Faculdade Livre de Minas, estando prestes a terminar o seu bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais; faz parte da redação literária do *Estado de Minas*,

⁴⁶ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 2.

conhecido órgão político redigido pelo ministro da viação da república. Jovem ainda, é autor de vários e apreciados trabalhos, uns publicados em periódicos do Estado, outros já dados à luz em folhetos, opúsculos, monografias, além de novas produções que conserva inéditas.

Faz parte de várias associações literárias, que o têm distinguido com honrosos diplomas.

Nelson de Senna é o autor do belo volume intitulado *Páginas tímidas*, de que demos notícia num dos últimos números da nossa folha.

ARTHUR MONTENEGRO⁴⁷



Escritor histórico de alguma nomeada. Nasceu em Uruburetama, em 20 de fevereiro de 1864.

Emoldurando a sua fisionomia numa das páginas desta folha, impõe-se ao nosso apreço por dois atributos de difícil e rara união que lhe distinguimos, apesar de o não conhecermos pessoalmente – caráter bonito e talento razoável.

⁴⁷ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1896, a. 3, série 4, p. 3.

J. Arthur Montenegro viajou nos seus primeiros anos de vida prática nas costas do Brasil, estudando pilotagem, mas deixando a carreira marítima, entrou para a escola militar de onde ficou desligado anos depois em consequência de questões políticas em que se viu envolvido.

O seu mais importante trabalho publicado é o *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*. O trecho sobre o Rio Ibicuí é uma monografia tão apreciável que lhe abriu as portas da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Tem publicado ou prestes a publicar a *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, *Dicionário da madeiras do Brasil*, *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana*, *Viagem pitoresca pelos Rios Paraná* e outros. Etc. Etc.

**O VIAJANTE ENCERRANDO SUA
JORNADA: A ESCOLHA
DA MORADA DEFINITIVA**

A despedida de Oscar Leal do Brasil, em 1894, foi cercada de alguma controvérsia. Diante das agitações políticas internas, com o crescimento das frentes radicais, nativistas e xenófobas, havia a tendência dele ser visto como um português (apesar de brasileiro de nascimento) e, portanto, como o inimigo em potencial. O país estava convulsionado, com guerras civis que espocavam do centro ao sul, além de permanecer dominado por uma ferrenha crise econômico-financeira que desvalorizava continuamente a moeda brasileira. No âmbito internacional, havia uma transição na colocação do Brasil da área de influência britânica para a estadunidense, bem como uma série de desentendimentos ocasionados a partir da Revolta da Armada no Rio de Janeiro, levaria à ruptura diplomática brasileiro-lusitana.

Ocorreram também algumas incongruências do ponto de vista pessoal, em relação à Leal, como foi o caso da drástica mudança de rumos nas decisões que havia tomado em relação à fixar-se na cidade do Recife. Após percorrer grande parte do território brasileiro, como dentista itinerante e naturalista, entre o final de 1893 e o início do ano seguinte, Oscar optou por estabelecer-se definitivamente na capital de Pernambuco, fixando residência, montando consultório e adquirindo matrimônio. Entretanto, ainda no primeiro bimestre de 1894, o escritor mudava completamente de ideia, despedia-se do Recife e partia para sua última excursão pelas terras brasileiras, viajando pelo norte do país até a fronteira com o Peru, adentrando às terras vizinhas, além de fazer o caminho de retorno, para praticar mais uma vez a odontologia itinerante, até retirar-se

definitivamente do Brasil⁴⁸. Além das circunstâncias críticas internas e externas que assolavam o país, Leal também teve alguns desentendimentos pessoais no Pernambuco, os quais viriam a dar origem às sátiras que o escritor promoveu no livro *O Parteiro*. Também pode ter acontecido algum problema de natureza matrimonial, sobre o qual o próprio autor se viu na necessidade de comentar⁴⁹.

Diante desse quadro, Oscar Leal decidiu adotar Lisboa como sua morada definitiva, a partir do segundo semestre de 1894, onde exerceu suas lides odontológicas e sua atuação como homem de letras. Apesar de tanto Leal repetir como brasileira a sua nacionalidade, Portugal era a “pátria do seu espírito”⁵⁰, tanto que Lisboa era a cidade para a qual o escritor retornava após suas tantas excursões pelo Brasil, bem como era o local em que editou praticamente todos os seus livros. A fixação na capital portuguesa não significou o encerramento das viagens de Oscar Leal, que continuaram acontecendo pelo próprio território luso, pela Europa centro-ocidental e até pela África, entretanto, dali em diante não ocorreu um retorno à América. O intervalo de tempo entre os deslocamentos diminuía e as múltiplas atividades como escritor e editor de periódicos contribuíam com a progressiva redução da vocação viageira.

⁴⁸ Ver o número 31 desta Coleção.

⁴⁹ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 4.

⁵⁰ TORRESÃO, Guiomar. Oscar Leal. In: GIL BRAZ. Lisboa, 10 maio 1898, a. 1, n. 2, p. 1.

Uma das últimas grandes empreitadas como viajor de Leal deu-se com uma ampla excursão promovida ao longo de vários países europeus e diversas regiões africanas, mormente nas colônias lusas em tal continente. De tal itinerário resultou o livro *Através da Europa e da África (viagens)*, publicado em 1901, no qual ele fez várias alusões ao seu gosto pelas viagens. Logo na abertura do livro, fazia referência à data de fevereiro de 1897, explicitando que acabara “de realizar uma esplêndida viagem de que hei de conservar, durante muito tempo, as mais vivas e agradáveis recordações, tantas e tão gratas foram as impressões que recebi”. Descrevia que estivera em Barcelona, Gerona, Nimes, Tarrascon, Marselha, Nice, Mônaco, Monte Carlo, La Condamine, Vintimille, Piza, Livorno, Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Bolonha, Pádua, Milão, Como, Lugano, Bellinsona, Zurique e Berne. Perante tal excursão, refletia com o questionamento “porque não devia ser assim, se a vida é tão curta e tão longas são as horas do sofrimento?”⁵¹.

Reforçando seu gosto pessoal pelo ato de viajar, Oscar Leal destacava que não havia “nada mais agradável para qualquer homem, dotado de alguns conhecimentos”, do que a realização de uma “viagem de estudo”. Diante disso, dizia que estava “plenamente satisfeito, e, palavra de honra, que doravante não sei qual o recanto deste pequeno globo terráqueo, que o meu pensamento e o meu espírito, sempre ávido de novas sensações, há de vir a descobrir”, de modo a excitar-lhe “o desejo de lá ir conhecer pessoalmente tudo quanto antes sentia

⁵¹ LEAL, Oscar. *Através da Europa e da África (viagens)*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901. p. 5-6.

pairar-me na mente por tradição vaga e confusa”. Referia-se ainda à “encantadora viagem”, cuja sua “boa estrela” permitiu-lhe “gozar de um tempo esplêndido desde o dia em que deixei Lisboa e o nosso pitoresco e majestoso Tejo até a minha chegada e partida de Nápoles”⁵².

Após o itinerário europeu, o escritor anunciava que, terminada a “viagem através da Europa, do mundo civilizado”, partiria para o “continente negro”, destacando “a facilidade” que tinha em adaptar-se “a todos os climas e a todas as variadas formas da vida. Desse modo, não seria de estranhar a sua “resolução” de passar “dos bulevares de Paris às plagas ardentes do vasto continente africano” e de trocar “a temperatura de zero pela de trinta ou trinta e cinco centígrados”. Da África ele pretendia contar tudo o que visse e aprendesse, promovendo “despretensiosas notas e impressões da viagem de estudo e clínica”. Encerrada a expedição, Leal afirmava que tinha a sua “consciência tranquila ao depor a pena”, pois teria atuado “imparcialmente” e “com lealdade”, já que “boas intenções” haviam lhe animado “desde a primeira página, e se mais longe não fui é que me não permitiu a ingênita deficiência da espécie humana”⁵³.

Em *Através da Europa e da África*, Leal já deixava evidenciado que, após seu percurso por terras africanas, viria a “fixar residência definitiva em

⁵² LEAL, Oscar. *Através da Europa e da África (viagens)*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901. p. 6-9.

⁵³ LEAL, Oscar. *Através da Europa e da África (viagens)*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901. p. 10-11 e 113.

Lisboa”⁵⁴. Além disso, o último capítulo do livro “Em Portugal”, refletia suas viagens pelo território luso e sua ampla admiração pelo país, constituindo uma verdadeira ode a Portugal. Era a constatação de um progressivo final de etapa da vida, e início de uma nova fase, na qual o viajero contumaz daria lugar ao morador lisbonense. Nessa linha, Oscar Leal optara por adotar sua morada definitiva naquele “jardim da Europa à beira-mar plantado”⁵⁵, expressão da qual lançou mão, ao citar um verso do escritor, poeta e homem público português Tomás Antônio Ribeiro Ferreira, para sintetizar sua paixão por Portugal.

Logo na abertura do texto, Leal lembrava as “magníficas impressões” que colhera durante suas tantas viagens por Brasil, América, África e Europa, as quais poderiam levá-lo a novas excursões, que acabariam por não se confirmar. Em seguida, passava a destacar as belezas e atrações das tantas regiões que compunham o território luso, para, ao final, confessar que amava “carinhosamente esta pátria portuguesa”. Desse modo, sem deixar de manifestar saudades e citar as tantas “recordações dos dias que passei embrenhado nas solidões deliciosas das sombrias florestas virgens da América, em contemplação e estudo”, ou ainda do tempo em que estivera “entregue às delícias do prazer nas grandes capitais europeias”, declarava que “antes de depor a pena” não poderia deixar de referir-se “ao nosso Portugal”. Era um momento de inflexão e uma virada na vida do viajero, que tratava de “dar

⁵⁴ LEAL, Oscar. *Através da Europa e da África (viagens)*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901. p. 11.

⁵⁵ A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

conta do que viu e viveu”, apresentando seus olhares e relatos para aqueles “que ficaram, que não fizeram a viagem e que têm curiosidade relativamente à ela”⁵⁶. Dava-se o final de um ciclo, e o desejo do escritor de que, em Portugal, poderia “morrer na tranquilidade das almas que partem desta vida sentindo-se felizes”, se confirmaria, pois seu falecimento deu-se em Lisboa, no ano de 1910.

⁵⁶ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 266.

EM PORTUGAL



AGNIFICAS impressões tenho colhido durante as minhas últimas viagens através de todo o Brazil e em parte da America, da Africa e da Europa. Impressões que por muito tempo conservarei gravadas no meu espirito e que, quem sabe, talvez me levem a novas visitas para admirar mais demoradamente tantas maravilhas como aquelas que hei tido a fortuna de admirar até hoje.

Não são menos agradáveis nem menos bellas as impressões recebidas na minha longa permanencia n'este cantinho occidental da Europa, chamado Portugal, pedaço do velho mundo que é verdadeiramente edénico. N'este cantinho

EM PORTUGAL⁵⁷

Magníficas impressões tenho colhido durante as minhas últimas viagens através de todo o Brasil e em parte da América, da África e da Europa. Impressões que por muito tempo conservarei gravadas no meu espírito e que, quem sabe, talvez me levem a novas visitas para admirar mais demoradamente tantas maravilhas como aquelas que hei tido a fortuna de admirar até hoje.

Não são menos agradáveis nem menos belas as impressões recebidas da minha longa permanência neste cantinho ocidental da Europa, chamado Portugal, pedaço do Velho Mundo que é verdadeiramente edênico. Neste cantinho passei a infância, nele tenho vivido anos seguidos e oxalá possa aqui morrer na tranquilidade das almas que partem desta vida sentindo-se felizes.

É linda esta terra portuguesa, é um paraíso. E eu não exagero, mas falo pelos conhecimentos que me permitem compará-la com outras regiões do mundo. Acaso haverá país que reúna tantas belezas, tantos encantos e tão grandes riquezas naturais? Eu, que quase corri já as sete partidas, não conheço outro jardim formoso e adorável como este. É um verdadeiro éden pelas suas belezas naturais, pela riqueza e pompa dos seus jardins sempre verdejantes e floridos, pela brandura e influência profilática do seu clima que permite ao estrangeiro com a saúde arruinada pelos prazeres das grandes cidades europeias vir retemperar-se nesta atmosfera pura e saudável como poucas, durante os curtos dias de um inverno geralmente benigno.

⁵⁷ LEAL, Oscar. *Através da Europa e da África (viagens)*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1901. p. 213-217.

Ubérrimo o solo, quase patriarcais os costumes. Povo ordeiro e digno, cuja história é todo um poema de paz e de amor a servir de luzeiro às gerações vindouras! Bastos monumentos arquitetônicos, atestados de um trabalho incessante se encontrara por toda a parte. Quem deixará, pois, de colher as melhores impressões ao visitar este jardim à beira-mar plantado, como lhe chamou certo poeta de nome?

Se de Portugal tudo é grandioso e encantador quem se não sentirá arrebatado com as suas esplêndidas perspectivas, com Lisboa, estendendo-se à beira Tejo, com Cascais banhando-se no mar, com Cintra e Colares erguendo-se altivas sobre verdejantes montes, com Aveiro e a Figueira espreguiçando-se dolentemente nos braços do oceano, com o Porto sempre ousado e sempre generoso no cume dos seus píncaros sobranceiros ao pitoresco Douro, com a sábia Coimbra, com o sorridente Buçaco, com as neves da Serra da Estrela, com o adorável Minho, com o agreste Trás-os-Montes, com a ingênua Beira, com tantas coisas deliciosas que abundam neste maravilho país. Terra tão rica e tão mal apreciada pelos próprios filhos!

Quem deixará de ser homem de coração, ainda que não seja poeta, para falar sempre com entusiasmo desta bela praia peninsular, do nosso sol esplêndido, deste majestoso Tejo, para deixar-se ficar indiferente a tantos e tão incomparáveis encantos.

Pode haver cidade mais bela do que Lisboa, com os seus arrabaldes sobre o Tejo? Acaso se encontrará água mais pura do que as das suas fontes cobertas de hera que a cada passo encontramos nos caminhos? Sem pedir licença às

andaluzas. Já viram mulheres mais ternas e mais sedutoras, do que as ingênuas filhas deste país prodigioso que se estende em requebros de graça desde o exuberante Algarve ao pitoresco Minho?

Internando-se e galgando no interior de Portugal esses formosos pináculos escarpados e de beleza alpestre, sequioso de experimentar deliciosas emoções, contemplando com o coração enlevado paisagens magníficas, o viajante sentir-se-á forçosamente extasiado e tomado de sensações nunca experimentadas quer tenha vindo da Rússia fria ou da África ardente, da moderna América ou da culta França. Sensações tanto mais agradáveis quanto inesperadas, porque, pouco visitado até hoje, ainda se desconhece lá fora que este país vale dez Suíças em perspectivas grandiosas e arrebatadoras.

Eu que tenho visitado tantas regiões diversas do mundo, estado nos países mais vários e belos, reconheço que Portugal oferece o mais extraordinário conjunto de belezas e possui riquezas de toda a ordem, todas muito mal apreciadas ainda, que não temos sabido apreciar e por em revelo. Pois, com tantos encantos e tantas riquezas, podia ser esta uma das nações mais ricas e mais poderosas da Europa, que o foi nesses tempos áureos do Venturoso rei D. Manuel.

Nesta altura, permitam-me que formule esta pergunta: porque se encontra Portugal reduzido a viver na mais angustiosa situação e correndo risco de vir a cair sob o domínio de qualquer nação aparecida muito mais tarde na senda da civilização e sem tão larga folha de serviços pela causa da humanidade? É que, infelizmente, este país deixou-se adormecer na mais lamentável das

indolências, entregou-se amarrado de pés e mãos à ignorância. Pois urge que Portugal despedace essas algemas e, rico e formoso como é, volte a ocupar na cena do mundo o papel a que tem jus por sua galhardia e sua inteligência.

Eu amo carinhosamente esta pátria portuguesa e é tomado de mil saudades e recordações, lembrando-me dos dias que passei embrenhado nas solidões deliciosas das sombrias florestas virgens da América, em contemplação e estudo, ou entregue às delícias do prazer nas grandes capitais europeias, que antes de depor a pena não pude deixar de referir-me ao nosso Portugal, tão pequeno em geografia aqui na Europa, mas tão grande no mundo em feitos assombrosos. E é com o maior prazer que escrevi mais este livro de viagens, modesto trabalho que tenho a honra de oferecer como testemunho de gratidão aos meus contemporâneos.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção
Documentos
34

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-17-1